





RECOMEÇAR,

para ser  
*Feliz*

escrito por

*Antonio Martinez Brentan*

São Sebastião Pontal - MG

Primeira edição | Maio de 2024

Copyright © 2024 *by*  
Antonio Martines Brentan

Dados para contato com o autor: Antonio Martines Brentan  
Av. São Sebastião, 564 - CEP 38292-000 - São Sebastião Pontal - MG

Copyright © [Todos os Direitos Reservados 2024] Essa obra possui Direitos Autorais reservados ao autor. É expressamente proibida toda e qualquer reprodução [cópia] republicação, transmissão, modificação, adaptação ou qualquer forma de utilização das imagens, textos, documentos, arquivos e fotos, no todo ou em parte, sem autorização prévia [por escrito] do autor ou toda e qualquer utilização considerada abusiva ou indevida deste material será penalizada e sofrerá as sanções previstas em Lei.

Diagramação e composição: Marcos Ferreira

Revisão gramatical: Autor

Capa e composição: Marcos Ferreira

Imagens da capa e contra-capas: Zara Lúcia

• • •

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

RECOMEÇAR,

para ser  
*Feliz*

escrito por

*Antonio Martinez Brentan*

São Sebastião Pontal - MG

Maio de 2024

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Realizada pelo autor, São Sebastião Pontal - MG, Brasil)

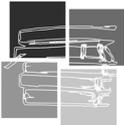
Martines Brentan, Antonio (Escritor).

Recomeçar, para ser feliz -- Antonio Martines Brentan. -- São Sebastião Pontal, MG. ; Zara Lúcia (fotografia) : Edição do autor. 1ª ed. maio de 2024.

1. Esperança 2. Bem-estar 3. Evolução  
4. Experiência de Vida I. Brentan, Antonio Martines, 1956 II. Título.

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Bem-estar : Autoajuda : Esperança - Tempos melhores



# Índice

Prefácio .....	11
Introdução.....	15
Uma Decisão Improvisada .....	19
Um Encontro Casual.....	27
O Primeiro Emprego.....	33
A História Começa a ser Revelada.....	39
O Preço da Imprevidência.....	45
Conselho de Amigo.....	51

O Passado Ressurgindo.....	57
Segundo Mandamento, Amai-vos e Instrui-vos.....	65
O Drama de Zuma.....	71
Joel Muito Bem Assessorado.....	79
Almoço em Família.....	87
A Coragem de Joel.....	93
O Passado, Presente!.....	101
O Aguilhão do Remorso.....	109
O Difícil Resgate.....	117
Um Domingo de Entendimentos.....	125
Preces não se Sonegam.....	135
As Imperfeições de Cada um.....	143
Natal na Roça.....	153
Ano Novo, Vida Nova.....	159
Um Projeto Despretensioso.....	165
Deus Ajuda, Àqueles que se Ajudam.....	171

O Salvador da Família Freitas.....	177
Bom Sinal de Vida.....	183
O Grande Significado de um Gesto.....	189
O Noivado de Joel e Zuma.....	195
Encontro de Famílias.....	201
O Casamento de Joel e Zuma.....	207
Joel, o Intermediário.....	213
Só Boas Notícias.....	223
Epílogo.....	231





# Prefácio

**N**ÃO OBSTANTE TODOS TEREM conhecimento que nossos singelos romances, são histórias fictícias, que nossa imaginação vai montando, sempre pautados nos conceitos preconizados pela Doutrina Espírita, que têm como finalidade, ajudar aos seres humanos interpretarem, e aceitarem acontecimentos, que não raro estão presentes na vida das pessoas. Quando nossa visão adquire capacidade de compreender, que o que somos, não se restringem às aquisições obtidas na atual existência, e nem se encerrarão, quando cumprirmos o prazo de nossa permanência aqui nesse mundo. Isso de certa forma é consolador, e nos proporcionam esperanças, e a certeza de que tudo é transitório, e nos imputam responsabili-

dades, para aperfeiçoarmos nossas condutas, procurando evitar comprometer-nos com as Leis que regem nossas existências, porque devemos adequarmos a elas. Para entendê-las e aceitá-las, DEUS concedeu-nos inteligência e o livre arbítrio, portanto essas conquistas, são aquisições individuais, de fórum íntimo particular, acessível a todos. Que nos leva concluir: “Nunca é tarde, para se ser feliz”.

Há de se admitir que cada ser humano é um universo único, cada qual entende e aceita às coisas a sua maneira, de conformidade com sua capacidade de assimilação, alguns com mais facilidade, outros com resistência, mas à medida que vamos nos apropriamos de alguns valores, intelectuais, morais, e éticos, automaticamente vamos nos depurando de práticas que julgamos inofensivas, mas conforme conscientemente deixamos de utilizá-las, perceberemos o quanto nos prejudicavam. Todo progresso que realizamos nesse sentido, são aquisições imperecíveis, que vão alavancando novas descobertas, o retrocesso não é próprio da natureza, da evolução espiritual.

À medida que vamos conhecendo essas novas situações, se torna possível percebermos, como reagiremos diante delas, e entendemos que por aqui tudo isso seja possível. Alguns têm capacidade de solucioná-las, outros em agravá-los potencialmente, tornando sua solução mais complicadas. À semelhança da vida real, faz-se necessário a convivência. Isso tudo acontece devido às condições evolutivas que estamos passando, mas nem sempre será assim. Excursionando em pensamentos por mundos evoluídos, observamos que essas sociedades conseguiram

superar essas fases iniciais, o homem teria conquistado à condição de gradativamente, libertar-se dos piores de seus pendores, estariam aptos viverem em harmonia, desfrutando um clima de total independência, todos indistintamente haveriam adquirido capacidade de resolver seus próprios problemas, passaram obedecerem sistematicamente às Leis de Deus, logo às dificuldades aqui corriqueiramente existentes, nesse mundo imaginário, não são mais encontradas. Imaginar um mundo assim exige do cérebro humano, algum esforço pessoal, porque haveria de abdicar-se desses valores, intensivamente ainda praticados por aqui. Mas nesses orbes imaginários, foram completamente abolidos, por não condizerem com sua realidade, e suas necessidades. Não obstante as conquistas tecnológicas e intelectuais realizadas até agora pelos habitantes de nosso mundo, sob esse aspecto resultaram insignificantes e poderíamos considerá-las desprezíveis, por dependermos ainda, quase tudo da contribuição de outrem. Somente quem conseguir imaginar um mundo nesse estado de coisas, teria capacidade de compreender que isso seria perfeitamente possível. Assim imaginamos nosso planeta Terra, quando em breve, estivermos vivendo sob a égide da Regeneração.

*Antonio Martinez Brentan*

São Sebastião do Pontal – MG, 20/10/2023





# Introdução

**Q**UANDO AS PESSOAS ACEITAREM ÀS outras como elas são, muitos conflitos e desavenças deixarão de acontecer. Não queiramos que o mundo seja da nossa maneira, ninguém é perfeito, perfeição absoluta é um atributo exclusivo do Criador. À medida que nos libertamos de nossas más tendências, percebemos o quanto ainda estamos distantes do ideal, por nos ocuparmos mais com as imperfeições alheias, que propriamente com as nossas. São exatamente nossas atitudes, e opções equivocadas que nos causam os maiores embaraços, todos indistintamente procuram avidamente encontrar a felicidade, sem perceber que primeiramente temos que termos paz de espírito, e a consciência tranquila, sem essas conquistas preliminares nossa felicidade será apenas ilu-

sória. Quando a Doutrina Espírita prescreveu como seu segundo mandamento, “Amai-vos, e instrui-vos”, indicou-nos o caminho mais seguro para se alcançar a felicidade. Quanto aos que já praticam plenamente seu primeiro mandamento, que preconiza “Fora da caridade não há salvação”, acreditamos que esses já superaram todas suas deficiências, e conquistaram sua felicidade interior. Esses poucos privilegiados, conseguiram a custo de muitos sacrifícios, depois de longa e acirrada batalha, consigo mesmo, superar-se, e abdicar-se de si, em todos os sentidos, a favor do próximo, seria o ápice da elevação espiritual, para um indivíduo de nosso mundo de provas e expiações. Diria que esses espíritos conquistaram perfeição relativa.

Então presenciamos uma multidão de extraviados, auxiliados por guias, roteiros, mapas, e instrumentos complexos, procurando através de uma teia de caminhos incertos e obscuros, um alento para seus espíritos incomodados, inconformados com a situação, e posição que ocupam, nos labirintos enganosos de caminhos que prometem conduzir-nos até onde estaria a satisfação plena que tantos almejam. Muitas são as curvas, encruzilhadas, escarpas, e precipícios que nós viajores estropiados, e des-norteados percorremos inutilmente, para depois da longa e fastidiosa caminhada, chegarmos no final do caminho escolhido, para nossa surpresa, lá encontrarmos somente o despenhadeiro irreversível, que nos provocará a queda colossal irremediável.

Assim temos vagado por séculos, reincidindo nos obstáculos que nós mesmos colocamos imprevidentes

em nossos caminhos, como pedras de tropeços, que certamente nos derrubará, mas propositadamente teimamos em não remover, para que outros por sua vez venham tropeçar, e caírem. Não percebemos que estamos andando numa órbita plana, e sabemos que em algum momento a força que nos impulsiona cessará, e acabaremos precipitando no despenhadeiro que nos aguarda, para espatifarmos nas pedras existentes no fundo do abismo.

Essa reflexão apesar de poética, encerra uma mensagem trágica e pessimista, mas a humanidade, apesar de estar há milênios exercitando os recursos da racionalidade, ainda praticam atos inconcebíveis para um ser que raciocina, que é dotado da capacidade de amar, e ser feliz, mas prefere chafurdar-se em práticas condenáveis, que o comprometem, e faz sofrer, a si e a outrem, e o mantém estacionário espiritualmente falando.

Somos reconhecidamente impotentes, e incompetentes para mudar o mundo, e a outrem, esforcemos ao máximo, para que ao menos consigamos mudar a nós mesmos, mesmo que seja muito lentamente, mas que seja sempre para melhor, se perseverarmos certamente, a exemplo de alguns poucos, um dia conseguiremos. Apesar de reduzida, essa parcela de vencedores, teriam conseguido libertarem-se desses escolhos adquiridos ao longo das existências sucessivas. Porque a isso estamos destinados, mesmo que demoremos uma eternidade.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 21/10/2023.





# Uma Decisão Improvisada

**P** ODERÍAMOS DIZER QUE AQUELE jovem, era uma espécie de matuto sonhador, seu nome Joel Romero, tinha apenas dezessete anos, considerava-se um aprendiz de poeta, quando na verdade sua poesia era muito pobre, e insignificante, assim como ele, também o era. De poeta tinha apenas os sentimentos de sonhador, porque até então, o mundo só lhe apresentara dificuldades, e ele aprendera como poucos, esquivar delas e não enfrentar, à medida que se tornava mais adulto, o futuro lhe acenava com mais dificuldades ainda. O mundo que ele até então conhecera, era igualmente pobre e insignificante, assim como ele mesmo, na concepção mais pura, que a expressão pobreza possa representar.

Aquela pequena cidade em que nascera e crescera, não tinha espaço para suas ambições, que consistia conseguir sobreviver, sem ser necessário trabalhar, mas as próprias leis naturais conspiravam que isso não seria possível, então decidira rebelar-se, abandonar tudo, sem dar satisfação a ninguém de sua família, saíra pelo mundo sem imaginar o que poderia encontrar pelos caminhos, sem lenço, nem dinheiro nos bolsos, apenas com seus poucos documentos, percebera que tudo aquilo que considerava entediante e difícil suportar, poderia se tornar ainda mais angustiante, a fome, sede, frio, dores atrozes, até então seus desconhecidos, passaram persegui-lo ininterruptamente.

Na verdade Joel nunca gostara de trabalhar, e esse detalhe fora o motivo que o fizera, desentender-se com o pai Sr. Ângelo Romero, e abandonar à casa paterna, porque lá todos indistintamente trabalhavam, não entendia ele ainda, que a Lei do trabalho faz parte da vida dos homens desse nosso mundo, como também para a maioria dos seres vivos, imaginava ele com um pouco de malandragem e criatividade poderia viver às custas do trabalho alheio, como até então vivera. Dignidade, hombridade, responsabilidade, eram atribuições que ele não estava disposto assumir. À exemplo de muitos parasitas, infiltrados dos reinos animais e vegetais, essa condição é plenamente possível.

Joel era tão displicente que não tivera preocupação, de levar consigo, roupas, agasalhos, uma capa para se proteger da chuva, do frio da noite. Na verdade, nem

se lembrara que depois que o sol desaparecia na linha do horizonte, viria à noite, trazendo com ela a escuridão, e todas as suas intempéries, mas o fato de não ser pressionado trabalhar, compensaria essas privacidades. Seria difícil imaginar uma pessoa assim. Mas o mundo em que vivemos, pode ser considerado a escola mais eficiente, para ensinar àqueles que fraquejam diante das dificuldades. Deus concedera-nos o direito ao livre arbítrio, somos livres para semearmos tudo aquilo que desejamos, mas sabemos que colheremos obrigatoriamente, o produto daquilo que semearmos.

Faz-se oportuno descrevermos as origens de nossa personagem rebelde. Sr. Ângelo Romero, casado há mais de duas décadas, com Dona Severina Romero, procedentes da região nordeste do Brasil, mais especificamente do sertão do Cariri, no estado Cearense, assim que se casaram, depois o nascimento do primogênito, que recebera o nome de Cícero Romero, sentiram fustigados pelo aguilhão de uma seca prolongada, que atingira e afligira indistintamente toda à população local, obrigando àqueles que possuíam mais condições, abandonarem o reduto natal, à bordo de um caminhão, a quem chamavam pau de arara, procurarem outra região onde as possibilidades de sobrevivência eram mais razoáveis.

Como a região sudeste do Brasil, acenava com essas possibilidades, principalmente o interior do estado de São Paulo, quis o destino, ou o acaso, depois de longa, demorada, e sofrida viagem, esses retirantes viessem aportar em uma região cafeeira, onde a oferta de trabalho era uma

necessidade. Não obstante esse contingente de nordestinos, não possuírem experiência nesse tipo de lavoura, não encontraram muitas dificuldades em adaptarem-se. Sr. Ângelo Romero com sua pequena família, ele, a esposa, e o filho pequeno, estabeleceram-se num povoado, chamado Vila Isabel, onde seria possível, se assim quisessem, trabalharem todos os dias da semana. Os tempos de dificuldades extremas, ficaram no passado, em menos de uma década nasceriam em terras paulistas, mais cinco filhos do casal, sendo a segunda filha Angelina Romero, a terceira filha Abigail Romero, o quarto filho Joel Romero, e por último nasceria um casal de gêmeos, Sérgio e Sarita, ambos Romero. Dos seis filhos do casal, o único que não herdara dos pais disposição ao trabalho, fora exatamente nosso protagonista, Joel Romero.

Por um longo período Sr. Ângelo tolerara a má vontade do filho, mas à medida que o tempo passava, o rapazote se tornava mais resistente colaborar como aos demais, e reagia negativamente às ordens do pai, provocando insatisfação de seus irmãos, até o casal de gêmeos colaboravam resignados, pressionado deliberara abandonar a casa paterna, sem dar nenhuma satisfação a ninguém, saíra pelo mundo para viver como gostaria, na ociosidade.

Esse fato acontecera quando a família de Sr. Ângelo e Dona Severina, ficara resumida em apenas três filhos, por que os três mais velhos, haviam encontrado seus cônjuges, e se mudado da casa paterna para iniciarem suas vidas, então o pai obrigara Joel mudar seu modo de vida,

afinal estava com dezessete anos, e teria que ajudá-los nas lides do dia a dia, mas Joel não aceitara tal imposição, depois de uma acirrada discussão com o pai, durante uma noite, esperara o dia amanhecer, e antes que os demais se levantassem, saíra sorrateiramente, sem dar satisfação a ninguém, não levando nada consigo. Joel deliberara sair pelo mundo, para não ceder às exigências do pai, que ele trabalhasse.

Joel era jovem e saudável, na plenitude de suas condições físicas, decidira distanciar-se o máximo possível daquela região, onde todos o conheciam, e o tinham como autêntico malandro e preguiçoso, explorador do esforço de seus familiares. À princípio os pais acharam que seria um desaparecimento temporário, logo retornaria resignado, aceitaria às condições impostas. Mas isso não acontecera, o que de certa forma preocupara os pais, mas como diz o ditado, têm males que vêm para o bem, quem sabe sozinho pelo mundo, não encontraria uma maneira de ser útil, e sobreviver?

Podemos caracterizar um preguiçoso, pela sua indisposição em fazer qualquer tipo de trabalho, desde pequeno Joel revelara-se muito pródigo nesses atributos. Não obstante ter nascido no seio de uma família pobre, mas considerada por todos, pessoas muito trabalhadoras, e honestas, todos percebiam que o menino diferia completamente dos demais de sua família.

Acordara com uma disposição incrível, naquela manhã, de um dia no início do mês de maio, quando seu pai havia assumido compromisso em executar um trabalho, co-

meçariam realizar a colheita de um talhão de café, de um sitiante seu conhecido. Joel pegara a estrada, antes que o sol saísse, sem olhar para trás, caminhava intrépido, com vontade chegar ao mais longe possível. A estradinha de terra batida, ia atravessando as propriedades, através de roças e cafezais, de vez em quando uma casinha modesta, próxima às margens da estrada sem fim, se estava com sede, ia até lá e pedia ao morador, um caneco de água, agradecia, e retornava à caminhada. Em seu primeiro dia de estrada, passava do meio-dia, seus pés, e pernas já doloridas, sugerira-lhe que parasse, e deitasse, sob à sombra acolhedora de uma árvore, mal se deitara, o estômago lhe lembrara que estava na hora do almoço, impossível continuar deitado, sentido a fome corroendo-o as entranhas. Levantara e continuou caminhando, analisando as laterais da estrada, não demorara, avistara no meio de um roçado, um mamoeiro, carregado de frutos. Aproximara-se da árvore, percebera que entre dezenas de mamões, nenhum estava maduro, na verdade não era sua fruta preferida, comeria somente para aplacar a fome cruel. Continuou caminhando, logo viu um casebre, retirado a uns trezentos metros da estrada, fora até lá pedir um prato de comida.

Fora recepcionado por um cachorro, desses grandes, e valente, se o dono da casa não tivesse aparecido, para socorrê-lo, não saberíamos o que poderia ter acontecido. Joel muito assustado, trêmulo, e sem jeito, dissera ao seu benfeitor:

— Boa tarde, obrigado por ter me socorrido. O Senhor não teria um prato de comida, para eu almoçar?

— Infelizmente, a essas horas, já almoçamos, e o que sobrara, demos ao Valente.

— Quem é o Valente?

— Nosso cachorro, que quase lhe mordera.

Joel decepcionado agradecera ao Senhor, quando ia saindo, ouvira uma proposta que considerara até uma ofensa a sua pessoa: — Acaso o rapaz não estaria disposto ajudar-me colher meu cafezal, teria trabalho para no mínimo dois meses?

Joel respondeu de pronto: — Infelizmente não posso, estou apenas de passagem, pretendo visitar uns parentes que moram em Goiabeiras.

— Pretende andar toda essa distância? Goiabeiras fica bem distante daqui.

— Por isso, tenho que ir andando, até outro dia, mesmo assim, muito obrigado.

Joel era do tipo malandro, para não trabalhar, seria capaz de inventar qualquer história, na verdade seus únicos parentes haviam ficado em Santa Isabel. A fome cruel castigava-o estômago, nenhuma árvore frutífera para lhe aliviar o mal-estar, até que encontrara um mandiocal às margens da estrada, arrancara um pé, apossara-se de três raízes, e fora entretendo a fome, comendo mandioca crua, enquanto caminhava. Mas o pior estava por vir, ao entardecer, sentira um vento frio soprando interrompemente do lado sul, só então lembrara-se de sua blusa, sem dúvida aquela seria uma noite muito fria, dera conta que deveria ter trazido uma mochila com todas suas roupas, e um cobertor. O desejo de evadir-se fora tanto, que aca-

bara se esquecendo desses detalhes, que somente agora avaliara importantes, detalhes que fizeram os pais pensarem que logo retornaria. Ninguém em pleno juízo sai pelo mundo, apenas com a roupa do corpo. Somente ele seria capaz dessa insanidade.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 11/10/2023.



# Um Encontro Casual

**J**Á MENCIONAMOS EM NOSSOS RELATOS, que em nossa modesta opinião, entendemos que o jovem nascido e criado na roça, desenvolve com mais eficiência seu instinto de sobrevivência, queiramos ou não, à natureza nos ensina, Joel pressentindo que seria uma noite muito fria, ao passar por uma área onde haviam colhido uma lavoura de arroz, deduzira que lá certamente em algum lugar, haveria o malhador, e a palha de arroz seria um excelente protetor. Antes da noite cair, havia localizado o malhador, e cavado um abrigo confortável sob o monte de palha, que o protegeria do frio cortante que aquela noite prometia. No dia seguinte, quando o sol ia alto no céu, e havia expulsado a névoa fria, saíra de seu esconderijo, espreguiçara, se localizara, e

pegara novamente a estrada, e recomeçara sua caminhada, para um lugar onde não necessitasse trabalhar.

Joel poderia até pegar uma carona, mas algo lhe dizia que teria que caminhar, haveria de passar em algum lugar, que de certa forma, sentisse que seria ali que teria que parar, caso tivesse enganado, continuaria sua caminhada. Então seguia sem intenção de chegar em lugar pré-determinado, e assim prosseguiria dia após dia.

No segundo dia Joel fora mais feliz, fora até uma casa, justamente no horário do almoço, o morador interessado em ajustá-lo para trabalhar, convidara-o que fosse até as panelas, e se servisse à vontade. Quando falou em colher café, Joel repetira a história, que estava apenas de passagem, com destino visitar parentes em Goiabeiras. Como estava bastante frio, vendo o tiritar de frio, o morador caridoso, comoveu-se, fora lá dentro e trouxera um paletó velho, e grande, e o presenteara, vestira o imediatamente, o paletó chegava aos seus joelhos. Agradecera pelo almoço, e pelo paletó, e seguira sua caminhada. O único inconveniente até então, eram seus pés, que não suportaram o desconforto das botinas, e agora as levavam atreladas sobre os ombros. Até então, o que mais lhe ofereceram fora proposta de trabalho, mas isso não lhe interessava, na verdade, ele estava fugindo para não trabalhar.

Um almoço aqui, uma goiaba ali, um mamão maduro acolá, e Joel cada vez mais se distanciava de Santa Isabel, e tanto caminhara que acabara chegando a Goiabeiras. Era um povoado pequeno, e pobre como

Santa Isabel. Descobrira que aquela mesma estrada não terminava ali, continuaria avançando no mesmo sentido, muitas léguas adiante existiam muitos outros vilarejos, na verdade, aquela estrada não tinha um ponto final, caso deparasse com um rio, se não tivesse uma ponte, certamente existiria uma embarcação para atravessá-lo, e do outro lado, a mesma estrada continuava prosseguindo indefinidamente. Fazia dois meses que Joel havia saído de casa, sempre caminhando na mesma direção, tinha passado por vilarejos, cidades, cruzado rios, subido morros, decido ladeiras. Havia passado muita fome, sede, frio, e dores nas pernas e nos pés. Para quem saíra de casa com as mãos abanando, agora trazia sobre os ombros um saco de estopa, dentro dele, as botinas, e várias peças de roupas usadas que havia ganhado das pessoas, sem ter sido necessário nada pedir, o máximo que pedia era um caneco com água, ou um prato de comida, e isso a ele nunca fora negado. Descobrira que se encontrava agora em terras do Estado de Minas Gerais.

Joel estava cansado de caminhar. Resolvera que pararia na próxima cidade, como seria sua vida, não imaginava, mas a vida de andarilho estava acabando com seus pés. Ao passar por uma propriedade, avistara três pessoas limpando um terreno, certamente pretendiam fazer ali uma plantação, quando chegasse a época certa. Resolvera ir até lá, e pedir uma caneca de água para tomar, e pedir algumas informações.

Ao aproximar-se percebeu que eram pessoas muito jovens, a mais velha uma mocinha morena, usava chapéu

de palha, e lenço envolto à cabeça, e camisa de mangas, deveria ter no máximo dezesseis anos, e seus dois irmãos mais novos, que deveriam ter quatorze, e o outro doze anos. Quando perceberam a presença do estranho, vindo na direção deles, pararam de trabalhar e ficaram esperando que se aproximasse. Joel cumprimentara a todos, depois perguntara se tinham uma caneca de água. A mocinha pedira ao irmão que fosse buscar a cabaça com a água. O menino mais jovem, fora e voltara trazendo a cabaça, e servira-lhe a água. Joel perguntara se a próxima cidade estaria muito distante? A mocinha lhe respondera, com um sorriso nos lábios: — Não, está bem próximo, não é bem uma cidade, chama-se Vila Esperança, está não mais que seis quilômetros daqui.

Joel percebera uma certa doçura em seu modo de falar, e sorrir, perguntara-lhe:

— O que estão pretendendo plantar nessa roça?

— Nosso pai ainda não decidira, talvez plantemos abacaxis, ou melancias.

O sol estava a pino e muito quente, a mocinha pegara a cabaça das mãos do irmão, e se dirigira para sombra de uma árvore próxima, que fora seguida pelos dois irmãos. Joel resolvera também descansar um pouco, e os acompanhara.

A mocinha chegara à sombra, tomara uma caneca de água, retirara o chapéu e o lenço da cabeça, seus cabelos negros caíram pesadamente sobre os ombros. Então Joel percebera que era muito bonita, seus olhos negros, seu nariz e boca bem esculpidos, emoldurado por aqueles ca-

belos negros, contrastavam perfeitamente com seu lindo sorriso, e sua voz suave e melodiosa, deixava revelar a maneira típica do falar dos mineiros.

Joel disseram-lhes perguntando: — Meu nome é Joel Romero, como vocês se chamam?

Como sempre, a mocinha era quem respondia, por todos, dissera: — Meu nome é Zuma Maria de Freitas, esses são meus dois irmãos, Olegário de Freitas Filho, e Otogamiz de Freitas.

— Qual o nome de vosso pai, e de vossa mãe?

— Nosso pai se chama Sr. Olegário de Freitas, nossa mãe Dona Zulmira de Freitas.

— Vocês moram aqui mesmo no sítio?

Dessa vez Olegário foi quem respondera: — Nossa casa fica lá embaixo, perto do rio.

— Bom, vou acabar de chegar à cidade, muito obrigado por tudo, ainda nos veremos, até outro dia.

Poderíamos dizer que depois daquele encontro casual, Joel não seria mais a mesma pessoa, alguma coisa, que não saberia definir lhe acontecera, a imagem daquela menina ficaria impregnada em sua memória como algo que nunca mais poderia se apagar, como sua lembrança o fizesse identificar-se consigo mesmo. E o fez reconhecer-se o quanto era pequeno e insignificante, e como desejaria ser qualquer coisa, para que ela também não mais o esquecesse.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 12/10/2023.





# O Primeiro Emprego

**J**OEL CONTINUOU CAMINHANDO E chegara à cidadezinha, como dissera a mocinha, chamava-se Vila Esperança. Tudo muito limpo e organizado, a praça bem simples, no centro a igreja pequena e modesta, essa pequena praça ocupava a parte central, no entorno da praça, concentrava todo seu pequeno comércio, algumas lojas, mercados, farmácias, bares, barbearias, entre outros.

A tarde caía lentamente, a intensidade do calor do sol, havia arrefecido, soprava uma brisa fresca e leve, Joel sentara-se num banco da praça à sombra, para pensar no que fazer da vida. Viver numa cidadezinha daquelas sem trabalhar, seria praticamente impossível, não conhecia ninguém, e ninguém o conhecia. Como dissemos, de-

pois que conhecera Zuma, sua imagem não mais saía de seu pensamento. Por ela seria capaz de fazer qualquer coisa, até trabalhar, coisa que ele sempre abominara. Estava entretido pensando nela, quando a sua frente parara um Senhor de aproximadamente cinquenta anos, vestido com trajes de roça, olhara para ele, e dissera-lhe:

— Conheço todas as pessoas dessa Vila, mas você nunca o tinha visto. Está procurando por trabalho?

— Meu nome é Joel Romero, não sou daqui, acabara de chegar, mas se conseguisse um trabalho, talvez ficaria por aqui uns tempos.

O Senhor demonstrando não estar com pressa, e querendo conversar, sentara-se ao seu lado, e começara dizendo: — Meu nome é Vicente Augusto de Freitas, moro aqui desde que me conheço como gente, tenho uma pequena chácara aqui próximo, às margens do rio, temos lá uma horta, umas poucas vacas leiteiras, muitos porcos, e galinhas. Moro com minha companheira, ela me ajuda na horta, dos animais eu cuido sozinho, mas ando um pouco doente e cansado, sinto muitas dores nas pernas, e nas costas. Estou querendo ajustar uma pessoa para ajudar-me, por isso perguntei se estava procurando por trabalho.

— O Senhor dissera se chamar Vicente de Freitas, por acaso seria da mesma família do Sr. Olegário de Freitas?

— Conhece meu tio Olegário?

— Não o conheço, mas ouvi qualquer coisa sobre seu nome.

— Na verdade sou seu único sobrinho, minha finada mãe era sua única irmã, fomos criados todos nessa região, mas ele não me considera seu parente, e sim um inimigo, prefere ver o diabo pela frente, e não a mim. Mas essa é uma longa história, poucos a conhecem, nem gosto de falar sobre esse assunto, por considerá-lo desagradável.

— O Senhor tem filhos?

— Não temos nenhum filho, talvez logo eu vendo minha chácara, e compro uma casa aqui na Vila, para morar, como lhe disse, não estou mais podendo trabalhar.

— Se o Senhor quiser, posso ir lá ajudá-lo na chácara, o Senhor paga-me o que achar que mereço, mas gostaria que me contasse essa sua história com Sr. Olegário, fiquei curioso em conhecê-la.

— Quando você pode ir?

— A hora que o Senhor quiser, por mim pode ser agora mesmo.

— Então vamos, minha charrete está bem aqui perto.

Joel estava calçado com suas botinas, com muita dificuldade conseguira andar até onde estava a charrete de Sr. Vicente, não via a hora de chegar, para retirá-las dos pés, e calçar um chinelo, ou ficar descalço. Assim que saíram da cidadezinha, Sr. Vicente dissera a Joel:

— Está vendo essa cerca, as terras de meu avô começavam nesse ponto, desciam margeando essa estrada até o Rio dos Freitas, que fica distante cinco quilômetros desse ponto, depois margeavam descendo o rio por seis quilômetros, depois subiam por cinco quilômetros, até a estrada, margeava a estrada em direção à Vila, por seis

quilômetros, fechado assim o quadrilátero nesse ponto, perfazendo três mil hectares, ou quase setecentos alqueires mineiros de terras de primeira qualidade, tudo isso pertencera ao pai de minha mãe, meu avô Coronel Herculano de Freitas, que fora tudo deixado como herança, para meu tio Sr. Olegário de Freitas, de quem você ouvira falar.

— Então o homem é muito rico?

— Não é mais, é tão pobre quanto eu.

— Como assim?

— Essa é uma longa história, para que você entenda, terá de ouvi-la desde o princípio.

Joel pensara consigo mesmo, esse Senhor é primo de Zuma, mas por que tanta diferença de idades entre eles? Zuma não deve ter mais que dezesseis anos, e pelo que entendi, é a filha mais velha de Sr. Olegário. Então para confirmar, Joel perguntara ao Sr. Vicente, como quem não soubesse de nada:

— Esse seu tio Sr. Olegário, têm filhos, e onde moram?

— Têm três filhos, uma mocinha e dois meninos, todos muito jovens ainda. Moram numa pequena chácara, às margens desse mesmo rio, seis quilômetros abaixo.

Era o suficiente, não tinha agora a menor dúvida, se tratava da família dos jovens que conhecera algumas horas antes, mas a impressão que tinha, que Zuma, ele a conhecia de muito tempo atrás, aqueles olhos, e aquele sorriso, ele os conhecia, só não saberia dizer como. Em poucos minutos chegaram à casa na chácara, foram

recebidos por uma Senhora simpática, que perguntara ao marido, quem era o rapaz que viera com ele. Respondera-lhe que se tratava de uma pessoa, para ajudá-lo nos trabalhos da chácara. Ela nada dissera, e entrara na casa, talvez para cuidar do jantar, começava escurecer. Depois de desencilhar o animal da charrete, Sr. Vicente acompanhado de seu novo auxiliar, foram tratar os porcos, após o banho, Joel fora conhecer seus aposentos. Era um quarto não muito grande, mas confortável, do lado externo da casa, com uma boa cama, e armário, sua localização oferecia total privacidade. Depois sentaram-se ao lado de enorme mesa existente na cozinha, só então Joel fora apresentado à Dona Salete, que o recebera muito bem.

Estávamos no mês de julho, os dias mais curtos, lá fora o vento frio, e a escuridão era total, depois do jantar, Joel fora para seu quarto, preferia deitar-se e descansar, principalmente os pés, maltratados pela longa e demorada caminhada.

No dia seguinte pela manhã, quando percebera que o patrão havia se levantado, pôs-se de pé, se agasalhara, e fora até a cozinha, cumprimentara-o, e esperara que terminasse de coar o café, depois de tomarem uma xícara, sugerira que enquanto Sr. Vicente ordenhasse as três vacas, ele alimentaria os porcos e as galinhas, depois iriam zelar da horta, sugestão acatada pelo patrão. Em toda sua vida Joel se negara fazer qualquer tipo de trabalho, mas agora sentia satisfação em trabalhar, isso porque ainda desconhecía o que havia acontecido ao pai de Sr. Vicente, por ser considerado por todos, um dos maiores preguiço-

sos que vivera naquela região. Mas em breve conhecerá essa história, e os leitores mais atentos poderão tirar algumas conclusões, como as coisas acontecem, nesse nosso mundo de provas e expiações, que felizmente já cumprira as fases mais tenebrosas, vivenciadas pela humanidade terrena.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 13/10/2023.



# A História Começa a ser Revelada

**F**AZ-SE OPORTUNO SALIENTAR QUE o encontro de Sr. Vicente com Joel, não fora obra do acaso, tanto que a relação deles, não era de patrão e empregado, uma razão que muitos não imaginam que seja possível, os identificavam, e brevemente todos haverão de perceberem. Quanto acreditar que seja possível, deixamos que cada qual faça seu próprio julgamento.

A chácara de Sr. Vicente era pequena, um quadrilátero às margens do rio, com apenas cinco alqueires mineiros, essa área de terras férteis, fora doada ainda em vida pelo Coronel Herculano Freitas, quando ocorrera seu nascimento, talvez pelo fato de ser seu primeiro neto.

Não obstante ser um pequeno imóvel, fora o motivo que gerara todo ódio de Sr. Olegário, pelo seu único sobrinho.

Por ser uma área pequena, o serviço também não era muito, o motivo dele necessitar de um ajudante, se dera mais devido suas condições de saúde. As dez horas da manhã, todos os trabalhos necessários já haviam sido realizados, como costumavam almoçar, não antes das onze horas, Sr. Vicente e Joel sentaram à sombra de uma figueira na barranca do rio, próximo a horta, desfrutando da brisa suave e fresca, começaram conversar:

Sr. Vicente dissera a Joel: — Você deve ter percebido que minha chácara, faz parte do quadrilátero original da fazenda de meu avô, Coronel Herculano Freitas, quando nasci ele presenteara-me com esse pedaço de terras, às margens do rio, fora ao Cartório e a título de doação, registrara cinco alqueires mineiros, exatamente nesse local em meu nome. Para que entenda como tudo acontecera, vou começar a história desde o ponto em que conheço. Existem aqui na região, algumas pessoas de idade avançada, que presenciaram e conhecem essa história mais profundamente, mas essas pessoas têm medo de falarem o que sabem, inclusive pessoas da família de meu pai. Mas quem conhece a verdade verdadeira, sobre a família, e tudo que realmente acontecera, somente meu tio Olegário.

— Meu avô Coronel Herculano de Freitas, casado com minha avó Dona Serafina, era o fazendeiro mais rico, e respeitado dessa região, por ter sob seu comando muitos empregados, e muitas cabeças de gado, tiveram apenas

um casal de filhos, Olegário meu tio, e Selena minha mãe, que segundo diziam era a moça mais bonita, e prendada dessas redondezas, aos quinze anos conhecera Paulo Cesar Augusto, um rapaz de dezoito anos, que segundo diziam era muito bem apessoado, apesar de ser pobre, chamava atenção das moças, mas era sabido por todos que nunca gostara de trabalhar. Meus avós não aprovaram o romance dele com a filha, devido sua condição financeira, e sua reputação de preguiçoso, e vagabundo, quando proibiram minha mãe continuar o namoro, ela já havia se engravidado, não permitiram que mais saísse de casa. Depois que nasci, meu pai passara um ano rondando às escondidas, a casa de meu avô, segundo diziam, pretendia roubar a namorada, juntamente com seu filho, mas nunca conseguira nem vê-la mais, porque vivia trancada à chave num quarto dentro da casa, passado esse tempo que eu havia nascido, encontraram o corpo de meu pai, cravado de balas de carabina, boiando no rio, há alguns quilômetros rio abaixo, mas não disseram nada a minha mãe, sobre sua morte, segundo a conversa dos mais antigos, diziam que meu avô teria mandado o filho Olegário, executar o serviço, sem deixar rastro. E essa conversa acabara chegando através de empregados da casa, aos ouvidos de minha mãe, que não se sabe como, conseguira perguntar ao irmão se era verdade, e ele teria confirmado, e ela prometera que iria denunciá-los. Mas nunca conseguiu sair daquele quarto, quando completei dois anos, a encontraram morta em sua cama, a causa dessa morte nunca fora devidamente esclarecida, por que teria aconte-

cido. Quando ela morrer a tinha apenas dezoito anos, era ainda muito bonita.

Mas agora vamos pra casa, que Salete deve estar preocupada nos esperando, para almoçarmos.

Depois do almoço, Joel perguntara ao Sr. Vicente, o que gostaria que fizesse? Respondera: — Por hoje o serviço que resta fazer, apartar os bezerros três horas da tarde, e alimentar os porcos e as galinhas no final do dia, mas eu lhe ajudo.

— Não precisa se preocupar, faço esse serviço sozinho. Podemos continuar nossa conversa durante à tarde?

— Podemos sim.

Na parte da tarde, depois que Sr. Vicente havia tirado uma boa soneca, procurara Joel e foram conversar sob uma árvore frondosa que ficava no quintal, onde havia bancos de madeira para se sentar. Joel quis saber como era Sr. Olegário, e sua família.

— Quando meu tio Olegário resolvera arrumar uma companheira, tinha mais de sessenta anos, já havia dissipado toda herança que recebera do pai, estava tão pobre que não tinha onde morar, nessa época sua companheira que se chama Dona Zulmira, era ainda muito jovem, há pouco tempo havia se amasiado com um rapaz dessa região, que não saberia dizer precisamente como se chamava, por não os conhecer. Meu tio Olegário interessara-se por ela, por ser jovem e bonita, retirara a da casa desse rapaz, e a trouxera para dentro de minha casa, aqui nessa chácara, e tentara expulsar-nos, alegando que essas terras pertenciam a ele, que eu não fazia parte da

família Freitas. Depois de maltratar-nos muito com insultos, esperando talvez que reagisse, para eliminar-me. Eu e Salete, fomos direto à Delegacia de polícia, levando os documentos das terras que estavam em meu nome, o Delegado depois de certificar-se, viera até aqui, e o convidara educadamente que se retirasse, como se negara, o retirara à força, juntamente com sua companheira, ambos de dentro de nossa casa, permitindo que voltássemos. Desde então tornara-se meu inimigo declarado, como se eu houvesse lhe roubado essas terras. Desesperado por não ter para onde ir, contratara um advogado ardiloso, que o sugerira requerer na Justiça, direito à medição de toda área de terras que havia vendido, e os proprietários para não brigar com ele, permitiram a aferição, e de fato constatara-se que havia um excedente de cinco alqueires mineiros, isso devido o curso do rio ir ziguezagueando, a Justiça determinara que o excedente fosse apartado, mas de conformidade como os proprietários desejassem, e lhe concedera a posse definitiva. A chácara de tio Olegário começa no rio, e vai até a estrada, que dá acesso à Vila, ou seja, uma tira de terras, retangular de menos de cinquenta metros de largura, por cinco mil metros de comprimento. Construíra com ajuda de amigos, um casebre às margens do rio, onde passara morar, e lá vive com a família, até hoje, criam porcos e galinhas, deve possuir um cavalo, talvez uma ou duas vacas de leite, e cultivam abacaxis e melancias na área excedente, de sua faixa de terras. Mas quem trabalha mesmo são, a esposa e os três filhos, ele nunca trabalhara em lavouras, quando era rico trabalhava

com gado, e exercia outras funções para o pai, hoje não trabalha mais.

— Qual a idade de Sr. Olegário?

— Tio Olegário deve estar com mais de setenta e cinco anos.

— E o rapaz que fora amasiado com Dona Zulmira?

Sr. Vicente sorria, e dissera: — Segundo dizem, Tio Olegário pedira educadamente que ele desaparecesse, ou morreria, o que se sabe, é que ele desaparecera, por que seu corpo nunca fora encontrado.

— Como Sr. Olegário conseguira dissipar toda fortuna que herdara?

— Isso você irá saber, somente outro dia.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 14/10/2023.



# O Preço da Imprevidência

**P**ARA QUE O LEITOR FIQUE MAIS BEM informado, vamos até a casinha modesta localizada próxima ao rio, estilo pau a pique, onde Sr. Olegário morava com a esposa e os três filhos. A situação da família só não era mais complicada, devido há alguns anos Sr. Olegário, ter conseguido aposentar-se com um pequeno salário, mas o suficiente para sobreviverem precariamente. Como dissera Sr. Vicente, todo trabalho na pequena propriedade, era executado pela companheira Dona Zulmira, Zuma, e os dois meninos. Sr. Olegário os obrigavam trabalharem, não cansava de repetir que não criaria filhos preguiçosos, ou trabalharia, ou poderia pegar a estrada e desaparecer. Sr. Olegário era do tipo ignorante, prepotente, e autoritá-

rio, tentara vender seu pequeno sítio várias vezes, mas ninguém se interessara comprá-lo, devido ser demasiado comprido, aos vizinhos poderia até ser viável, mas era brigado com todos eles, devido o gado do vizinho, estar sempre em suas roças, discutiram várias vezes, agora nem mais se falavam. Dona Zulmira uma mulher ainda jovem, com menos da metade de sua idade, ameaçara abandoná-lo algumas vezes, desaparecer com os filhos, devido aos mal tratos dele para com ela, e aos filhos, mas deixá-lo era correr sério risco de vida, suas ameaças eram incisivas, e ele não hesitaria cumpri-las.

Não obstante Zuma ser uma linda menina, nunca fora cortejada por nenhum rapaz, da localidade, todos temiam Sr. Olegário, que já havia anunciado abertamente, que ele é quem escolheria seu marido, no devido momento, se fosse pobre e preguiçoso, não tinha nenhuma chance. Todas essas informações circulavam, e eram do conhecimento geral, e Sr. Vicente sabia perfeitamente que era assim, e acabara revelando a Joel, que esses comentários afugentavam os pretendentes, e era do conhecimento dos moradores da Vila, e denegriam ainda mais a imagem do tio, rotulando o como pessoa arbitrária. Acreditavam que enquanto Sr. Olegário fosse vivo, dificilmente a vida daquelas quatro pessoas mudariam, ele as subjugava sem constrangimento.

Como deve-se perceber, caso Joel decidir aproximar-se de Zuma, terá sérios problemas com seu pai, mesmo que resolva deixar de ser preguiçoso, o fato dele ser pobre o descredencia perante suas pretensões. Mas

pelo que sentimos, Joel não é do tipo que desiste fácil, sem mencionarmos que existem outros agravantes ocorridos no passado, que por força do incompreensível, envolvem os Espíritos de Zuma e Joel, que carecem de serem solucionadas.

Depois de realizarem os afazeres do dia, um adivinhando os pensamentos do outro, se dirigiram para os mesmos bancos de madeira, da tarde do dia anterior, Joel perguntara:

— Conta-me como Sr. Olegário conseguira acabar com a fortuna que o pai lhe deixara, em tão pouco tempo?

— Depois da morte de minha mãe, minha avó Serafina que conhecia as razões que desencadearam todos aqueles acontecimentos, apesar de não aprovar o namoro da filha, não esperava que sua única filha querida viesse morrer, assim tão subitamente. Ficara completamente enlouquecida, como conhecia toda a verdade, por segurança, meu avô a internara num manicômio para tratamento mental, numa cidade grande, e distante. E lá permanecera por um ano, seu estado de demência se agravando cada vez mais, devido aos remédios que tomava, acabara falecendo. Com a morte de minha avó, meu tio Olegário começara ausentar-se da fazenda, deixando seu pai sozinho, ficava quinze dias sumido, quando voltava pedia mais dinheiro para meu avô, e sumia novamente, numa dessas suas voltas, meu avô se negou lhe dar mais dinheiro, discutiram muito, e acusaram-se mutuamente de assassinos, ninguém presenciara essa discussão, mas

muitos a ouvirem, comprovando às suspeitas. Eu era apenas uma criança, vivia aos cuidados de mãe preta, uma espécie de mucama, que trabalhara à vida toda dentro da casa do Coronel meu avô, sem nunca receber nada por isso. Numa dessas discussões, mãe preta teria ouvido meu tio dizer ao meu avô, que se livraria de mim, me jogaria no rio. Então fugira comigo, levando-me para casa de minha avó paterna, e por lá ficara comigo.

Quando meu avô percebera que mãe preta tinha desaparecido com o neto, deduzira que o filho Olegário havia cumprido o que prometera. O acusara injustamente de ter nos matado, teria ouvido do filho que seus dias de Coronel estavam terminando, em menos de um mês, encontraram meu avô sem vida, em seu quarto, segundo o médico trazido por tio Olegário, que examinara seu corpo, teria atestado ter sofrido um infarto. Segundo diziam, meu avô quando morrera deixara muito dinheiro, e mais de mil cabeças de gado. Meu tio contratara um advogado para organizar tudo, e omitido a informação que teria um sobrinho, para isso teria vendido duzentas cabeças de gado, para cobrir todas as despesas.

Depois da morte de meu avô, segundo os empregados à casa ficara mal-assombrada, assustados quase todos empregados debandaram-se. Há quem diga que essa assombração fora obra de meu tio Olegário, para afugentá-los. Tio Olegário permanecia o tempo todo ausente, só aparecia para efetivar a venda de mais um lote de gado. Segundo diziam passava o dia todo nas casas de jogos, e à noite nos cabarés, em uma cidade grande, distante daqui.

Depois de um ano da morte de meu avô, já teria vendido praticamente todo gado existente na fazenda.

Lá na cidade grande meu tio Olegário, teria conhecido um agiota muito rico, que passara financiá-lo em suas necessidades de dinheiro, toda vez que precisava recorria a ele, era só assinar uma Nota Promissória, o dinheiro estava na mão. A fazenda ficara aos cuidados de um gerente, que com o passar dos tempos, tornara-se um homem rico, criando gado, alugando pastos e vendendo madeira de lei da fazenda. A vida de jogador inveterado, e boêmio esbanjador, teria durado quase trinta anos. Portanto não foram tão rapidamente, nesse período tio Olegário poucas vezes se dera ao trabalho de vir visitar à fazenda, nessas suas poucas visitas, o gerente lhe dava algum dinheiro, ele voltava satisfeito. Quando sua dívida com o agiota se tornara expressiva, suspendera seu crédito, propôs intermediar a venda de sua fazenda, por um valor suficiente para quitar a dívida com ele, e sobraria dinheiro para mais alguns anos de boemia. Nessa intermediação, dizem que o agiota esperto, mancomunado com os compradores, teria ganhado uma fortuna. Passados três anos, quando seu dinheiro estava acabando, voltara em definitivo, e passara se envolver com mulheres vulgares, e outras casadas aqui da região, destruindo alguns casamentos, até que conhecera Zulmira, que era jovem e bonita, e há pouco havia se amasiado com um rapaz também jovem. Retirara da casa desse rapaz e a trouxera para dentro de minha casa, onde eu e Salete já morávamos há muitos anos.

Nesse momento aparecera Dona Salete, dizendo: — Já são quase duas horas da tarde, vosso almoço deve ter esfriado, ou não vão almoçar hoje?

Sr. Vicente levantando dissera: — Vamos almoçar sim, estamos indo, se estiver frio, pode deixar que eu esquento.

Então Joel compreendera que Sr. Olegário levaria muito tempo para dissipar toda fortuna que havia ilicitamente herdado, porque por direito, metade de tudo pertenceria ao sobrinho, justamente Sr. Vicente, único filho de Selena, irmã mais jovem que Sr. Olegário, que fora vergonhosamente lesado na época, por saber que vivia na casa dos avós paternos.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 15/10/2023.



# Conselho de Amigo

**A**QUELES RELATOS NARRADOS por Sr. Vicente, permitiu que Joel formulasse em sua cabeça, o perfil da família de Zuma, de certa forma sua pretendida, também tinha lá seus problemas de família, só o fato de o pai declarar que seria ele quem escolheria o marido para ela, era no mínimo uma postura arbitrária, já muito pouco praticada, atualmente, porque é sabido que esse procedimento quase nunca dá certo, ninguém mais submeteria facilmente a esses caprichos.

Passado uns dez dias que Joel estava na chácara de Sr. Vicente, ficara sabendo que naquele próximo domingo à tarde, aconteceria na Vila, mais precisamente na Igreja, uma cerimônia religiosa, onde seria esperada a participação de todos. Sr. Vicente convidara Joel, caso ele desejasse

poderia acompanhá-los, iriam os três na charrete. Joel à princípio ficara indeciso, devido a simplicidade de suas roupas, como ninguém o conhecia, aceitara o convite. Chegando à Vila, Joel dissera ao Sr. Vicente que não iria entrar na Igreja, preferia esperá-los sentado em um banco da praça. A cidade pequena, por ocasião desse evento, ficara bem movimentada.

Joel sentado sozinho, estava entretido observando a movimentação das pessoas, que passavam pela praça, quando viu passar a sua frente, Zuma acompanhada de uma Senhora ainda jovem, provavelmente seria sua mãe Dona Zulmira, tudo ocorrera tão rapidamente, que Zuma nem o percebera ali sentado, estava vestida com simplicidade, mas seu corpo de menina moça, seus lindos cabelos negros, faziam dela, sem dúvida, a moça mais bonita daquele lugar, quando a reconheceu, seu coração acelerara descompassado, e vira que se dirigiram para à Igreja. Joel ainda estava se recuperando da emoção que sentira, quando reconheceu os dois irmãos dela, vindo na direção de onde estava sentado, ao passarem Joel chamou a atenção dos meninos, dizendo:

— Oi, não estão me reconhecendo?

Ambos pararam, e o reconheceram, depois o cumprimentaram pegando em sua mão, Joel os convidaram a se sentarem, para conversarem, eles aceitaram, sentaram-se, Joel perguntara-lhes:

— Vieram os dois sozinhos?

Olegário o mais velho, respondera: — Não, viemos com nossa mãe e nossa irmã.

— Vosso pai não veio?

Ambos balançaras as cabeças, dizendo que não. Então Otogamiz perguntara:

— Você está morando aqui na Vila?

— Arrumei um trabalho numa chácara, aqui bem próximo da Vila.

— O que você faz lá?

— Cuidamos de uma horta, do quintal, dos animais, vacas, porcos e galinhas.

Olegário perguntara: — Qual o nome do dono dessa chácara?

— Sr. Vicente Augusto de Freitas, vocês o conhecem?

— Mais ou menos, mas sabemos quem é.

— Como vocês vieram?

— Viemos de charrete.

— Onde estão vossa mãe e vossa irmã?

Olegário respondera: — Disseram que iriam assistir à missa, devem estar dentro da Igreja, depois que terminar, vamos embora.

— Assim tão cedo?

— Daqui até onde moramos são onze quilômetros, demora quase uma hora de charrete.

Os três permaneceram sentados conversando, falaram sobre diversos assuntos, os meninos demonstravam serem bastante adultos, pelas suas idades, só conversavam assuntos sérios, Joel até pensara perguntar alguma coisa sobre Zuma, mas certamente eles desconfiariam, por serem muito espertos, preferira não arriscar. Passa-

do o tempo necessário, Dona Zulmira acompanhada da filha, os viram, vieram até onde estavam sentados. Ao reconhecê-lo Zuma lhe sorria com meiguice e doçura, e o cumprimentara pegando em sua mão, e o apresentara à mãe. Dona Zulmira o cumprimentara com civilidade, também pegando em sua mão, um costume das pessoas da região. Depois convidara aos filhos para irem embora, obedeceram à mãe, se despediram de Joel, da maneira habitual, e se foram, sem não antes Joel olhar diretamente para os olhos negros de Zuma, tentando transmitir-lhe o que sentia por ela, retirando de seus lábios aquele seu sorriso ingênuo, que o comovera.

Assim que se distanciaram da praça, Dona Zulmira perguntara quem era o rapaz, Olegário demonstrando conhecê-lo melhor, explicara à mãe como o conheceram, que se tratava de um amigo, parecera ser boa pessoa, então a mãe pedira que não comentassem sobre ele com o pai, para evitar que se irritasse, porque não gostava que conversassem com pessoas desconhecidas. Sr. Olegário agia sempre assim, era a maneira que entendia manter os filhos, sob seu controle. A verdade esse domínio sobre os filhos se tornaria cada vez mais difícil, porque à medida que cresciam adquiririam naturalmente vontade própria, e o pai por sua vez tornava-se menos eficiente para exercer esse controle.

Sr. Vicente e Dona Salete ao saírem da Igreja, encontraram alguns conhecidos e pararam para conversar um pouco, depois foram até Joel, e o convidaram para voltarem para casa, era perceptível que o rapaz estava feliz,

o fato de ter revisto Zuma, era o alento que necessitava para começar a semana que se iniciava, e sem dúvida no dia seguinte revelaria ao patrão, o que lhe ocorrera, que não o considerava como a patrão, mas como a um amigo. Rever Zuma, seus irmãos, e conhecer Dona Zulmira, não saberia dizer as razões, mas sentia que aquelas pessoas haveriam de fazer parte de sua vida futura. Quando chegaram à chácara começara anoitecer.

No dia seguinte enquanto trabalhavam na horta, Joel perguntara ao amigo, se tinha visto na Igreja Dona Zulmira e a filha? Sr. Vicente dissera que não, então passara revelar seu encontro e suas conversas com os meninos, e que de certa forma, corroborara com as informações recebidas dele, então Sr. Vicente, lhe perguntara: — Joel seja sincero, conta-me, qual seu interesse na família de meu tio Olegário?

Aquela pergunta franca, exigia que ele dissesse a verdade, então contara em detalhes, como havia conhecido os filhos de Sr. Olegário, que não saberia dizer por que, ficara muito interessado em Zuma, desde então, não a mais tirara de sua cabeça. Competira ao Sr. Vicente, sem querer interferir em seus sentimentos, e em suas decisões, alertá-lo dos riscos que estaria sujeito.

— Como você deve ter percebido meu tio Olegário não é flor que se cheira, aquele homem é uma serpente peçonhenta, todo cuidado com ele é pouco. Hoje se encontra velho, debilitado, é verdade, sem saúde, sem dinheiro, é sabido por todos dessa região, que no passado já matara, mandara matar, cometera atrocidades, com

empregados, mulheres casadas, moças inocentes, e nunca fora punido pela Lei dos homens. Somente as Leis de Deus, o alcançarão, talvez tenham até já alcançado, tudo que acreditamos que ele ainda preze, e nutri algum sentimento, são a mulher e os três filhos, se alguém tocar nessas pessoas sem seu consentimento, pode acreditar no que vou lhe falar, ele não vai permitir, e a única maneira que ele conhece de solucionar as desavenças, é eliminar o adversário. Então lhe previno, se for fazer algo, faça bem-feito, se falhar, ele não lhe dará uma nova chance.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 16/10/2023.



# O Passado Ressurgindo

**D**EPOIS DESSA CONVERSA JOEL entendera, como uma menina bonita como Zuma, não tinha ainda namorado, apesar de ela ser ainda bastante jovem, aquele terreno certamente era deveras traiçoeiro, só em pensar que o pai a obrigava trabalhar sob o sol quente, fazendo trabalhos rudes, lhe causava revolta, para fazê-la feliz, seria capaz de qualquer coisa. Estivera pensando seriamente, sua vida não significava absolutamente nada, sem a possibilidade de poder amá-la como desejava, valeria menos que nada, a ideia de morrer por sua causa, justificava a razão de ter nascido, e vivido todos aqueles dezessete anos. Seria uma honra morrer pelas mãos de seu pai, pelo fato de amar sua filha como amava. Não estávamos equivocados quando dis-

semos que Joel, não era propriamente um poeta, tinha apenas sentimentos de poeta.

Naquela segunda-feira à tarde, Sr. Vicente divagava em pensamentos, sentado solitário num banco de madeira, sob a árvore frondosa no quintal, Joel não resistira, fora até lá e sentou-se num banco próximo, e perguntara:

— Se não for muito inconveniente, gostaria de ouvi-lo o que sabe, sobre Dona Selena, sua mãe, que partira tão jovem e bonita desse mundo?

— O que sei sobre mamãe, ouvi das pessoas, posso dizer que não a conheci, quando ela se fora, eu tinha pouco mais de um ano, acho que nem andava ainda, lembro-me quando tinha dez anos, ter visto um retrato seu, pintado a óleo, ela tinha quinze anos, estaria no auge de sua beleza física, não exageraram quando disseram que seria a moça mais bonita dessa região, chorei tanto, que minha avó paterna, escondera esse retrato e nunca mais quis mostrar-me. Acredito que esse retrato ainda possa existir, ninguém teria coragem de destruí-lo, era bonito demais. A própria família de minha mãe, denegrira sua imagem, devido sua gravidez precoce, segundo a família de meu pai, o amor deles era tão verdadeiro, forte, e intenso que acreditavam que essa gravidez fora intencional, e proposital. Minha mãe e meu pai, sabiam que meus avós jamais aceitariam o namoro, e o casamento deles. Imaginaram que a gravidez poderia fazê-los refletirem e aceitarem, mas meu avô entendera como um grande desrespeito, uma afronta imperdoável para o nome de sua família, proi-

bira minha mãe pôr os pés fora do quarto, ninguém a viu grávida, ficara incomunicável até sua morte. Diziam que meu pai não gostava de trabalhar, mesmo que isso fosse verdade, para quem tinha tantas terras, e gado, uma boca a mais para comer, não os tornariam menos ricos, meu pai não era nenhum bandido, tinha apenas dezoito anos, poderia vir ser uma pessoa útil ao meu avô no futuro. E meu tio Olegário nesse ponto, ainda agi e pensa como meu avô há cinquenta anos. Por isso lhe disse, não ouse afrontá-lo, ele não hesitará em revelar-se, aquilo que sempre foi, e ainda o é. Ele me odeia de morte, sem que nada fizesse contra ele. Apenas o impedi de apropriar-se do que meu avô me dera, de sua livre vontade, quando nasci.

Joel ficara cabisbaixo pensando, como recordando reminiscências, depois falou: — Onde imagina que poderíamos encontrar esse retrato de sua mãe, Dona Selena?

— Quando meu avô paterno que era viúvo falecera, todos seus filhos eram casados, exceto minha tia caçula que se chama Silvana, essa minha tia é mais nova que eu, estava noiva e em breve também se casaria, com a morte de meu avô, com anuência dos irmãos, seu noivo viera morar com ela na casa de meu avô, logo depois se casaram. Todas as coisas pertencentes à casa de vovô, que não eram muitas, e de pouco valor, acabaram ficando para essa tia, irmã de meu pai, que não chegara conhecê-lo, tempos depois meu tio Olímpio, seu marido, conseguira emprego em uma fazenda, na região de Uberaba, se mudaram. É vergonhoso dizer, mas nunca fomos à casa deles,

lá onde passaram morar. Se esse retrato ainda existir, deve ter ido junto com as coisas que foram de meus avós.

Joel ouvira tudo de cabeça abaixada, quando Sr. Vicente terminara, ele levantara a cabeça e dissera: — Talvez não acredite no que vou lhe dizer, o tempo todo que o Senhor me falava, não saberia dizer como, mas permanecera vendo um retrato, deveria medir 15 cm x 20 cm, e quem aparecia nele era sem nenhuma dúvida a imagem de Zuma, filha de Sr. Olegário.

Sr. Vicente ficara todo arrepiado com o que acabara de ouvir, e dissera: — Você está impressionado, isso é coisa de sua cabeça, precisa parar de ficar só pensando nela. Faz muitos anos que não vejo, essa minha única prima materna, apesar de terem a mesma cor, não poderiam ser parecidas.

Joel emocionado dissera: — Caso um dia tiver condições, e o Senhor autorizar, gostaria de ir até onde sua tia Silvana mora, se esse retrato ainda existir, trazê-lo comigo, penso que poderá vir nos ajudar muito.

— Não entendo como esse retrato poderia nos ajudar?

— Desde o início, quando o Senhor me falara sobre sua mãe, Dona Selenia, uma moça muito bonita, tentei imaginá-la, desde então sempre que referimos a ela, eu vejo Zuma, como se fossem a mesma pessoa, bonitas e especiais igualmente. Me revolta saber que o pai a obriga trabalhar sob o sol quente. Para mim, aqueles seus olhos, seu sorriso, sua voz, penso que já os conheciam antes de conhecê-la, e isso tem me incomodado, como se fosse algo que tivesse que compreender.

— Vou procurar um outro meu tio, irmão de meu pai que se chama tio Irineu, talvez ele saiba o endereço de tia Silvana, caso ele tiver essa informação, vou providenciar os meios para que vá procurar minha tia Silvana, ou talvez eu e Salete, vamos até lá visitá-los, e resolvemos esse problema, você ficaria aqui na chácara zelando de tudo. Você concorda?

— Pode ficar despreocupado, tomarei conta de tudo, podem demorarem o tempo que quiserem. Quando for procurar seu tio Irineu, gostaria ir com o Senhor para conhecê-lo.

— Amanhã depois dos afazeres, almoçamos, pagamos a charrete, antes do entardecer estaremos de volta.

No dia seguinte depois do almoço, encilharam o cavalo à charrete, e os dois pegaram a estrada que os levariam até onde morava Sr. Irineu Augusto, irmão dois anos mais jovem que seu pai Paulo Cesar Augusto. Esse seu tio morava relativamente distante, possuía um pequeno sítio, onde residia com a esposa Dona Narcisa. Poucas vezes Sr. Vicente havia ido visitar esse seu tio, quando chegara acompanhado de Joel, Sr. Irineu ficara como que abobalhado, depois de se cumprimentarem, dissera ao sobrinho, sem que Joel ouvisse:

— Esse rapaz que está lhe acompanhando, me lembrou seu pai quando tinha essa idade, depois vou mostrar-lhe um velho retrato, onde estamos em três irmãos juntos, e você vai concordar comigo.

Depois de muito conversarem, Joel sempre calado, mas atento, não cansava de olhar para Sr. Irineu, como

tentando lembrar, onde ouvira voz tão parecida. Mas nada conseguira se lembrar, a sensação que sentira, fora semelhante quando ouvira a voz de Zuma, pela primeira vez, no dia em que conhecera. Por que aquelas pessoas lhe impressionavam daquela maneira? Sr. Vicente dissera ao tio:

— Tio Irineu viemos aqui, para saber se o Senhor tem o endereço de tio Olímpio e tia Silvana, eu e Salete estamos pensando visitá-los, desde que se mudaram não os vimos mais, agora que Joel está trabalhando comigo na chácara, pensamos que seria oportuno.

— Não sei se está sabendo, meu cunhado, seu tio Olímpio falecera há mais de dois anos, sua tia Silvana mudara-se da fazenda onde moravam, para uma casinha que compraram num bairro de Uberaba, estamos sabendo desse acontecimento, porque recebemos uma carta sua não tem muito tempo, lá no envelope consta seu endereço. Nessa carta revelara-nos que depois da morte do marido, passara frequentar o Espiritismo, dizem que lá em Uberaba, essa religião tem muitos seguidores.

— Nada sabíamos sobre o falecimento de tio Olímpio. Outra coisa que gostaria saber, acaso o Senhor não se lembra de um retrato de minha mãe, quando tinha quinze anos, não sei como fora parar na casa de vovô, o vi uma só vez, quando era ainda menino? O Senhor já deveria ser casado naquela época.

Sr. Irineu ficara pensando, Dona Narcisa que acompanhava a conversa, se manifestara dizendo: — Você não se lembra Irineu? Daquele retrato muito bonito da namo-

rada de seu irmão, aquele retrato fora presente dela para ele, mas depois desaparecera, minha sogra deve ter queimado, dizia que por causa dela, o filho havia morrido.

— Será que esse retrato não possa ter ido com as coisas de vovó, quando tia Silvana se mudara para Uberaba?

— Agora lembrei-me de tê-lo visto na casa de meus pais, se ainda existe não sabemos, depois que se mudaram, também nunca fomos em sua casa.

— Se esse retrato ainda existir, pretendo trazê-lo comigo, seria tudo que me restara dela, gostaria também ter comigo o retrato de meu pai, que o tio disse possuir, para mandar copiá-lo. Apesar de não os ter conhecidos, tenho pensado muito neles ultimamente.

Quando se despediram para irem embora, Sr. Irineu fora até seu quarto, trouxera o envelope da correspondência da irmã, dentro dele colocara o pequeno retrato, do lado esquerdo o tio mais velho Guilherme, no meio o pai Paulo Cesar, e do lado direito tio Irineu, porém não mostrara a Joel, nem comentara nada. Chegando em sua casa, na privacidade de seu quarto, devidamente iluminado, analisara minuciosamente o retrato, e a semelhança do pai com Joel, era tão consistente que não teve coragem de mostrar à esposa. Fora como se as lembranças quisessem ressurgir das entranhas do passado novamente.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 17/10/2023.





# Segundo Mandamento, Amai-vos e Instrui-vos

**D**E POSSE DO ENDEREÇO DE TIA Silvana, depois de fazer diversas recomendações a Joel, Sr. Vicente acompanhado de Dona Salete, marcaram o dia que iriam viajar, Joel os levariam de charrete até a Vila, lá tomariam o primeiro ônibus, e de cidade em cidade, haveriam de chegar em Uberaba. Joel por sua vez, dissera a eles que aproveitassem bem o passeio, a chácara e os animais ficariam bem vigiados, e cuidados.

A viagem de Sr. Vicente e Dona Salete, apesar de demorada, ocorrera sem maiores problemas, chegando

ao destino, tomaram um taxi, de posse do endereço, em poucos minutos o carro parara em frente à casa constante no endereço. A Senhora que os receberam, não os reconheceram, nem tão pouco fora reconhecida, depois das explicações, se abraçaram, haviam encontrado a pessoa a quem procuravam. Sr. Vicente dissera à tia que há poucos dias ficara sabendo da morte do tio, através de tio Irineu, apesar de tê-lo conhecido muito pouco, tinha conhecimento que se tratava de boa pessoa. Dona Silvana se justificara, dizendo que devido à condição de empregados, não voltaram mais em Vila Esperança, para rever aos parentes. Depois de muito conversarem, falarem dos tempos passados, de tantas ocorrências sucedidas, Sr. Vicente perguntara à tia sobre o retrato da mãe. Acabara descobrindo mais que pretendia, e nem imaginaria que fosse possível, Dona Silvana, muito segura de si, começara lhe explicar:

— Vou lhe contar a história desse retrato desde o princípio. Paulo Cesar seu pai, teria ganhado esse retrato de sua mãe, quando começaram namorar. Levara o para casa e o escondera, para ninguém o encontrar. Cinco anos depois de sua morte, mamãe sem querer o encontrara ao acaso, pensara em destruí-lo, mas acabara mudando de ideia, queria mostrar a você, quando estivesse mais crescido, somente papai o viu nessa ocasião, voltara escondê-lo. Quando você havia crescido um pouco, mostrara a você e a todos de nossa família, acabara desabafando a dor que sentia, dizendo que por causa dela, seu filho havia morrido. Dizem que você

chorara o dia todo, porque queria vê-la pessoalmente. Mamãe tornara escondê-lo, e dissera que o havia queimado. Não mais se falara sobre esse retrato. Quando mamãe estava muito doente, sentia que logo morreria, pegara o de onde escondera, e pediu-me que sumisse com ele, sugerira-me que deveria queimá-lo. Então o guardara comigo. Na fazenda onde morávamos as pessoas falavam muito sobre Espiritismo, sempre tive vontade conhecer. Depois da morte de Olímpio, me mudara para essa casa, que há algum tempo havíamos comprado, então comecei participar das reuniões, numa casa Espírita, lá me ajudaram muito, aceitar a morte de meu marido. Me disseram que se levasse um pertence ou o retrato de uma pessoa falecida, poderia obter notícias sobre seu Espírito. Primeiro levava um retrato de seu pai, o guia do médium dissera, que o Espírito dele, já havia reencarnado, somente isso. Passados umas semanas resolvera levar o retrato de sua mãe, ele guia, do mesmo médium, dissera que o Espírito de sua mãe, havia reencarnado em sua própria família. Depois eu com minha filha, sua prima Teresa, levamos o retrato de mamãe, o mesmo médium dissera que seu Espírito ainda se encontrava em tratamento, mas se encontrava praticamente recuperado. Muitas pessoas não acreditam que isso seja possível, mas tenho ouvido tantas histórias a esse respeito, de pessoas sérias, comunicações de parentes falecidos, que não temos como não acreditar.

— Qual dia da semana a tia costuma participar dessas reuniões?

— As reuniões que costumo participar são as segundas e sextas-feiras, mas para se ter notícias de Espíritos, são todas as quartas-feiras, na mesma casa Espírita.

— Poderíamos acompanhá-la numa dessas reuniões?

— Perfeitamente, todos são muitos bem-vindos as essas reuniões, se ficarem aqui até sexta-feira, poderão nos acompanhar, sem nenhum problema.

— Quería pedir outra coisa à Senhora, mas estou com receio que não me atenda. Gostaria muito levar comigo, uma cópia do retrato de minha mãe.

— Na verdade quando mamãe pediu para sumisse com ele, imediatamente pensara em guardá-lo comigo, pensando entregá-lo a você um dia. Se existe uma pessoa que o merece tê-lo consigo, é você, seu único filho.

Dona Silvana levantara-se da cadeira em que estava sentada, fora até seu quarto, e trouxera o retrato, que deveria medir 15cm x 20 cm, entregara o ao sobrinho, e dissera: — Agora pertence a você.

Sr. Vicente ficara olhando para o retrato, seus olhos encheram de lágrimas, passara o para as mãos de sua esposa, e desatara num choro comovido, como se fosse ainda o mesmo menino de dez anos, Dona Silvana o abraçara, e dissera:

— Para que chorar? Ela não morrerá, a essas horas deve estar lá, junto da família Freitas. Ninguém morre de verdade, somente trocamos de corpo, para irmos nos melhorando à cada nova existência.

Aquelas palavras da tia ditas com tanta convicção, o fez lembrar das suposições de Joel, que o Espírito de sua

mãe, poderia ter reencarnado como Zuma, e a mal conhecida, devido ao gênio violento de seu tio Olegário, e aquele retrato poderia os ajudá-los, talvez Joel tivera em sua cabeça, uma ideia de usá-lo para pacificamente se aproximar da família do tio. Imediatamente cessara de chorar, e se abraçara, e agradecera à tia.

Apesar de Dona Silvana morar sozinha em sua casa, dois de seus filhos, já casados, moravam próximos a ela, Tereza e Jeremias. Naqueles dias que Sr. Vicente e Dona Salete, passaram na casa da tia, passara conhecer esses seus primos, que até então não conhecia. O entusiasmo de Sr. Vicente, em participar de uma reunião na casa Espírita, acabara contagiando o primo Jeremias. Na sexta-feira todos foram à reunião, o conteúdo do assunto proferido pelo palestrante, explicara os laços de família, às diferenças entre os laços espirituais e sanguíneos que ligam as pessoas, os resgates e as expiações, que envolvem esses parentes. Falara também sobre a importância do estudo, e da prece, que funcionam como nossos agentes protetores e orientadores, para facilitar nossas vidas, e fortalecer nossa fé.

Sr. Vicente gostara tanto do que ouvira, que no final da reunião, orientado pelo palestrante, adquirira dois dos Livros da Codificação, O Livro dos Espíritos, e o Evangelho Segundo o Espiritismo, com o propósito de começarem estudá-los, quando voltassem para casa. Para alegria de Dona Silvana, o filho Jeremias e sua nora, comprometeram-se continuarem participando com ela das reuniões.

No sábado como estava programado, Sr. Vicente e Dona Salete, despediram-se dos parentes, e reiniciaram a longa e demorada viagem de volta, poderíamos dizer que além do retrato da mãe, e das obras Espíritas, traziam seus Espíritos fortalecidos por uma espécie de orientação, até então desconhecida, que lhes permitiriam enfrentarem às dificuldades com mais esperança, por entenderem que nada se finda definitivamente.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 18/10/2023.



# O Drama de Zuma

**C**HEGARAM À CHÁCARA QUANDO já era noite, foram levados por um seu conhecido morador da Vila, que eram muito amigos, foram recebidos por Joel que o tranquilizara, dizendo que tudo estava na mais perfeita normalidade, e foram dormir para descansar da viagem. No domingo depois dos afazeres matutinos, foram sentarem-se no local de sempre, e Sr. Vicente lhe pôs a par, dos acontecimentos da viagem, omitindo alguns detalhes, para que fossem revelados em momento mais adequado, caso considerasse conveniente, por ter muito a ver com seu passado.

Mas não poderia se furtar de mostrar-lhe o retrato da mãe. Quando Joel o viu em suas mãos, percebera que não era exatamente como Zuma, apesar de alguns

traços semelhantes, e a mesma pigmentação da pele morena. Olhou-o fixamente durante um bom tempo, depois dissera:

— Realmente sua mãe fora uma linda moça, diferente da imagem que aparecia em minhas visagens, penso que a imagem perfeita de Zuma, que via, era como o Senhor dissera, produto de minha imaginação, eu tentava imaginar uma moça bonita, até hoje não conheci ninguém mais bonita que Zuma, principalmente seus modos alegres, e seu jeito humilde de ser.

— Isso é por você ter se apaixonado por ela, mas como lhe disse, estude bem o terreno aonde for por seus pés, faça as coisas da maneira mais correta possível, aja como um homem de verdade, não force nada, acredito que o que Deus nos reservara nessa vida, ninguém tem o poder de nos tirar. Deixe que as coisas aconteçam naturalmente. Trouxe dois Livros Espíritas, que revelam ensinamentos dos bons Espíritos, para nos orientar em nossas dificuldades. Assistimos a uma palestra, em uma casa Espírita que minha tia frequenta, conforme ouvia as explicações do orador, percebi que cometemos muitos erros na vida, por desconhecermos a verdade, colhemos somente aquilo que semearmos, Deus quer que sejamos bons, para conosco e para com nossos semelhantes. Sofremos muito, por errarmos muito.

— Se o Senhor permitir gostaria de conhecer esses ensinamentos, às vezes tenho uns pensamentos estranhos, a sensação de que essa minha vida, não tinha nenhum significado, depois que conheci Zuma, tive a sensação que

poderia ser feliz, mas se ela não corresponder o que sinto por ela, acho que não vou suportar continuar vivendo.

— Não fale assim, você é muito jovem ainda, e tem toda uma vida pela frente, vamos começar estudar juntos esses dois Livros Espíritas. Minha tia dissera-me, que depois que começara assistir às reuniões, conseguira aceitar sem mais se revoltar, à morte de seu marido, por ter certeza de que quando morrer o encontrará, no mundo Espiritual. Particularmente penso que não terei mais muito tempo, tenho muito medo da morte, necessito fortalecer minha fé, tenho muitas dúvidas sobre as coisas de Deus.

Joel dissera: — Medo de morrer acredito que todos têm, isso seja natural, mas quando não temos uma razão para se continuar vivendo, tudo perde a graça. Não desejo muito, mas não ter a quem amamos, não vale à pena viver sofrendo. Sinto que sou muito fraco, minha fé em Deus também é muito frágil, tenho muitas dúvidas.

Sr. Vicente se levantara, pegara o retrato da mãe, e dissera: — Hoje é domingo mesmo, vou lhe entregar um Livro, para que comece ler, depois me diz o que achara.

Ambos saíram em direção à casa, Sr. Vicente entrara, e voltara trazendo O Livro dos Espíritos, e lhe entregara. Joel agradecera, e fora para seu quarto.

Faz-se oportuno revelar quais foram as impressões de Zuma, a respeito de Joel. Naquele dia que se conheceram, quando ela e os dois irmãos, trabalhavam preparando o terreno para plantar abacaxis, naquele dia depois que Joel se retirara, comentara com os irmãos:

— Estranho esse rapaz entrar aqui na roça, pedir água para beber, fazer tantas perguntas, querer saber o nome de todos de nossa família, depois perguntar se à Vila estava muito distante, talvez soubesse de tudo, perguntara somente por perguntar.

Olegário o irmão mais velho, dera seu parecer:— Pelo jeito não nos conhecia, acredito que não é dessa região, se mamãe estivesse aqui, não teria dado tanto conversa, mandaria logo seguir seu caminho.

Naquela tarde de domingo que o viu quando saíram da Igreja, quando se despediram para ir embora, Joel a olhara nos olhos de uma maneira que a impressionara, durante toda aquela semana ficara pensando nele, chegara perguntar ao irmão mais novo, Otogamiz, qual era mesmo seu nome, e o que dissera sobre sua vida, o menino apesar de seus doze anos, respondera:

— O nome dele é Joel, dissera ter arrumado emprego na chácara de Sr. Vicente Augusto de Freitas, onde ajuda cuidar da horta, e das criações. A chácara desse Senhor, fica às margens do rio, há seis quilômetros acima. Para quem estiver na Vila, para ir até lá, basta pegar a estrada do Monjolo, à chácara fica do lado esquerdo, às margens do rio.

— O que mais ele dissera?

— Perguntara se tínhamos ido sozinhos à Vila?

— O que vocês disseram?

— Que não, que tínhamos ido, com nossa mãe e nossa irmã, que deveriam estar dentro da Igreja.

— Só isso?

— Acho que perguntara, por que nosso pai não tinha ido também? Dissemos que papai não gostava de sair de casa, e nem caberia cinco pessoas na charrete.

Pelo teor daquela conversa inocente, podemos perceber que Zuma ficara impressionada com o rapaz, preferira perguntar ao irmão mais novo, que não desconfiaria de nada, sua intenção era saber se ele havia perguntado sobre ela, bem que Joel pensara nessa possibilidade, mas preferira não arriscar. Essa decisão de certa forma, fora acertada.

Essa cerimônia religiosa realizada na Igreja da cidadezinha, acontecia uma vez todos os meses, mas nem sempre Sr. Olegário permitia que Dona Zulmira e os filhos comparecessem, já Sr. Vicente e Dona Salete, muito raramente deixavam de participar. Talvez devido à distância, a chácara onde Joel trabalhava, era metade da distância.

Por esse primeiro mês de trabalho Sr. Vicente procurara Joel, para pagá-lo pelos seus serviços, Joel dissera para que não se preocupasse, que não lhe devia nada. Então Sr. Vicente dissera-lhe que assim não estava certo, teriam que estipular um salário, ouvira de Joel, se era assim que preferia, poderia lhe pagar o quanto achasse devido. Sr. Vicente fez-lhe uma proposta, Joel dissera que por ele estava tudo bem, mas poderia ser bem menos. E assim recebera seu primeiro salário. Uma tarde fora até à Vila, com o dinheiro que recebera comprara conforme seu gosto, uma calça, uma camisa, e um par de botinas, ainda lhe sobrara uns trocados. No domingo previsto para ceri-

mônia religiosa na Igreja, Joel vestido elegantemente com suas roupas novas, ficara inutilmente sentado no banco da praça, na esperança de ver Zuma novamente. Naquela tarde de domingo depois de ouvir da mãe, que o pai não permitiu que fossem à Igreja, Zuma decepcionada entrara em seu quarto, e não saíra para jantar, os pais perceberam que estava muito contrariada, sua mãe o questionara por que estava daquele jeito, ela teria desabafado dizendo: — Diz ao papai que o mês que nos proibir de irmos na cerimônia da Igreja, naquele mês não trabalharei na roça.

— Minha filha, não posso dizer isso a seu pai, não imagino como será sua reação.

— Então falo eu.

Saíra do quarto fora até seu pai, e lhe dissera com todas as palavras, as razões que naquele próximo mês não iria trabalhar, um só dia na roça com os irmãos. Sr. Olegário na presença da esposa e da filha, ficara como no-cauteado, conseguira dizer:

— Não sabia que gostava tanto assim de ir à Igreja, ou será que existem outros motivos, que não estaria sabendo?

— Papai não sou mais uma menina, preciso conhecer pessoas, sair de dentro dessa casa, o Senhor não tem o direito de nos proibir de ir à Vila, ao menos um domingo todos os meses?

— Minha filha não será você que me dirá o que devo ou não fazer, daqui em diante somente seus irmãos poderão ir à Vila. Você e sua mãe estão proibidas de saírem de

casa, não confio em nenhuma das duas, quanto a trabalhar, você é quem sabe, mas não reclame se amanhã não tiver o que comer.

Zuma não dissera nada, voltara para seu quarto, atirara-se na cama, e chorara sentidamente, pensara consigo mesmo, para viver só trabalhando na roça, sem poder sair de casa, prefiro morrer, isso não é vida.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 19/10/2023.





# Joel Muito Bem Assessorado

**Z**UMA SEMPRE FORA UMA MENINA obediente, nunca contestara uma ordem dos pais, só uma razão contundente a faria rebelar-se daquela maneira, seu pai experiente, e desconfiado como uma águia, havia captado que aquela postura da filha, só poderia ter uma explicação, a filha certamente havia se interessado por alguém, a mãe, e os irmãos, saberiam quem era o meliante. Descobriria quem seria, se fosse um João ninguém, haveria de dar-lhe o recado pessoalmente, “Desapareça ou fique para ver o que lhe acontecerá”. Estava velho e debilitado, mas preferia cuidar dessa empreitada pessoalmente, sem deixar rastros. No dia seguinte pela manhã, chamara o filho mais velho

Olegário Filho, e perguntara sem fazer rodeios: — Qual o nome do infeliz que andava rodeando sua irmã, aos domingos na Vila?

— Não estou sabendo de nada, se soubesse de alguma coisa, já teria falado ao Senhor.

— Você tem certeza? Se estiver mentindo vai sobrar para você também, para saber que não gosto de ser enganado.

— Juro ao Senhor, que não sei de nada.

— Pode ir, vou descobrir.

Fora até onde estava a esposa e a interrogara energeticamente, exigindo que lhe dissesse um nome, ou estaria acobertando à filha, em suas safadezas. Dona Zulmira foi categórica, e lhe dissera com autoridade: — Olegário vejo que você não conhece nem a mim, nem aos seus próprios filhos, se estou lhe dizendo que Zuma, nunca saíra de meu lado, como poderia estar de namoro com alguém, sem que eu não soubesse, ponho minhas duas mãos no fogo, pela minha filha. Mas esteja preparado, por que um dia isso vai acontecer, nossa filha é bonita, trabalhadora, obediente, vai impedir que ela se case, e seja feliz?

— Mas não será com nenhum vagabundo.

— Será com aquele que ela escolher, de livre vontade.

— Isso veremos.

Não satisfeito fora falar com Zuma, lhe acusando de estar namorando às escondidas, cobrando que lhe dissesse o nome do folgado, que logo iria saber com quem estava se metendo. E ouviu da filha o que nunca imaginara que

ela tinha conhecimento, Zuma o olhou nos olhos, e lhe dissera:

— Não meu pai, ainda não me interessara por ninguém, quando isso acontecer o Senhor será o primeiro a saber. Então poderá se decidir, se fará como meu avô, que mandara matar o namorado de minha tia Selena, e a trancara num quarto, até que saísse morta de lá para o cemitério, quando não tinha ainda dezoito anos de idade.

Um arrepio de morte o sacudira literalmente, com a voz trêmula, conseguira dizer: — Onde você ouvira essas calúnias sobre nossa família, e papai?

— Na escola que estudei, todos sabiam dessa história.

— Eu lhe digo que tudo isso é uma grande mentira, desse povo caluniador, meu pai nunca faria uma coisa dessas, mas deveria ter feito, lugar de vagabundo é no túmulo.

Por dois dias Sr. Olegário não conversara com ninguém, nem comparecera à mesa para as refeições, ficara esse tempo todo sozinho, meditando, à maior parte, sentado à beira do rio, engraxando e polindo a Carabina Winchester, calibre 44, M 1897 Trench Gun, toda cromada em ouro, de fabricação Americana, conhecida como Carabina Papo Amarelo, que ganhara do pai quando completara dezoito anos, e não permitia que ninguém tocasse nela. E um seu revólver Taurus 38, todo cromado, com cabo de marfim. Somente ele e DEUS, saberiam dizer as maldades que praticara com aquelas armas, numa fase obscura de sua

vida, quando exercera a função de jagunço de confiança, de Coronel Herculano Freitas, seu pai.

Zuma apesar de seus quase dezessete anos, tinha escrúpulos, durante um mês não fora ajudar os irmãos na pequena plantação de abacaxis. No mês seguinte, Sr. Olegário dissera à esposa que todos teriam seu consentimento e poderiam ir à Igreja, Dona Zulmira dissera à filha, que desde aquela conversa, não mais olhara para cara do pai, ela dissera à mãe que não iria, nem voltaria trabalhar na roça. Olegário e Otogamiz, foram sozinhos à Vila. Lá chegando, encontraram sentado no mesmo banco da praça Joel, todo elegante, usando sua roupa nova pela segunda vez. Ao vê-lo se aproximaram e o cumprimentaram, como se já fossem bons amigos, sentaram-se no mesmo banco, começaram conversar. Joel perguntara sobre a mãe e a irmã, Olegário o começara explicar o que havia acontecido, nesses termos:

— Papai cismara que nossa irmã Zuma, estaria interessada namorar algum rapaz aqui da Vila, então proibira de vir com a gente, desde então ela decidira não mais nos ajudar na roça, ele investigara e nada descobrira, convencera de que estava enganado. Esse mês suspendera a proibição, mas ela não quis vir, e dissera que não mais iria nos ajudar na roça.

— Por que vosso pai, suspeitara que ela estaria interessada em alguém aqui da Vila?

— Nosso pai sempre foi muito ciumento de nossa mãe, e agora também começara enciumar-se de nossa irmã.

— Se ele descobrisse que sua irmã Zuma, estivesse de namoro com algum rapaz, o que ele faria?

— Primeiro iria analisar se o rapaz fosse de seu agrado, trabalhador, honesto, boa situação. Se ele não aprovasse, não permitiria que ela o namorasse, caso ele não obedecesse, não saberia dizer o que ele faria não.

— Quando vossa mãe e vossa irmã, voltarão vir à Igreja novamente?

— Nossa mãe queria vir hoje, como Zuma não quisera vir, ela desistira, mas acredito que logo começarão vir novamente, nesse lugar onde moramos, não se tem aonde ir. Disse Olegário como quem conhecia muito bem às vontades da mãe, e da irmã.

Os três permaneceram sentados conversando, como se todos fossem adultos, Joel os convidaram para irem até o bar da esquina para tomar um refrigerante, por sua conta, os meninos o agradeceram, mas declinaram do convite, Olegário brincara com Joel, dizendo que certamente teria recebido seu pagamento, e estaria com muito dinheiro. Joel se justificara, dizendo que os convidaram por considerá-los seus amigos. Antes de Sr. Vicente e Dona Salete chegarem, Olegário havia convidado Joel para qualquer domingo aparecer lá na casa deles, para conhecer onde moravam, bastava somente descer margeando o rio por seis quilômetros, a casa deles era a única existente às margens do rio. Então chegara a vez de Joel brincar com Olegário, dizendo:

— Será que vosso pai, não vai soltar os cachorros em cima de mim? Ouvi dizer que Sr. Olegário é um tanto

sistemático, talvez não aceite a presença de um estranho em sua casa. Vamos fazer o seguinte, conversem com ele primeiro, se não se incomodar, vou almoçar com vocês num domingo.

Olegário considerara desnecessário obter o consentimento do pai, mas concordara com Joel, falaria com ele, depois lhe diria seu parecer. Assim que terminara a cerimônia na Igreja, Sr. Vicente e Dona Salete, foram até onde estavam os três sentados, cumprimentaram os meninos com formalidade, à maneira do costume local, pegando em suas mãos, já sabiam de quem se tratava. Joel se levantara, despedira-se dos amigos, deixando os ali, e se foram. Durante à viagem de volta, Joel revelara ao amigo, o que havia combinado com os meninos, Sr. Vicente dera seu parecer:

— No caso dele não se opor, aja como se nada soubesse sobre seu passado, respeite a todos, evite falar sobre nosso relacionamento, se disser qualquer coisa contra minha pessoa, não me defenda, observe-o o máximo possível, conquiste sua simpatia, e de sua esposa, infiltre-se sem que nada percebam, quando conseguir a confiança de todos, traçaremos nossa estratégia para se aproximar de Zuma. Quando não se pode com o inimigo, o melhor que fazemos, é aliar-se a ele.

— Só me arriscarei ir até a casa deles, para vê-la, e sentir se ela gosta ou não de mim, depois do que seus irmãos disseram, percebi que ela estaria disposta enfrentar a prepotência do pai, seria minha obrigação também fazer minha parte.

— Mas como lhe dissera, com inteligência se consegue mais, do que agir com arrogância e ignorância, uma pessoa violenta como ele, não admite ser desafiado, deseja sempre o confronto, tudo que pretende, é vencer o oponente, sentir-se superior, como diz o ditado, quando um não quer, dois não brigam. Se eu tivesse reagido as suas provocações, mesmo estando dentro de minha casa, hoje poderia estar morto, ou ser assassino de meu tio, agi pacificamente e nada disso acontecera.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 21/10/2023.





# Almoço em Família

**P** ASSADOS UNS DEZ DIAS DO ENCONTRO dos três rapazes na praça da Vila, Joel recebera através de um portador, o recado de Olegário Filho, o pai havia consentido com a visita, inclusive dissera que desejava conhecê-lo. Joel ficara todo embaraçado, necessitara recorrer ao patrão, para receber mais algumas orientações. Sr. Vicente nesse particular era bastante sensato e ponderado, o dissera:

— Nessa sua primeira visita, não deixem que percebam seu interesse por Zuma, aja conforme já orientara, como pessoa séria e responsável, trate-os com educação e respeito, nada de brincadeiras, ou comentários desnecessários e levianos, e não terá nenhum problema.

No primeiro domingo depois que recebera o recado de Olegário Filho, depois de realizarem as obrigações matinais, Joel vestira-se adequadamente, e saíra com destino à casa de Sr. Olegário de Freitas, sempre margeando o rio, através de pastagens, antes das dez horas da manhã chegara à casa de Zuma, pelos lados do fundo, como era de se esperar, fora recepcionado por dois cachorros, que demonstraram serem bem receptivos, no mesmo instante apareceram os dois meninos, que o cumprimentaram, felizes pela visita do amigo. Depois apareceram Dona Zulmira e Sr. Olegário, que o cumprimentaram pegando em sua mão. Sr. Olegário o convidara sentarem-se em bancos de madeira, que ficavam à sombra de uma mangueira, carregada de frutos em formação, próxima à área dos fundos da casa. Os quatro começaram conversar, enquanto Dona Zulmira retornara aos seus afazeres, onde Zuma a esperava na cozinha. Dona Zulmira percebera que a filha estava emocionada, mas fizera que nada notara, ambas continuaram nos preparativos do almoço.

Sr. Olegário tinha conhecimento que Joel procedia de outra região, então perguntara sobre suas origens, mais ou menos, nesses termos:

— Meus filhos me disseram que viera do interior do Estado de São Paulo, por que resolvera deixar sua família, assim tão jovem?

— Resolvi tentar a vida sozinho, numa outra região, conhecer outras pessoas.

— Está gostando daqui?

— Aqui é muito bom, considero que tive sorte, consegui trabalho, estou gostando muito.

— Lá onde morava trabalhava em quê?

Joel fora obrigado mentir, dissera com segurança:  
— Trabalhava mais em lavouras de café com meu pai.

— Meus meninos disseram que está trabalhando na chácara de Sr. Vicente. O que andam fazendo por lá?

— Sr. Vicente de uns tempos para cá, não anda muito bem de saúde, sente muitas dores nas pernas, e na coluna. Contratara-me para ajudá-lo nos trabalhos da horta, cuidar do quintal, das pastagens, zelar dos animais, vacas, porcos, e galinhas, praticamente é esse meu trabalho.

— Mas antes, vocês já se conheciam?

— Não, nos conhecemos ao acaso lá na Vila, justamente no dia em que cheguei, convidara-me para trabalhar com ele, como sempre trabalhara com meu pai, precisava trabalhar, fui ajudá-lo, estamos nos dando muito bem, estou muito satisfeito, acho que ele também.

— É o que sempre falo aos meus filhos, o homem tem que trabalhar enquanto jovem, depois que envelhece como eu, não se consegue fazer mais muita coisa. Se tem uma coisa que nunca suporte, e não suporto, é cabra preguiçoso, ser pobre não é defeito, mas preguiçoso, mentiroso, e ladrão, não tolero esse tipo de gente, quero que fique bem longe de mim, e de meus filhos, por isso quis conhecê-lo, e vejo que é um bom rapaz, trabalhador e honesto.

— Sou de família pobre, mas pretendo trabalhar muito, e um dia se Deus me ajudar, quero possuir nem

se for uma pequena chácara, para trabalhar naquilo que seja meu.

— É exatamente isso que espero de meus filhos, que não sejam preguiçosos, nem mentirosos, nem ladrões, trabalhem muito e progridam.

Assim que Dona Zulmira e Zuma, terminaram de colocarem as panelas no fogo, a mãe lhe dissera que poderia ir vestir uma roupa mais condizente, que ela cuidaria de tudo. Ela fora para seu quarto, depois de uns quinze minutos, saíra toda bonita, usando um vestido simples, mas que lhe caía muito bem, cabelos bem penteados, batom discreto nos lábios, usando um perfume suave. Quando a mãe a viu, sorriu aprovando, e lhe dissera:

— Agora vá até lá cumprimentar o rapaz.

— Na presença de papai?

— Sim. Para ele ir se acostumando.

Zuma um pouco trêmula e insegura, fora até onde os quatro estavam sentados, quando Joel a viu vindo em sua direção, levantara-se. Ela aproximara-se dele, estendendo a mão, dissera timidamente: — Bom dia Joel, tudo bem com você?

— Bom dia Zuma, tudo bem obrigado, e com você?

— Bem obrigado.

Com seu sorriso tímido, ela pedira licença, e voltara para cozinha onde estava à mãe.

Sr. Olegário, o perguntara: — Já conhecia minha filha Zuma?

— Sim Senhor, já nos conhecíamos.

Sr. Olegário um pouco sem graça, dissera: — Fiquem aqui conversando, vou ver se o almoço ainda vai demorar, já estou com fome.

Chegando à cozinha encontrando somente à esposa perguntara: — Onde Zuma e Joel se conheceram?

— Não sabe que Joel é colega de nossos filhos? O conhecemos lá na Vila.

Sr. Olegário engolira seco, e perguntara: — O almoço ainda vai demorar? Estou com fome.

— Mais dez minutinhos estarão sobre a mesa.

Voltara para os bancos sob a mangueira, dissera para que todos ouvissem: — Mais dez minutos, o almoço estará pronto.

Dissemos que Sr. Olegário era desconfiado como uma águia, a essas alturas já havia captado que aquela visita de Joel, não fora sem um propósito, certamente viera para ver Zuma, mas deliberara que naquele dia não diria nada. Ela dissera que quando se interessasse por alguém, ele seria o primeiro a saber. Isso lhe daria tempo para pensar, e decidir o que deveria fazer, mas com certeza a esposa conhecia essa história melhor que ninguém.

Logo Dona Zulmira chamara a todos, dizendo que o almoço estava sobre a mesa, Sr. Olegário fora até o tanque de água, lavara e enxugara às mãos, o que fora seguido pelos demais, sentaram-se os seis envolta à mesa espaçosa, Sr. Olegário ocupara uma das extremidades da mesa, Zuma sentara-se ao lado da mãe. O almoço simples, mas muito caprichado, o tradicional arroz e feijão, acompanhados do frango caipira ao molho, algumas variedades de hor-

taliças, e legumes, produzidos ali mesmo, compunham à mesa, proporcionando uma refeição simples, mas de muito sabor e qualidade.

Durante à refeição se falara pouco, Sr. Olegário perguntara a Joel, se seu patrão vendia os produtos colhidos em sua horta na Vila. Joel respondera que sim, levava de charrete, duas vezes por semana, Sr. Olegário comentara, se sua chácara não se localizasse tão distante, poderia fazê-lo também, que não conseguiam consumirem tudo que sua horta produzia, às vezes alimentavam aos porcos, e às galinhas, com verduras e legumes, um verdadeiro desperdício.

Sem que ninguém percebesse, discretamente, por algumas vezes o olhar de Joel cruzara com o de Zuma, ela sorria timidamente disfarçando, mas não conseguia ocultar a ternura que seu olhar transmitia. Apesar de ela ter apenas dezesseis anos, já era uma moça muito bonita, Joel pensava consigo mesmo, se Zuma disser que nunca será capaz de gostar de mim, não sei o que farei da vida, mas certamente não conseguirei continuar vivendo.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 22/10/2023.



# A Coragem de Joel

**A** VISITA FORA MUITO BOA, O almoço muito bom, fora muito bem recebido e tratado, por Sr. Olegário, por Dona Zulmira, pelos irmãos de Zuma, e por ela, só não tivera oportunidade de ficar a sós com Zuma, nem se quer, alguns segundos. Mas um olhar, pode dizer mais que muitas palavras, e seus olhares dialogaram muito, se alguém percebera, Joel não estava nem um pouco preocupado. Poderia estar até enganado, mas aqueles olhares de Zuma, lhe disseram muito mais que imaginava ouvir dela. Se tinha uma coisa que ele não temia mais, era a fama de lobo mal, de Sr. Olegário. Aquele Senhor tinha a mansidão de um cordeiro, e todas as qualidades para ser um ótimo sogro. Se o que ele abominava em um candidato a

genro eram: preguiça, mentira e o hábito de roubar, ele não teria nenhuma dificuldade para preencher os requisitos para obter sua permissão, para namorar sua filha. Por Zuma ele seria incapaz de transgredir uma só dessas exigências.

Depois de ouvi-lo Sr. Vicente eximira-se de fazer qualquer comentário, pensara consigo mesmo, tomara que Joel não esteja enganado. Aquele homem é meu tio, mas é mais falso que uma cédula de três dólares.

Naquele mesmo domingo à tarde, depois que Joel, havia ido embora, Sr. Olegário numa conversa particular, pressionara à esposa que confessasse, que estaria acobertando um provável namoro entre Zuma e Joel. Dona Zulmira que já andava sem paciência com as implicâncias do marido, fora bem sucinta, e lhe dissera em poucas palavras:

— Olegário já lhe dissera que nossa filha não tem namorado. Como não acredita em sua esposa, deveria ter perguntado ao rapaz, que estivera aqui até a poucas horas, quem sabe ele não confessaria que estariam namorando, sem que eu nada soubesse.

— Às filhas sempre confiam às mães seus segredos, porque sempre se protegem, uma à outra.

— Você estaria insinuando que Zuma, saberia coisas minhas, que você não saberia?

— É isso mesmo.

— Não Olegário, eu não revelo meus segredos a Zuma, não teria coragem de dizer a ela, que há alguns anos, você não satisfaz minhas necessidades de esposa,

caso dissesse, você certamente diria que isso não é verdade? Ou prefere que eu conte a ela, esse e outros segredos nossos?

Depois desse colóquio humilhante, Sr. Olegário desistira de descobrir qualquer coisa sobre a vida amorosa da filha, ela mesma o dissera, que quando interessasse por alguém, ele seria o primeiro a saber. Daria a ela esse crédito de confiança. Mas se Zuma lhe dissesse que estaria interessada, no moleque empregado de seu sobrinho bastardo, o que faria? Seria melhor nem pensar que isso viesse um dia acontecer. Não intencionava voltar fazer justiça com suas próprias mãos, na sua idade, sentia-se impotente para consertar à sua maneira, as coisas erradas do mundo.

Faz-se oportuno revelar que desde que Sr. Vicente e Dona Salete, retornaram de Uberaba, trazendo os dois Livros que fazem parte da Codificação da Doutrina Espírita, os três quase todas as noites se reuniam durante uma hora, e se dedicavam aos estudos das perguntas e respostas, existentes em “O Livro dos Espíritos”. Não obstante Sr. Vicente e Dona Salete, se considerarem católicos, desde que iniciaram os estudos, suas visões dos mundos físicos e espirituais, modificaram completamente. Joel por ser mais instruído nos conhecimentos escolares, e possuir senso crítico mais apurado, e questionador, e por até então não ser um frequentador, nem influenciável pelos dogmas tradicionais da Igreja Católica, considerava por opção, já ser um Espírita convicto de coração. Apesar de seus conhecimentos ainda serem superficiais, se

identificara plenamente com os ensinamentos da Doutrina Espírita, e lamentava o fato de na Vila, não existir ainda uma Casa Espírita, onde poderia interagir-se mais profundamente em certos assuntos, com pessoas mais experientes e esclarecidas.

O interesse de Joel pelo Espiritismo, fora tão imediato e significativo, que tivera a iniciativa de comprar de uma Editora conceituada, por intermédio dos Correios, os cinco Livros que compõem as Obras Básicas da Doutrina, essa sua atitude demonstrara que realmente estaria decidido aprofundar seus conhecimentos. Há de se perceber que nesse curto período que Joel chegara à Vila Esperança, mais especificamente depois que conhecera Zuma, passara trabalhar regularmente ao lado de Sr. Vicente, estudar com determinação o Espiritismo. Poderíamos dizer que nesse curto espaço de tempo, transformara-se em outra pessoa, que em nada fazia lembrar o rapazote irresponsável, que abandonara à casa paterna, lá em Santa Isabel, por recusar-se trabalhar.

Dizem que as pessoas não mudam, uma vez desajustada, sempre desajustada. Joel começara provar que essa teoria não se sustenta. Às vezes necessitamos apenas de um incentivo, ou um bom motivo, para modificarmos nossa maneira de ser. Seria naquele domingo à tarde, a cerimônia religiosa, onde às pessoas estariam automaticamente convidadas comparecerem. Da chácara de Sr. Vicente partira sua charrete, levando os três iniciados nos estudos Espíritos, Joel teria recebido outro salário, e comprado outra troca de roupas, talvez mais adequadas.

Da chácara de Sr. Olegário partira sua charrete levando quatro pessoas, duas dispostas desafiar o sistema autoritário do chefe daquela casa, porque pela manhã o patriarca haveria deliberado que Dona Zulmira e Zuma estariam proibidas de irem à Igreja, naquela tarde.

Como sempre fazia Sr. Vicente e Dona Salete, iam assistirem à missa, Joel que se considerava um Espírita, os esperariam sentado em um banco do praça. Sem esperar que acontecesse, vira chegando aonde estava sentado, Olegário Filho, Otogamiz, e Zuma, Dona Zulmira fora sozinha à Igreja. Os três chegaram cumprimentaram a Joel, pegando em sua mão, depois sentaram os três no banco, Zuma sentara-se ao lado de Joel. Alguma coisa muito séria haveria acontecido na chácara de Sr. Olegário, aquela atitude dos meninos não era normal. Joel perguntara se Dona Zulmira, não tinha vindo com eles, Zuma respondera: — Mamãe hoje fora sozinha na Igreja, ela permitiu que eu ficasse aqui na praça com meus irmãos.

Joel sentia-se como embriagado, aspirando o perfume suave de Zuma, sentada ao seu lado, aquela seria a oportunidade que teria para dizer a ela tudo que pretendia, mesmo na presença dos irmãos, não perdera tempo, dissera:

— Zuma desde que a conhecera naquele dia na roça, nunca mais a tirara de minha cabeça, tenho pensado muito em você, gostaria saber se aceita ser minha namorada? Naquele domingo que fora almoçar em vossa casa, até pensara em lhe falar sobre isso, mas não consegui ficar sozinho com você, queria saber o que tem a me dizer?

— Joel nessa semana, conversara com minha mãe sobre esse assunto, ela sugerira que viesse encontrar com você, nosso pai anda desconfiado, principalmente depois que fora em nossa casa. Não quero fazer nada escondido dele. Dissera a ele que quando me interessasse por alguém ele seria o primeiro a saber. Se for falar com ele, e tiver seu consentimento, aceito namorá-lo. Então poderá ir todos os domingos lá em nossa casa.

Joel perguntara aos três: — O que vocês acham? Será que ele concordará? Não soltará aqueles dois cachorros em cima de mim? Dizem que vosso pai é muito bravo.

Olegário dera seu parecer: — O que ele poderá dizer, é que não concorda, que não apareça mais lá. Caso lhe disser isso, e você não o obedecer, aí não saberia dizer o que ele faria.

Joel ouvira calado, pensativo, depois falara: — No próximo domingo à tarde, irei falar com ele, se disser que não concorda com nosso namoro, lhe direi que poderá fazer o que quiser, que não desistirei de Zuma por sua causa, poderá até matar-me se quiser.

Zuma interferira dizendo: — Não diga isso a ele, será bem capaz de matá-lo. Melhor dizer a ele, que fará como ele queira. Depois pensaremos em outra coisa.

Como dissemos, aquela menina tinha escrúpulos, Joel perguntara: — Vosso pai possui armas?

Otogamiz respondera: — Duas, uma carabina 44, papo amarelo, e um revólver Taurus 38, Canela Seca, sua vida é lubrificá-los e poli-los, não deixa ninguém nem chegar perto.

Joel suspirou fundo, e dissera: — Pois irei somente com a alma de meu corpo, vou mostrar-lhe que não tenho medo dele, nem de morrer, quero provar que amo Zuma de verdade.

— Para provar que me ama, não é necessário que morra, basta fazê-lo entender que é meu pai, e não dono de minha vida. Quando for falar com ele, faço questão de estar ao seu lado.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 24/10/2023.





# O Passado, Presente!

**N**ESSA TARDE COINCIDENTEMENTE quando Sr. Vicente e Dona Salete, chegaram ao banco da praça, onde Joel dissera que os esperariam, encontraram a família de Sr. Olegário, conversando com Joel, aproximaram naturalmente, cumprimentaram a todos, pegando em suas mãos, quando Dona Zulmira dissera que já estavam indo embora, Joel pedira ao casal, que o esperassem ali sentados, que iria acompanhá-los até a charrete. Durante esse pequeno percurso, Joel revelara à mãe de Zuma, que no próximo domingo à tarde, iria até a casa deles para obter de Sr. Olegário, permissão para namorar Zuma. Dona Zulmira dissera a ele, o que pensava:

— Olegário é um homem ignorante, às vezes rude comigo e com nossos filhos, caso ele não consentir, não o afronte, pelo menos demonstrara intenção de fazer da maneira correta, conversarei com ele durante à semana, para que haja como um homem civilizado. Brigar só piorará às coisas.

Joel muito emocionado, parecia ter lágrimas nos olhos, com à voz trêmula, dissera: — Obrigado Dona Zulmira, pelo apoio da Senhora, mesmo que ele queira, não vou brigar, por Zuma aguentarei o que for preciso.

Se despediram e Joel retornara para praça, onde Sr. Vicente e Dona Salete o esperavam. No trajeto para casa Sr. Vicente comentara, suas impressões, dizendo:

— À vida das pessoas é um grande mistério, para você entender o que estaria tentando dizer, meu Tio Olegário, nascera em berço de ouro, durante sua vida só cometera barbaridades, com seus familiares, com empregados, com mulheres que se envolvera, ficara pobre esbanjando toda sua herança, depois de velho, casara com uma moça nova, bonita, trabalhadeira, e honesta, tiveram três filhos bons, bonitos, trabalhadores, e os exploram no trabalho. Pelo que comentam ainda os maltratam. Em meu modo de ver um homem desse, tivera muita sorte, a vida lhe fora generosa demais. Aquele ditado que diz: “Aqui se faz, aqui se paga”, em meu modo de ver não é muito verdadeiro.

Joel refletira um momento, decidira revelar ao casal de amigos, tudo que haviam combinado fazer no próximo domingo, depois dissera: — Somente Deus nos

conhece profundamente, ninguém exceto Deus, sabe o que se passa com ele, e o que o aguarda em seu futuro, às Leis de Deus são justas, perfeitas, e infalíveis, se não as pagar nessa vida, com certeza pagará na próxima.

— Para o homem incrédulo e insensato, esse sistema de resgate, e justiça, não o comove, nem o faz arrepender-se, só o faz perseverar em suas arbitrariedades, por não acreditar na existência das Leis Divinas, e sentir que às Leis humanas são ineficientes e não chegam atingi-los.

Joel pensara um pouco, e dera seu parecer: — Para o homem crente que raciocina, e consegue perceber a grandiosidade dos poderes de DEUS, de Sua sabedoria suprema, e de Sua bondade, não temos como duvidar da eficiência de Suas Leis, nos fornece a todo momento provas da eficácia de Sua justiça, Ele nos concede tempo, e oportunidades para que reparemos nossos erros.

— Você estaria se referindo ao meu tio Olegário, com referência às dívidas contraídas com os Espíritos de meu pai, e de minha mãe?

— Exatamente. Não é admirável a sabedoria, e a Justiça de DEUS. Dona Zulmira o colocará a par da situação, ele terá tempo para pensar no que irá fazer. DEUS, estaria lhe concedendo oportunidade de resgatar parte de suas dívidas.

— Mas quem poderá saber, que não falirá novamente?

— Ninguém, exceto Deus, Sr. Olegário sabe perfeitamente o quanto já é devedor. Será que estaria disposto aumentar ainda mais essas dívidas?

— Lembre-se que ele não pensa, como pensamos. Não acredita em Deus, como acreditamos. E desconhece como funcionam às Leis Divinas.

— Isso é o que imaginamos, não sabemos o que passa em sua consciência, por enquanto.

— Se quiser poderei acompanhá-lo até a casa dele, no domingo?

— Não Sr. Vicente, não estarei sozinho, Deus estará comigo.

Durante toda aquela semana, depois do estudo, Sr. Vicente deliberara que faria uma prece pedindo à Espiritualidade, que iluminasse os pensamentos de Sr. Olegário, e o fizesse refletir sobre seus atos do passado, que certamente estariam pendentes de reparação. Que não viesse cometer outros, que só agravariam à situação futura de seu Espírito. Que durante seu sono, em seus sonhos encontrassem os Espíritos de seus genitores, que o fizessem refletir, sobretudo de errado que mancomunados arquitetaram, e executaram, em detrimento aos seus semelhantes, principalmente a si mesmo.

Joel dissera que participaria também dessas preces, acrescentando, que se possível evitassem que novos infortúnios viessem ocorrer, para seu Espírito, e o de Zuma, mas se não fosse possível, que fosse feito segundo os desígnios Superiores. Quanto ao ocorrido no passado, não guardava nenhum ressentimento, e gostaria muito que fosse restabelecida a paz entre eles.

Na segunda-feira na casa de Sr. Olegário, Dona Zulmira colocara o marido a par do que havia acon-

tecido, na tarde do dia anterior, e do que estaria para acontecer, no próximo domingo à tarde, ele apenas ouvira. Depois como sempre fazia, isolara-se, sentara à beira do rio, e todo passado tenebroso de sua existência, ressurgira em sua mente, como querendo repetir-se. Sem entender o porquê, a imagem de sua mãe Dona Serafina, enlouquecida ressurgira em sua mente, lamentando à morte da filha querida, sentindo-se culpada pelo acontecido, se soubesse que aconteceria aquela tragédia, teria feito algo para evitá-la. Sr. Olegário que não se lembrava, se um dia havia chorado, nem quando seus pais faleceram, não conseguira o conter agora, e desatara num pranto convulsivo, que o fez deitar-se no chão, e suas lágrimas eram reais e abundantes, que molharam a terra. Quanto mais chorava, mais vontade de chorar sentia. De repente não sabe se dormira, vira surgir em seu pensamento a imagem de Dona Zulmira, também enlouquecida, lamentando a morte de Zuma, o apontando, acusando que ele era o único culpado. Então despertara, voltando a si, cessou de chorar, e pensou: “Isso não vai acontecer”, não permitirei que aconteça. Apesar de sentir seu coração aliviado, sua cabeça doía intensamente, pensara, vou morrer, mas não quero morrer agora. Levantou-se trôpego, voltara para casa, dissera à esposa: — Minha cabeça está partindo de dor, acho que vou morrer.

Dona Zulmira, o pegara pelo braço, o conduziu até o quarto, deitou-o na cama, e dissera: — Espera-me um minuto, vou buscar um analgésico.

Rapidamente retornara trazendo numa xícara o remédio, ele tomara de uma só vez, deitara novamente, e não vira mais nada. Quando Zuma chegara da horta, a mãe lhe dissera tudo que acontecera, ela começara chorar, fora até o quarto percebera que o pai dormira profundamente, voltara para junto da mãe.

Sr. Olegário dormira profundamente, e sonhara, e fora um sonho real, acontecido num passado distante, dessa existência: “Estava com o pai no curral da fazenda. Coronel Herculano, usava chapéu grande na cabeça, botas de couro, com canos longos, à altura dos joelhos, lenço amarrado ao pescoço. Chegara até ele e dissera: — Olegário faz três dias, que mandara, acabar com a raça do vagabundo que emprenhara sua irmã, sem deixar rastro, pelo que estou sabendo ainda não o fez, dou-lhe somente mais dois dias, se não fizer, faço eu, mas que fique só entre nós dois; Olegário respondera: — Tenho o procurado, meu pai, mas não o encontro, esse serviço é meu, faço questão em fazê-lo pessoalmente, vou continuar procurando. Montou seu cavalo negro, saíra margeando o rio, quando vira quem procurava, deitado sob a sombra de uma árvore, chegara sem que ele percebesse, quando o vira levantara se, e dissera: — Estou aqui de passagem, já estava indo embora. Olegário perguntara e respondera: — O que pretende, rondando nossa casa? Roubar Selena, para passar fome ao seu lado, todos sabem que é um vagabundo, não gosta de trabalhar? Paulo Cesar, respondera: — Isso não é de sua conta, de vossa casa só quero Selena. Olegário zombara dizendo: — Além de preguiço-

so, é mentiroso, e quer nos roubar, Selena e o que é nosso. Mas não vai conseguir não, porque agora você vai nadar um pouco. Pegando a carabina 44, papo amarelo, que trazia presa à sela, há menos de cinco metros de distância, atirara em seu peito, ele caíra de bruços, descera do cavalo, com seu revólver Taurus 38 na mão, com os pés virara seu corpo, e o descarregara em seu peito. Ato contínuo, o pegara pelos dois pés e o puxara em direção ao rio, que passava há menos de dez metros de distância, quando rolara seu corpo no barranco, percebera que era Joel”. Nesse momento acordara assustado, deve ter gritado qualquer coisa inteligível, e percebera que fora um sonho, Zuma estava segurando sua mão, sentada ao lado de sua cama. Ambos se assustaram, assim que vira a filha tivera outra crise de choro, Zuma assustada saíra correndo do quarto, e já encontrara a mãe, que ouvindo o grito, viera imediatamente.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 25/10/2023.





# O Aguilhão do Remorso

**S**R. OLEGÁRIO DEBRUÇADO SOBRE A cama, chorava como criança, Dona Zulmira afofou seus cabelos grisalhos, e perguntara o que havia acontecido, ele nada respondera. Perguntara se a cabeça ainda doía, balançando a cabeça, dissera que não. Como não queria conversar, a esposa o deixara sozinho, e fora ver a filha em seu quarto, que também chorava. Zuma lhe dissera o susto que levara, quando o pai que dormia, subitamente ergueu-se todo assustado gritando. Deduziram acertadamente que tivera um sonho assustador. Dona Zulmira confidenciara à filha, dizendo: — Seu pai já cometera muitas atrocidades, nessa sua vida. Não frequenta nenhuma Igreja, não faz nenhuma oração antes de dormir, é como um bicho do mato.

Quando retornara para cozinha, olhara para cama em seu quarto, o marido já havia se levantado, e dirigido para a beira do rio, onde se refugiava para pensar na vida, ou talvez na própria morte. Ou sabe Deus, em quê. Na verdade Sr. Olegário, recordava o sonho que tivera. É normal esquecer os sonhos, mas ele se lembrava nitidamente, de tudo, do que dissera, do que ouvira, da pessoa que assassinara, era a mesma de sua juventude, mas quando fora atirar o corpo de sua vítima ao rio, era sem nenhuma dúvida, o corpo de Joel, que apesar de certa semelhança, eram pessoas completamente distintas.

O que significara aquele sonho? Há muito tempo nem se lembrava desse episódio, o que mais lhe intrigara, fora o morto Paulo Cesar Augusto, o vagabundo que emprehara Selena, transformar-se em Joel, o empregado de seu sobrinho bastardo, que cismou que poderia namorar sua filha Zuma. Aquilo só poderia ser coisa mandada, feitiçaria brava, para enlouquecê-lo, como acontecera com a mãe. Então lembrara-se da visagem da mãe enlouquecida, depois de Dona Zulmira também enlouquecida, o acusando da morte de Zuma. Quando percebera chorava novamente, como poderia estar chorando? Se nunca chorara em sua vida adulta. Só poderia ser trabalho de feitiçaria. E quanto mais pensava naquele emaranhado de sonhos e visagens, mais se convencera que teria que agir, ao seu modo, sem deixar rastros. Joel porque vier se meter com minha família, desapareça enquanto é tempo, porque se vier aqui no domingo, vou despachá-lo para o inferno, como fizera com o vagabundo, conquis-

tador, quando ainda moço. Continuará pensando nesse emaranhado de lembranças, continuará chorando sem conseguir parar, a cabeça começara doer novamente, o medo de morrer o envolvendo cada vez mais. Levantara-se trôpego, cambaleando chegara à porta da cozinha, dissera chorando à esposa: — Zulmira minha cabeça está rachando de dor novamente, acho que vou morrer.

Dona Zulmira pedira a Zuma que fosse à roça correndo, chamar os irmãos, para levá-lo de charrete até a Vila, um calmante de farmácia, uma injeção quem sabe, o devolveria à tranquilidade novamente. Assim que Zuma saíra, dissera à esposa, quando chegarem já estarei morto. Dona Zulmira o conduzira até o quarto, o deitara na cama, perguntara o que estava sentindo. Dissera apenas: Minha cabeça vai rachar, estou morrendo.

Enquanto Zuma fora chamar os irmãos, há três quilômetros de casa, Dona Zulmira ajudara o marido vestir uma roupa melhor, também se vestira mais condizente, quando os dois filhos chegaram, Sr. Olegário pedira que viessem até ele, os abraçaram chorando, e dissera: — Achara que não os viria mais. Enquanto o mais velho, tomara um banho rápido, e vestira um roupa limpa, o menor encilhara o cavalo à charrete. Quando Zuma chegara ofegante, e cansada, vira os três na charrete saindo em direção à Vila, fora até seu quarto atirara-se na cama e chorava desesperadamente. Otogamiz vendo a chorar, também começara chorar, sem entender direito o que estaria acontecendo.

Chegando à Vila, procuraram à farmácia, como Sr. Olegário dizia que a cabeça doía muito, e logo morreria,

o farmacêutico recusara medicá-lo, colocara o em seu automóvel, juntamente com a esposa, foram procurar um médico num Hospital, em uma cidade maior. Olegário Filho, desorientado voltara para casa sem os pais.

Chegando ao Hospital de uma cidade maior, não muito distante, fora consultado por um clínico, como estava muito agitado e ansioso, o médico receitara um calmante injetável, assim que chegara ao quarto, e fora medicado, dormira profundamente. Como disseram que ficaria em observação por ao menos vinte e quatro horas, Dona Zulmira ficara ao seu lado, e o farmacêutico retornara. Durante seu sono profundo, sonhara novamente, nesse sonho havia perdido muito dinheiro num jogo de cartas, como não tinha mais dinheiro, seu credor deu-lhe um prazo para quitar sua dívida. Fora até à fazenda do pai, onde morava sozinho, com alguns empregados. Encontrara o em casa, pedira o dinheiro, alguns contos, Coronel Herculano recusou dar mais dinheiro, começaram discutir, o pai lhe chamara de assassino, e preguiçoso. Olegário agredira o pai, com um empurrão, derrubando o, no assoalho da sala, entrara em seu quarto e pegara todo dinheiro que encontrara em sua pasta. Quando estava saindo o pai lhe dissera: — Além de assassino, preguiçoso, também é ladrão. Olegário dera um soco no rosto do pai, e dissera: — Não estou roubando, isso logo será tudo meu mesmo, e saíra. Depois Sr. Olegário fora acordando lentamente, percebera que estava no quarto do Hospital, Dona Zulmira sentada em um poltrona ao lado, quando a vira, começara chorar intensamente. A

esposa perguntara o que estava acontecendo, dissera apenas: — Estão querendo me enlouquecer.

Ela apertara um botão na parede, na cabeceira da cama, logo aparecera um casal de enfermeiros, Sr. Olegário ainda chorava, o enfermeiro perguntara: — O Senhor estaria sentindo alguma dor? Balançara a cabeça dizendo que não. A enfermeira o perguntara: — Por que está chorando? Ele nada dissera. Dona Zulmira dissera à enfermeira: — Ele sempre acorda chorando.

O enfermeiro dissera à Dona Zulmira: — Vê se ele dorme novamente, remédio somente daqui quatro horas.

Assim que os dois enfermeiros saíram, Dona Zulmira aproximou-se dele, o abraçara e dissera: — Tenta dormir novamente.

Chorando ainda respondera: — Tive um sonho muito ruim com papai.

— Sonhos são apenas sonhos, você anda muito impressionado, tente dormir novamente.

Deveria ser quase seis horas da tarde, o sol se ocultara atrás de nuvens no poente, começava escurecer, os ruídos dos automóveis tornavam mais intensos na rua, a algazarra dos pardais, chegando em bandos, emprestava àquele final de dia tumultuado, a impressão que fora mais longo que aos outros dias, quando Sr. Olegário cessara de chorar, e parecia querer pegar no sono novamente, bateram à porta, eram duas funcionárias do Hospital, trazendo num carrinho de rodas, o jantar. Deixaram as duas bandejas sobre uma mesinha, e se retiraram. Dona Zulmira dissera ao marido:

— Precisamos nos alimentar, lembra-se que hoje não almoçamos.

— Pode jantar, eu não tenho fome.

— Só jantarei depois que você comer.

Para agradar à esposa, fizera entender que jantaria. Ele sentara-se na cama, ela colocara a bandeja sobre suas pernas, passara comer vagarosamente, quando percebera que estava comendo, Dona Zulmira pegara a outra bandeja, e passara comer. Às dez horas da noite, o casal de enfermeiros trouxera o medicamento, injetaram em seu braço, logo estava dormindo. Felizmente naquela noite, não tivera nenhum sonho perturbador, e dormira à noite toda, foram acordados pelo ruído dos automóveis na rua, e pela algazarra matinal dos pardais.

Vila Esperança uma cidadezinha pequena, mas as notícias propagavam numa velocidade extraordinária, na terça-feira pela manhã a informação que Sr. Olegário, não havia passado bem, tinha sido levado e internado no Hospital da cidade vizinha, chegara à chácara de Sr. Vicente, que na véspera não haviam esquecido de orar por ele, depois do estudo, sem saberem o que tinha lhe acontecido. Mas a notícia revelara, que não era nada muito grave. Mesmo assim preocupara Joel, que em nenhum momento duvidara que tudo haveria de dar certo, e até então não tinha motivos para desejar que algo ruim lhe acontecesse. Afinal tinha sido muito bem tratado por ele, quando fora em sua casa.

Sr. Vicente esposava outra consideração a seu respeito, dissera a Joel: — Não nos preocupemos, pessoas como

meu tio Olegário, não morrem facilmente, nem deveria. Pelo que eu saiba, ele tem boa saúde, não é assim tão idoso, merece sofrer um pouquinho aqui nesse mundo, você não concorda Joel?

— O Senhor conhece minha opinião, confio plenamente na Justiça de Deus, o que tivermos que passar, e nos acontecer, certamente ninguém passará por nós, aqui, ou no além. Mas concordo com o Senhor, o sofrimento às vezes, contribui para que nos melhoremos.

Talvez a enfermidade intempestiva de Sr. Olegário, forçaria alterar o dia do encontro marcado, a Espiritualidade certamente definiria a ocasião mais propícia, caso não recebesse nenhum comunicado por parte dele, cumpriria o compromisso, no dia combinado. Mas isso não dissera ao amigo.

Não seria necessário dizer que quando Zuma e Ootogamiz, viram o irmão chegar na charrete sozinho, sem os pais, ficaram muito preocupados, mas Olegário Filho, os convenceram que fora uma decisão acertada, nada como um médico, para saber o remédio mais correto, Sr. Jaime da farmácia, fora muito prestativo, em levá-los. No dia seguinte pretendia voltar à Vila, para saber dele, às informações que tinham. Zuma perguntara se poderia acompanhá-lo, Ootogamiz dissera que também gostaria ir, ficara decidido que iriam os três, mas bem cedinho.

Assim que Sr. Jaime abrira sua farmácia, os três entraram, e o cumprimentaram, nessas ocasiões era sempre Zuma que conduzia a conversa, perguntara:

— Vimos saber notícias da saúde de nosso pai?

— Depois que Dr. Joaquim o examinara, o medicara, decidira interná-lo e mantê-lo em observação, para avaliar se o medicamento controlara sua ansiedade, o medo de morrer, e a dor na cabeça, possivelmente causada por esses sintomas. Caso passasse uma noite tranquila, lhe daria alta, e o mandaria de volta pra casa.

— E como voltariam?

— Vossa mãe dissera-me que não precisaria buscá-los, alugariam um carro, para trazê-los assim que saíssem do Hospital. Saberiam dizer-me o que acontecera, para que vosso pai se alterasse daquele jeito?

Zuma respondera: — O que sabemos que estava com dores na cabeça, tomara um analgésico, dormira, deve ter sonhado, acordara muito assustado chorando, dizendo que iria morrer, nunca o vimos chorar antes.

— Essas coisas acontecem. Não se preocupem, logo estará de volta, bom novamente.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 26/10/2023.



# O Difícil Resgate

**S** ATISFEITOS COM AS INFORMAÇÕES recebidas, de Sr. Jaime o farmacêutico, depois de fazerem outras obrigações, os três retornaram para casa. Na ausência do pai e da mãe, Zuma era quem assumia às responsabilidades, e os irmãos não contestavam, por ela ser mais velha, e os respeitarem.

Como Dr. Joaquim prometera, caso seu paciente tivesse uma noite tranquila, o liberariano dia seguinte. Como dissemos que Sr. Olegário passara bem à noite, na visita rotineira, o médico percebera que a medicação utilizada, surtira o resultado esperado. Depois de examiná-lo criteriosamente, conversara bastante com o casal, aviara a receita dos remédios a serem utilizados durante uma semana, e os liberaram, para que voltassem para casa.

Dona Zulmira fora até uma farmácia próxima ao Hospital, comprara todos os medicamentos receitados, depois fora até um ponto de táxi, nas imediações, e alugara um carro para levá-los de volta para casa, que ficava relativamente distante. Antes das quatro horas da tarde, o carro de praça alugado, chegara à chácara de Sr. Olegário, os três filhos os esperavam ansiosos, quando viram os pais saírem do carro, foram todos abraçá-los com lágrimas nos olhos, o que emocionara muito aos dois. Dona Zulmira pagou à corrida, e convidara o taxista sair do carro, e esperá-la coar um café. O Senhor muito simpático, aceitara o convite, e fora caminhando, para conhecer o rio que passava há poucos metros no fundo da casa. Sr. Olegário sentara-se em uma cadeira na cozinha, com lágrimas nos olhos, acompanhava à filha e a esposa, prepararem a merendinha da tarde.

O taxista quando voltara, limitara-se tomar uma xícara de café, se despedira pegando na mão de todos, agradecera e foi embora. Depois da merendinha, Dona Zulmira percebendo o marido muito fragilizado emocionalmente, o conduziu até o quarto, e o ajudara deitar-se na cama. Assim que se deitara, os três filhos se aproximaram, como quem querendo ouvir uma palavra do pai. Zuma pegara sua mão, e perguntara: — Agora o Senhor está se sentindo melhor?

— Acho que sim minha filha, mas tenho muito medo morrer e deixá-los sozinhos.

Zuma dissera: — Mamãe dissera que o Senhor começara sentir essas coisas, depois que soubera que Joel viria

aqui em casa, pedir sua permissão para começarmos namorar. Conversara com Olegário, se o Senhor preferir, ele irá até onde ele trabalha, para dizer que não quero mais namorá-lo. Para que não venha mais aqui em casa.

Zuma lhe dissera essas palavras, num momento que o pai ainda se encontrava muito fragilizado e emotivo. A maneira humilde e submissa, como dissera, lhe tocara profundamente o Espírito autoritário. Conseguira dizer apenas: — Depois falamos sobre esse assunto, agora deixem me descansar um pouco.

Os três deixaram o quarto do pai, Zuma fora até onde estava à mãe, e lhe dissera: — Dissera a papai, que vou desistir de namorar Joel.

Dona Zulmira perguntou: — Você não ama esse rapaz?

— Amo muito, mas não quero que papai sofra por isso.

— Não desista de sua felicidade, nem pelo seu pai, nem por ninguém. Se ele te ama como um pai deve amar ao filho, ele não vai querer vê-la infeliz.

Naquela tarde Sr. Olegário não conseguira dormir um só minuto, às palavras de Zuma ficaram martelando sua cabeça, como uma marreta à bigorna, as imagens dos sonhos que tivera nos dias anteriores, fustigavam sua memória, como tentando lhe dizer, que dependendo daquilo que viesse fazer, aqueles acontecimentos do passado, poderiam se repetir, com mais gravidade ainda, porque no passado executara aquilo que o pai, ordenara que ele fizesse. Mas ele não delegaria ao filho de quatorze anos, que

fizesse o trabalho sujo, se fosse para fazer, ele é quem o faria. Nesse mesmo instante aparecia em sua memória, a imagem da esposa enlouquecida, o acusando pela morte da própria filha. Teria que parar de pensar nessas coisas, ou perderia o controle novamente.

Se recusara jantar, tomara os remédios que o médico lhe receitara, voltara para cama tentaria dormir, sua cabeça começara doer levemente. Deitara e dormira profundamente, e novamente sonhara com o pai, nesse sonho: “Voltara procurar o pai Coronel Herculano, na fazenda, para pedir-lhe mais dinheiro, o pai não só lhe negara o dinheiro, como lhe ofendera, chamando o de assassino, vagabundo e ladrão. Dessa vez não agredira ao pai, entrara em seu quarto, vasculhara tudo, e não encontrara nenhum dinheiro. Ao sair do quarto o pai lhe sorria ironicamente, por saber que escondera seu dinheiro, em um outro lugar. Dissera ao pai, seus dias de Coronel estariam contados. Não foram embora, ficara na fazenda procurando pelo dinheiro, tanto procurara que o acabara encontrando, antes que o pai descobrisse, quando o pai fora almoçar, sutilmente colocara uma dose de veneno letal, em sua comida, sem que percebesse, e foram embora, sem se despedir. Permanecera na Vila, quando estava quase anoitecendo, chegara um empregado da fazenda, dizendo que encontrara o corpo de Coronel Herculano, enrijecido deitado em sua cama. Com parte do dinheiro roubado do pai, subornara um médico seu amigo, para diagnosticar como infarto, à causa de sua morte. Sem no momento levantar nenhuma suspeita”.

O sonho fora uma réplica perfeita do que acontecera há mais de cinquenta anos atrás, quando Olegário tinha apenas vinte e três anos de idade. Durante esse tempo todo, todos esses acontecimentos ficaram adormecidos, certamente armazenados em alguma região de sua mente perversa, e agora aflorava em forma de sonho. Acordara normalmente, como estivesse emergindo daquele passado tenebroso. Sentara-se na cama, ficara pensando, o que estaria lhe acontecendo, como pudera retornar ao passado, e reviver tudo que fizera ao pai. O pior que não sentira nenhum arrependimento, nem vontade de chorar. Pensara, devo estar enlouquecendo, como acontecera à mamãe. Sem que Dona Zulmira percebesse, levantara da cama, mesmo no escuro, fora até a porta da cozinha, abrira, e caminhara até a beira do rio onde costumara ir para meditar. A lua crescente iluminava o céu, e a terra parcialmente. Sentado à beira do rio pensava, deveria ter trazido seu revólver, e acabar com sua vida, antes que enlouquecesse completamente. Pensara voltar para buscar a arma, mas certamente acordaria à esposa, e o medo da morte fora lhe envolvendo, e a mesma crise de choro, o dominara novamente, deitara sobre o chão, e chorava desesperado, tanto chorara, que adormecera. Não saberia se fora um sonho, ou se sua mãe, Dona Serafina, aparecera em Espírito junto dele. E lhe dissera:

Compete-nos revelar que quando Dona Serafina sua mãe, perdera à filha Selena que tinha à época dezoito anos, estaria ela nessa época, com apenas quarenta anos, era uma Senhora muito vistosa, bonita, orgulhosa e ele-

gante. Tivera sempre a seu dispor várias criadas, que lhes serviam em tudo que necessitava, em troca de comida e migalhas, e suportavam seu gênio de patroa autoritária, assim como seu marido Coronel Herculano, submetiam seus empregados. Ambos consideravam serem pessoas superiores, por possuírem terras e muito gado, e serem considerados os mais ricos daquela região, não admitiam a hipótese que os dois filhos viessem se casar com pessoas, consideradas por eles, inferiores, por serem pobres.

Como dizíamos, Sr. Olegário deitado no chão, à beira do rio, sem saber se sonhava ou delirava, vira a silhueta da mãe aproximar-se dele, era a mesma mulher, dos seus tempos áureos, ainda jovem, bonita, elegante, e lhe dissera: — “Olegário meu filho, ainda estamos sofrendo pelos muitos erros que cometemos, em nossa vida, fomos péssimos depositários, do que tínhamos sob nossa guarda, fomos cruéis e ingratos com nossos servos, soberbos e arrogantes com nossos semelhantes, péssimos pais aos nossos dois filhos, exigindo que fossem como éramos”.

A aparição da mãe fora muito rápida, mas muito real. De repente vira a imagem dela, desvanecer como fumaça, e desaparecer. Nesse momento despertara do estado inconsciente, em que se encontrava, estava todo arrepiado, sentira medo tão intenso que saíra correndo em direção à casa, entrara correndo, tropeçando em cadeiras, chocando-se contra às paredes, caindo desorientado, acordando a todos, Dona Zulmira levantara rapidamente, acendera à lamparina, ao sair do quarto o encontrara caído na sala, perguntara: — O que lhe acontecera Olegário?

Nesse momento os três filhos haviam chegado, presenciaram o pai tentando falar sem conseguir, Zuma fora até à cozinha e trouxera um caneco de água. Depois de tomar água, conseguira dizer: — Vi uma assombração lá na beira do rio.

Dona Zulmira quis saber, perguntando-lhe: — O que fora fazer lá na beira do rio, a essas horas da madrugada homem?

Sr. Olegário não encontrara às palavras para explicar, dissera: — Estou enlouquecendo de verdade, como mãe enlouquecera.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 27/10/2023.





# Um Domingo de Entendimentos

**N**AQUELA CASA NINGUÉM MAIS dormira, aquele restante de madrugada, teria mesmo Sr. Olegário visto uma assombração à beira do rio? Na verdade, não quisera revelar a sua família, que teria visto à imagem da mãe, lhe dizendo às razões por que estariam em sofrimento, e fazia-se entender que se referia ao seu Espírito e ao de seu marido, Coronel Herculano.

Ficara deitado rememorando à aparição da mãe, e o que lhe dissera, só não saberia dizer se fora um sonho, ou aparição real, à certeza que tinha, e não poderia duvidar, que era ela, sua imagem, sua voz, seus modos. Sua mente não seria capaz de reproduzir, aquela cena com tanta perfeição. À não ser que fora obra de um surto de demência,

ou loucura. Mas naquele momento, sua memória estava perfeitamente normal, ou não se lembraria do que ela dissera.

Assim que o dia clareara, Dona Zulmira levantara-se para coar o café, em seguida Sr. Olegário também se levantara, fora até à cozinha, e dissera à esposa: — Vou pedir ao Olegário, que me leve até a Vila, preciso tratar de uns negócios, antes do almoço estaremos de volta.

Dona Zulmira não dissera nada, certamente depois lhe diria o que fora fazer. Assim que o filho se levantara, tomara seu café, encilhara o cavalo à charrete, e lá se foram os dois. Chegando à Vila primeiramente foram à farmácia de Sr. Jaime, pedira que aferisse sua pressão, constatara-se um pouco abaixo do normal, Sr. Jaime justificara que o uso de calmantes, costumava diminuir à pressão, mas não era motivos para preocupação, nem suspender o uso regular dos medicamentos, que agora ele aparentava estar muito bem. Sr. Olegário pagará pela viagem que fizera à cidade vizinha, quando o levara ao Hospital. Depois pedira ao filho que o esperasse ali, que iria até a casa de um amigo, sem identificar quem seria.

Fora caminhando até a casa de uma Senhora, conhecida por todos como mãe Jacira, que tinha por guia, o Espírito de Preto Velho, que evocado comparecia, e revelava o que estaria acontecendo de anormal com aquela pessoa. Sr. Olegário fora recebido por essa Senhora, que o convidara para que entrasse, depois de saber o que estava lhe acontecendo, que definira como: “Sonhos estranhos com familiares já falecidos, como querendo dizer-lhe al-

guma coisa, ou cobrar-lhe qualquer coisa, ou preveni-lo que estaria para acontecer-lhe algo ruim”. Dona Jacira lhe dissera que ela particularmente não saberia dizer nada sobre essas coisas, teria que consultar seu guia “Preto Velho” ele sim, poderia dizer o significado desses sonhos. Fora conduzido até um quarto minúsculo, no interior da pequena casa, muito escuro, com muitas estatuetas de Santos, Índios, e Pretos Velhos, sobre um altar forrado, iluminado por velas grandes e coloridas. Sr. Olegário sentara-se em uma cadeira simples, Mãe Jacira ficara de pé frente ao altar, começara orar, como pedindo que alguém ali comparecesse, depois começara contorcer-se, mudar seu aspecto, tossir, cuspir, resmungar, com um tom de voz diferente, como masculina. Num tom sarcástico dissera: — “Ocê meu irmão, tá muito encrencado, tão te lembrando dos erros que juntos cometeram, para que não venha cometer outros, tão tentando ajudá-lo, para que isso aconteça, precisam que os ajudem”.

Cessou de falar, ela fora voltando ao normal, depois perguntara ao Sr. Olegário: — O que ele lhe dissera?

— A Senhora não sabe?

Demonstrando irritação lhe dissera: — Se soubesse não lhe perguntaria, sabe do mais, não quero mais saber. Pague-me trinta reais, para comprar as prendas, para à oferenda. Para seu próprio bem, mesmo não sabendo o que dissera, faça o que ele mandara.

Sr. Olegário ficara como quem quisesse dizer, ou perguntar mais alguma coisa, mas não se lembrava, desistiu, pagou Dona Jacira, e foi embora. Quando estava na rua

se lembrara do que queria lhe dizer. Queria perguntá-la, como deveria fazer para ajudá-los, para ser ajudado, mas certamente ela não o diria, por ter se irritado com o que lhe dissera, então desistira, e fora em direção onde deixara a charrete.

Encontrando o filho na charrete, próximo à farmácia. Olegário dissera ao pai: — Sobre àquele assunto que Zuma lhe dissera, que eu fosse até onde Joel mora, para avisá-lo que não precisaria ir a nossa casa, que não iria mais namorá-lo. O que o Senhor decidira?

— Para que queres saber?

— Como estamos próximos de onde mora, caso o Senhor queira, vou lá agora avisá-lo.

— Tenho ainda mais dois dias para me decidir. Agora vamos voltar pra casa.

Depois que chegaram, já haviam almoçado, como o marido nada lhe dissera o que havia ido fazer tão cedo à Vila, Dona Zulmira questionara o filho para descobrir, Olegário dissera que o pai fora à farmácia, medir sua pressão e pagar Sr. Jaime, depois fora sozinho na casa de um amigo, mas não dissera seu nome. Dona Zulmira decidira dar um tempo para que ele dissesse, onde teria ido, mas anoitecera e ele nada dissera. À noite depois que tomara seus remédios, e foram se deitar, a esposa o questionara o que fora fazer na Vila pela manhã, sem obter dele nenhuma resposta, virara-se na cama contrariada, demonstrando irritação.

Assim se passara o restante daquela semana, quando deram conta havia chegado o domingo, nenhuma ordem,

nenhum comentário havia partido de Sr. Olegário, com referência ao assunto abordado pela filha, almoçaram normalmente, sem nenhuma dúvida, todos tinham conhecimento que na tarde daquele domingo, receberiam a visita de Joel. E ninguém saberia exatamente o que poderia acontecer, nem tão pouco, tinham coragem de falar sobre aquele assunto tão melindroso.

Na chácara de Sr. Vicente todos também almoçaram normalmente, Joel fora até seu quarto, vestira sua melhor roupa, antes de sair, fizera suas orações, pedindo que a Espiritualidade lhe protegesse, e o amparasse, naquela sua conversa com Sr. Olegário, mas que fosse feito segundo os desígnios Superiores, porque sua vida, sem a presença de Zuma, não faria nenhum sentido, essa sua decisão seria irreversível. No momento que estava saindo, fora interceptado por Sr. Vicente, que lhe dissera:

— Joel pensara bem no que decidira fazer, estará sozinho em território do inimigo, aquele homem, como já dissera, é meu tio, irmão de minha falecida mãe, eu o conheço bem, e não confio nele, não ofereça seu pescoço a ele, caso não aceitar, não insista, venha embora, pensaremos outra maneira, à força não conseguirá nada com ele.

— Obrigado Sr. Vicente, não estarei sozinho, não farei uso da força, mas não vou desistir de falar com ele, prometera a Zuma, não posso deixar de ir, com a proteção de Deus, antes do anoitecer estarei de volta.

— Que Deus o acompanhe, e os bons Espíritos lhes inspirem.

Antes das três horas da tarde, Joel chegara pelos fundos à casa de Sr. Olegário, fora recebido por todos, que estavam sentados conversando, à sombra da mangueira no quintal, menos por ele, cumprimentara a todos pegando à mão dos quattros. Zuma aproximando dele falara:

— Joel para evitar que pior acontecesse, dissera a papai que desistiria de namorá-lo, caso assim ele desejasse, mas não obtivemos dele nenhuma resposta, está seguro arriscar-se para obter seu consentimento, para namorarmos?

— Se me disser que também deseja ser minha namorada, nada temerei, nem mesmo o pior.

— Eu quero namorá-lo, mas não quero que se arrisque para obter seu consentimento.

Joel como que inspirado por essa declaração de Zuma, dissera à Dona Zulmira: — A Senhora poderia chamá-lo, para que resolvemos logo essa questão?

Dona Zulmira levantara-se e fora para dentro da casa, chamar o marido, chegara ao quarto onde estava deitado pensativo, dissera: — Joel está aí, querendo conversar com você.

Sr. Olegário apenas balançara a cabeça concordando, esperara que ela saísse do quarto, levantara-se fora até o guarda-roupas, pegara seu revólver, colocara sob a camisa, e fora até onde eles se encontravam. Chegara o cumprimentara sem pegar sua mão, depois sentara-se num banco de madeira, e ficara aguardando. Joel sentara-se próximo a ele, e dissera:

— Na primeira vez que estivera aqui em vossa casa, vim a convite de vossos dois filhos, como gostaria muito conhecê-lo, e ver Zuma, a quem já gostava muito, aceitara o convite, e tivera a felicidade de ouvir o Senhor dizer, que não considerava defeito uma pessoa ser pobre, mas ser preguiçoso, mentiroso, e ladrão, esses defeitos o Senhor não tolerava. Considerara que apesar de ser pobre, não possuía os defeitos que o Senhor não tolerara, depois de conversar com Zuma, ela me dissera caso o Senhor consentisse, poderíamos namorar. Então prometera a ela que viria pedir seu consentimento.

— Você acredita pelo fato de não ser preguiçoso, mentiroso e ladrão, lhe dá o mérito para namorá-la?

— O que levara-me acreditar que poderia namorá-la, fora o fato de gostar muito dela, desde o momento que a conhecera, e ela considerar possível, caso o Senhor consentisse com nosso namoro.

— Estivera com muitos problemas de saúde, nesses últimos dias, cheguei pensar que não sobreviveria, o que me levara decidir sobre esse assunto, fora em consideração à minha filha, a quem amo e estimo, consentirei com esse namoro, mas terá que dar provas, ser digno dela, o fato de ser pobre não o descredencia, mas se vier descobrir algum motivo que o desabone, meu consentimento estará rompido definitivamente.

— Como dissera ao Senhor, naquele dia, não pretendo ser pobre para sempre, pretendo trabalhar duro, economizar e possuir alguma coisa, a decisão de apoiá-los, era tudo que necessitava, farei tudo para nunca

decepcionar. Meus recursos são limitados, mas se algum dia vierem precisar de mim, e puder lhes ser útil, poderão contar comigo.

— Mas exijo que esse namoro seja aqui em nossa casa, poderá vir aos domingos à tarde, que seja um namoro sério e respeitoso, em nossa presença, poderão também se encontrarem uma vez por mês, quando minha esposa costuma ir à missa com os filhos. Mas me darei ao trabalho de investigá-lo, se descobrir algo que o desabone, como lhe dissera, então a conversa será bem curta, entre nós dois.

— Talvez seja oportuno dizer a todos vocês, há cerca de três meses, compraram alguns Livros sobre os ensinamentos da Doutrina Espírita, passei estudá-los, como me investigará, certamente descobrirá que sou da religião Espírita.

— O que significa ser um Espírita?

— O Espiritismo seria uma doutrina, que nos permite compreender à vida, de maneira diferente, entender o que nos acontece depois da morte, por que somos, o que somos. Que apenas nosso corpo morre, nosso Espírito sobrevive, e renasce muitas vezes, que é possível se comunicar com os Espíritos dos mortos, que todo mal que praticamos, são dívidas que assumimos que mais cedo, ou mais tarde, temos que pagá-las.

Nesse momento Sr. Olegário lembrara o que o Espírito de Preto Velho, lhe dissera através de Mãe Jacira. “Ocê tá muito encrencado, tão te lembrando dos erros que cometeram juntos, para que não volte cometê-los, es-

tão tentando ajudá-lo, mas para que isso ocorra é preciso ajudá-los”. Então perguntara a Joel:

— Como pode uma pessoa em vida, ajudar, ou pagar, a uma pessoa que já falecera?

Joel pensara, e respondera: — De muitas formas, através de preces e bons pensamentos, ajudando em seu nome, àqueles que prejudicaram quando vivos. Por exemplo, os Espíritos dos pais, sofrem ao saber que os filhos que amam, estariam cometendo crimes aqui na terra, por saberem que sofrerão às consequências, quando seus Espíritos daqui partirem, então à medida do possível, tentam ajudá-los, através de sonhos, sugestões, e pensamentos, para que não se endividam, ainda mais. Da mesma forma que um pai e uma mãe, sofrem ver um seu filho alcoolizado, drogado, espancado pela polícia, ou encarcerado. No plano Espiritual, sofrerá igualmente em saber que seu filho, esteja sofrendo tudo isso aqui na terra.

Quando Joel olhara para seu rosto, percebera seus olhos cheios de lágrimas, então parara de falar. Ouvira de Sr. Olegário:

— Tenho sonhado muito com meus pais ultimamente, revivendo nesses sonhos, coisas que aconteceram no passado, penso que estão tentando me dizer qualquer coisa, talvez pedindo que faça algo, que não saberia o que exatamente.

— Seus pais desencarnaram há muito tempo?

— Muito tempo, há mais de cinquenta anos.

— Nunca o Senhor tivera esse tipo de sonhos?

— Que eu me lembre, não. Somente de uns dias para cá.

Otogamiz o filho mais novo, muito indiscretamente dissera: — Papai anda vendo até assombração à noite, essas coisas existem?

Joel olhara para todos, como perguntando se deveria ou não responder, o que Otogamiz perguntara. Dona Zulmira confirmara dizendo: — É verdade, quase nos matara de susto, numa madrugada dessas.

— Como dissera a vocês, meu conhecimento ainda é pouco, mas pelo que já estudara, as pessoas podem ver aos que já faleceram através dos sonhos, algumas pessoas conseguem vê-los mesmo acordados, os Espíritos conseguem se materializar, tornar-se visível para certas pessoas dotadas de mediunidade. O Senhor gostaria falar sobre o que vira?

— No momento não, ainda sinto muito medo. Melhor encerrarmos esse assunto.

Joel dissera: — Depois dos nossos estudos, costumamos fazer algumas preces, para os Espíritos de parentes, e pessoas conhecidas. Se me disser o nome de vossos pais, os incluiremos em nossas preces, todas as noites.

Sr. Olegário dissera: Pode sim, meu pai chamava-se Coronel Herculano de Freitas, e minha mãe, Dona Serafina Maria de Freitas, e minha irmã também falecida, Selena de Freitas.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 30/10/2023.



# Preces não se Sonegam

**O** SOL DE FINAL DE PRIMAVERA PENDIA resolutamente em direção à linha do horizonte, o cachorro bola, avisara que estaria chegando alguém, assim que saíra ao terreiro, Sr. Vicente reconhecera Joel, que estaria chegando, e sua aparência denotara que estava feliz. O amigo perguntara se teria ocorrido tudo bem. Joel dissera:

— Graças a Deus e a Espiritualidade, e as nossas preces, fora melhor que imaginara, acredito que nossos amigos do plano Espiritual, havia preparado o terreno, para que tudo fosse resolvido sem maiores problemas, mas confesso que sentira muito medo.

— Por que sentira medo?

— Quando chegara à casa, encontrara Dona Zulmira e os filhos, sentados em bancos sob a mangueira no quintal, cumprimentara aos quatro. Zuma aproximara e me dissera, que havia falado ao pai, que estaria disposta desistir de nosso namoro, para que não houvesse desentendimentos, o pai nada lhe respondera. Diante daquela declaração, então pedira à Dona Zulmira, que fosse chamá-lo para resolver logo aquele assunto. Quando chegara, cumprimentara-me friamente, percebi que trazia sob a camisa, um volume, analisando melhor percebera que era um revólver. Então elevava meu pensamento ao PAI, e dissera em pensamento, “Que seja feito segundo Sua vontade”. Então começamos conversar, tudo transcorreria normalmente. Dissera-me que estaria consentindo com nosso namoro, em consideração ao amor e à estima que teria pela filha. Que iria investigar-me, se descobrisse alguma coisa que me desabonasse, seu compromisso estaria rompido. Aproveitara e dissera a eles, que estaria estudando a Doutrina Espírita, que minha religião era o Espiritismo.

— Pode acreditar, você fizera a coisa certa dizendo isso a eles, e estivera o tempo todo muito bem protegido, sua demonstração de fé, fora seu escudo protetor, uma pessoa sem fé em Deus, é frágil e fraca. A religião não importa qual seja, o testemunho de nossa fé em Deus, é o que importa.

— Agora vou tomar um bom banho e descansar um pouco, fora mais de doze quilômetros de caminhada, para ir e voltar, andando por esses pastos. Amanhã quero reve-

lar-lhe o que estaria acontecendo ao Sr. Olegário, penso que esteja precisando de ajuda.

Sr. Vicente ficara curioso, que tipo de ajuda poderia estar precisando o tio, se fora dinheiro, seria impossível socorrê-lo.

Na chácara de Sr. Olegário, à noite quando foram dormir dissera à esposa; — Estivera pensando, esse Joel, não seria uma espécie de aprendiz de feiticeiro, mancomunado com meu sobrinho bastardo, não estariam tentando me destruir com seus poderes malignos, primeiro enfeitiçara Zuma, os meninos, depois a você, agora conseguiram enfeitiçar-me também.

— Acredito que não, a mim não enfeitiçara, não ando tendo nem sonhos, nem visagens, isso é sua consciência pesada, pelos crimes que cometera no passado, e estaria chegando o momento de prestar contas. O maior pecado que eu cometera fora por sua causa, quando me enfeitiçara, e fizera abandonar meu primeiro marido, para segui-lo.

— Estaria arrependida por ter me acompanhado?

— Nunca me arrependera, acho que ainda me sinto enfeitiçada por você, até hoje, ou já teria sumido pelo mundo. Em minha opinião Joel não é nenhum feiticeiro, é um rapaz muito corajoso, ou não teria vindo falar com você, posso estar enganada, mas sinto que Joel e Zuma se gostam de verdade, por isso nada temem. Quando amamos alguém, e sentimos que também somos amados, somos capazes de fazer loucuras, e não temos medo de nada, nem da própria morte.

— Vou lhe dizer o que fora fazer na Vila, naquela manhã. Fora até à casa de mãe Jacira, lhe dissera sobre os sonhos estranhos que estaria tendo com meus pais. Ela consultara seu guia, e Preto Velho, me dissera quase à mesma coisa que Joel dissera, que estariam tentando me dizer, para que não viesse cometer mais crimes, que já estaria muito encrocado, que eles estariam sofrendo por isso, que precisava ajudá-los, para que pudessem ajudar-me.

— Olegário você poderia começar também ir à missa todos os meses, confessar seus pecados ao padre Mário, quem sabe ele não o perdoaria, e se livraria desses remorsos, às pessoas precisam ter Deus em seus corações, frequentar uma Igreja, fazer orações, agradecer à bondade de Deus, por tudo que nos concede, pedir pela própria saúde, pela saúde e a felicidade de nossos filhos. Viver brigando com a mulher, com os filhos, com os parentes, com os vizinhos, só torna nossa vida mais difícil e complicada.

— Prometo que vou pensar sobre isso, agora vamos dormir.

Na segunda-feira quando Joel e Sr. Vicente, foram trabalhar na horta, como fazia quase todos os dias, pela manhã, Sr. Vicente dissera a Joel: — Ontem quando me dissera, que me revelaria algo a respeito de meu tio Olegário, que ele estaria precisando de ajuda, ficara pensando, que tipo de ajuda seria, caso fosse algum dinheiro emprestado, seria muito difícil socorrê-lo, porque estamos enfrentando a mesma dificuldade.

Joel sorria, e lhe dissera: — Pode até estar precisando de dinheiro, devido aos gastos que tivera

recentemente, com sua saúde, mas o problema que estaria lhe afligindo é de outra natureza. Sr. Olegário estaria apavorado com uns sonhos que estaria lhe ocorrendo ultimamente, sonhara algumas vezes com os pais, nesses sonhos reviveriam coisas que aconteceram no passado, como se o estivessem prevenindo, ou tentando lhe dizer qualquer coisa, talvez pedindo que fizesse algo, para ajudá-los, mas não saberia o quê. Teria até visto uma assombração, à noite, que acabara por assustar toda a família.

— E como poderíamos ajudá-lo?

— O prometera que depois dos estudos, de O Livro dos Espíritos, todas as noites, faríamos preces, pedindo à Espiritualidade, que procurassem, e socorressem naquilo que fosse possível, os Espíritos de Coronel Herculano de Freitas, de Dona Serafina Maria de Freitas, e de vossa mãe, Selenia de Freitas.

— Ele dissera que aceitaria nossas preces?

— Dissera sim, o homem demonstrara estar apavorado, penso que esses sonhos o teriam influenciado no consentimento de nosso namoro. Quando pedira que falasse sobre a assombração que teria visto. Se recusara, dissera que ainda estaria com medo, que não queria falar sobre esse assunto.

— Para meu tio Olegário ainda estar com medo, o susto deveras ter sido grande. Fizera muito bem prometer, preces não se sonegam nem ao pior inimigo. Nunca tivera meus avós como inimigos, muito pelo contrário, sempre foram muito agradecidos a eles, graças a eles te-

nho essa chácara, que tem ajudando-me não precisar trabalhar de empregado a ninguém.

Naquela mesma noite depois de estudarem durante uma hora, O Livro dos Espíritos, Sr. Vicente, Dona Salete, e Joel puseram-se em orações, pedindo à Espiritualidade amiga, que socorressem ao Sr. Olegário, em suas aflições, e que instruissem aos Espíritos de seus pais, à melhor maneira de sensibilizá-lo para que deixasse de ser a pessoa prepotente e autoritária que sempre fora, que pudesse fazê-lo ver, que mesmo depois de cometer tantos desatinos, por um longo período de sua vida, contra seus familiares, e com seus semelhantes, Deus lhe agraciara com uma família maravilhosa, uma esposa honrada e trabalhadeira, e três filhos saudáveis, obedientes, que muito lhes ajudavam. Que nunca seria tarde para se redimir, e entender que tudo é transitório, tudo que fizermos contra nossos semelhantes, de uma forma ou de outra teremos que reparar. Que acima de nós existe um poder maior, que a tudo governa, que estamos sob a égide de Leis Perfeitas, que temos por obrigação conhecê-las e respeitá-las, as Leis humanas são frágeis, podem ser compradas, e transgredidas facilmente, mas às Leis Divinas são infalíveis, justas, e incorruptíveis, têm o poder de alcançar a todos indistintamente.

Para encerrar Joel particularmente, agradecera à Deus, e a Espiritualidade, pelo resultado satisfatório obtido em sua conversa com Sr. Olegário, na tarde do dia anterior, e estaria disposto sacrificar-se até o limite de suas forças, pelo amor de Zuma, que não guardava em seu

coração nenhum ressentimento do que poderia ter acontecido no passado. Sentia que alguma coisa lhe dizia, que seu futuro estaria vinculado a aquelas pessoas, que precisaria amar a todos, para ficar em paz consigo mesmo.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 30/10/2023.





# As Imperfeições de Cada um

**T**ODAS AS NOITES NAQUELA SEMANA, depois do estudo, os três se dedicavam em preces em favor aos Espíritos dos pais de Sr. Olegário, que também foram os avós maternos de Sr. Vicente, para que fossem socorridos e encaminhados pela Espiritualidade, para um local onde seus tormentos fossem aliviados, e instruídos corretamente, à maneira mais eficiente para através dos sonhos, sensibilizarem o filho em sua elevação Espiritual.

Joel havia obtido o consentimento de Sr. Olegário, para namorar Zuma. Mas na verdade os dois até então, muito pouco haviam conversado, às poucas vezes fora na presença dos irmãos, e da mãe. Joel naqueles dias havia completado dezoito anos, Zuma seria sua primeira

namorada. Ela logo completaria dezessete anos, Joel seria também seu primeiro namorado. Naquele domingo seria oficialmente o primeiro encontro deles, de conformidade com o que fora combinado no domingo anterior. O local escolhido fora nos bancos de madeira sob a mangueira no quintal. Haviam acabado de sentarem-se, Dona Zulmira receptiva como sempre, viera cumprimentá-lo à moda local, e se sentara. Joel perguntara como estava Sr. Olegário. Demonstrando estar muito feliz, dissera que o marido estava muito bem.

Joel perguntara: — Os sonhos cessaram, ou continuam?

— Continuam, mas são sonhos tranquilos, apesar de não conseguir se lembrar precisamente, não o impressionam como antes.

Zuma dissera: — Nem o faz chorar, dava-me desespero vê-lo chorando como criança, dizendo que iria morrer. E ele já parara de tomar os remédios. Papai dissera à mamãe que começará frequentar à missa, e deixara de implicar tanto com a gente.

— Isso vai ser muito bom para ele, toda pessoa precisa ter Deus no coração, adquirir o hábito de fazer preces, agradecê-Lo pelas coisas boas que nos acontecem. Lá na casa de Sr. Vicente, depois dos estudos, todas as noites oramos muito.

Dona Zulmira toda satisfeita, dissera sorrindo: — Agora vou deixá-los sozinhos, comportem-se.

Joel dissera à namorada: — Apesar de seu pai ser um pouco severo, sua mãe é muito gentil.

— Nossa mãe, é a melhor mãe do mundo. Somos muito amigas.

Por ter sido a primeira tarde de namoro, a marcação não fora muito acirrada, de vez em quando aparecia alguém, trocava algumas poucas palavras, logo se retirava. Fora possível conversarem como gostariam, e até trocarem algumas tímidas carícias, como um pegar na mão do outro, por alguns segundos, não mais que isso. O único comparecimento de Sr. Olegário, fora no final da tarde, exclusivamente para cumprimentá-lo, à moda local, não friamente como no domingo anterior, e logo se retirara.

Na segunda-feira trabalhando na horta, Sr. Vicente percebera a felicidade de Joel, significava que fora muito bem recebido pela família de Zuma. Então sem que esperasse Joel lhe fizera uma proposta:

— Sr. Vicente estivera pensando, aqui do lado de cima da horta, existe um espaço de terra praticamente abandonado, o Sr. permitiria que o limpasse, o cercasse, e fizesse uma pequena roça, onde pudesse em minhas horas de folga, plantar alguma coisa?

— O que estaria pensando plantar ali?

— Estivera pensando, quando iniciarem às chuvas, plantar umas dez covas de banana, abacaxis, melancias, quiabos e abóboras.

— Poderá fazer sua roça, e a produção será toda sua, quando estiver produzindo, poderá pegar a charrete, e ir vender seus produtos na Vila.

— Obrigado Sr. Vicente, começarei limpá-lo ainda hoje, antes que comece chover.

Joel quando morava com seus pais em Santa Isabel, se recusava fazer qualquer tipo de trabalho, era tido como preguiçoso irrecuperável, considerado por todos, uma pessoa inútil, pela sua própria família, e por quem o conhecia. Mesmo quando sua mãe o implorava para que fosse ajudar seu pai, e seus irmãos, não a atendia. Se as pessoas que o conheceram o vissem agora, certamente não o reconheceriam, e cada vez mais se interessava pelo trabalho. Apesar de seu salário ser irrisório, já possuía algum dinheirinho guardado. Porque até então, se limitara comprar algumas calças, e camisas, gostava vestir-se adequadamente para encontrar-se com Zuma.

Havia se passado alguns dias, naquele próximo domingo, Joel não iria à casa de Sr. Olegário, havia combinado com Zuma que se encontrariam na praça da Igreja, a promessa de Sr. Olegário começar frequentar à missa fora adiada, talvez pelo fato de suas crises terem desaparecido. Assim que Dona Zulmira e os filhos chegaram à praça, encontraram Joel no lugar de sempre. Ela fora à Igreja, e deixara os filhos na companhia dele, Joel convencera aos meninos ficarem sentados no banco, enquanto eles dariam uma volta pela praça. Assim que se distanciaram Joel pegara na mão da namorada, quem os vissem faceiros, passeando de mãos dadas pela praça, perceberiam que estavam namorando. Apesar de Zuma ser uma moça simples da roça, era muito bonita, muitos rapazes de famílias conceituadas, haviam cobiçado namorá-la, mas por medo de seu pai, nunca ousaram aproximar-se dela. Agora aparecera esse forasteiro insig-

nificante, e começara namorá-la. Quem seria esse tal Joel? Logo descobririam, era o empregado de Sr. Vicente, que tinha uma pequena chácara, próxima ao rio. Então um deles que era apaixonado por Zuma, e se chamava Lázaro Pinheiro, filho de um fazendeiro rico, fora falar com seus irmãos, para saber o que significava aquilo. Olegário Filho, muito amigo de Joel, fora categórico, e lhe dissera:

— Joel namora Zuma em nossa casa, com o consentimento de nosso pai e de nossa mãe, há algum tempo. O que tem de errado nisso.

— Fala para sua irmã que ela merece coisa melhor.

— Vai até ela, e fale você.

Lázaro saíra desnortado, falar com Zuma na presença do forasteiro, isso ele não faria, mas haveria de falar, tudo que sentia por ela, quando estivesse sozinha.

Assim que retornaram do breve passeio, Otogamiz ainda muito ingênuo, dissera a eles o que acontecera. Joel ficara visivelmente entristecido, Zuma o consolara dizendo: — Todos sabem que esse rapaz que se chama Lázaro, apesar do pai ser rico, não gosta de trabalhar, sua vida é andar montado em um cavalo, bestando por aí.

— Você o conhece?

— Aqui em Vila Esperança, todos conhecem a todos, e sabe da vida de todos. Não se preocupe eu gosto é de você.

Fora o suficiente para devolver a alegria a Joel, era assim que se sentia, quando estava ao lado de Zuma. A presença dos irmãos dela, não os intimidavam mais, agora permaneciam de mãos dadas o tempo todo, como fos-

se uma necessidade, aquele contato singelo, fomentava o amor deles, que permanecera adormecido por um longo tempo, enquanto às forças do incompreensível eram manipuladas, para que se reencontrassem, e agora que acontecera, renascia com a mesma intensidade de outrora, quando enfrentaram situação mais opressora, que tudo tinha que ser às escondidas. Tanto Joel como Zuma, queriam revelar àquela gente, que estavam namorando, que se amavam, que agora nenhuma força, exceto às Superiores poderiam obstar aquele amor. À princípio o pai seria o grande obstáculo, mas o invisível cuidara logo de aplacar sua oposição. O fato de as pessoas considerarem incompatível aquele relacionamento, devido à condição dele, em nada alteraria o que sentiam, e o que desejavam.

Como da vez anterior Joel acompanhara a namorada, junto com sua família até onde se encontrava a charrete deles, e lá despedira-se de todos, prometendo se verem no próximo domingo na casa deles. Quando retornava para se encontrar com Sr. Vicente e Dona Salete, fora interceptado por dois rapazes, que lhe disseram palavras ofensivas, esperando que ele reagisse para atacá-los, Joel quando percebera, elevara seu pensamento a Deus, e na Espiritualidade, os ignoraram e seguiu sua trajetória normalmente. Os dois permaneceram como bobos blasfemando impropérios.

Joel eximiu-se de comentar qualquer coisa a esse respeito com Sr. Vicente, só não entendia à razão daqueles dois rapazes, que nem o conhecia, o maltrataram daquela maneira, só poderia ser a mando de alguém, ou por não

aceitarem, alguém procedente de outro lugar, namorar uma menina da localidade, ou talvez pelo fato dele ser um rapaz pobre. Por essas e outras haveria de trabalhar e economizar muito, Zuma merecia uma pessoa melhor, por ela faria o possível e o impossível para se transformar nessa pessoa. Na concepção de Sr. Olegário, não tolerava em uma pessoa ser, preguiçosa, mentirosa e ladra. Muito embora no passado, em seu tempo de garoto irresponsável, e malandro, lá na Vila onde nascera, e crescera, Joel fora um preguiçoso incorrigível, mentia descaradamente ao pai, à mãe, e ao mundo, e se surgisse oportunidade não titubearia, se apropriaria do alheio, sem nenhum constrangimento. Por isso era hostilizado por todos que o conhecia. Mas ninguém poderia alegar que ele não fosse inteligente. Não obstante ter concluído apenas o curso primário, sempre fora um excelente aluno, por dezessete anos usou sua inteligência para se esquivar do trabalho, e conseguiu com sucesso, até quando decidira sumir pelo mundo, justamente para não trabalhar.

A partir do momento que conhecera Zuma, decidira dar uma outra direção a sua vida, vencer na vida tornara uma obsessão, era a única maneira para conseguir o amor dela. Às informações sobre vidas passadas, depois o estudo da Doutrina Espírita, lhe conscientizaram que teria de ser através do trabalho digno e honesto. Seu encontro com Sr. Vicente, como já dissemos, não teria sido obra do acaso. O filho que não chegara conhecer no passado, tornara-se o pai no presente, não o pai biológico, mas o pai Espiritual, amigo e protetor. À medida que fora se apro-

priando desses entendimentos, fora se transformando em outra pessoa, e compreendendo o significado que representa, a oportunidade de uma existência. Se pautarmos nossas vidas de conformidade com os Evangelhos de Jesus Cristo, conhecer e respeitar às Leis Sábias e perfeitas do Criador. Damos testemunho, de que somos merecedores daquilo que desejamos, certamente conseguiremos.

Não obstante o passado de Sr. Olegário, ter sido bastante complicado, em nenhum momento agira com inteligência. Teria tudo para desfrutar boa vida, sem comprometer o futuro de seu Espírito, ao lado do pai da mãe, e por que não, da irmã e de seu pretenso marido. Optou por decidir sobre a vida dessas pessoas, desencadeando uma seqüência de tragédias lamentáveis. Depois de apossar-se de tudo, de maneira ilícita, de forma leviana, promíscua, e esbanjadora, arruinara sozinho uma das maiores fortunas da região, causando prejuízos a pessoas que dedicaram parte de suas vidas, trabalhando para seu pai.

Agora assistia com ares de prepotência, à esposa, e seus três filhos biológicos, sobreviverem a custas de seus suores, numa faixa de terras de menos de cinquenta metros de largura, por cinco mil metros de comprimento, que para se chegar à roça, demorava-se quase uma hora de caminhada puxada. E saberem que o pai, fazendo uso de sua falta de inteligência, jogara tudo literalmente no lixo. E por acréscimo de soberba, se julga com autoridade, para dizer à esposa, e aos filhos como deveriam conduzir suas vidas.

Era exatamente esse, o juízo que Joel fazia de seu futuro sogro, um velho ridículo, metido ser severo, e valente, despido de inteligência, que não tolerava os defeitos alheios. Como se ele também, não os tivessem de sobra.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 03/11/2023.





# Natal na Roça

**O** ESPAÇO DE TERRA QUE JOEL LIMPARA e cercara, equivaleria pouco mais que um hectare, por ser próximo ao rio, a terra era escura, de excepcional qualidade. Todas as suas horas ociosas, era ali que ele passava, trabalhando e fazendo conjecturas para o futuro, e nesse seu futuro Zuma era a personagem principal, sem ela não haveria razão para sonhar. Pedindo informações, e ajuda aqui e ali aos vizinhos, comprando, e conseguindo sementes e mudas diversas, com essas pessoas, em pouco tempo, aquilo que era um terreno abandonado, com o trabalho incessante de Joel, e a chegada das chuvas, se transformara numa pequena roça, digna de admiração, que ofuscara a beleza da horta de Sr. Vicente, que também era muito bem cuidada.

Aquela cena deprimente que relatamos, dos rapazes que ofenderam Joel com palavras indizíveis, se repetiria mais uma vez, ainda mais provocantes. Mas como preceitua o adágio, “Quando um não quer, dois não brigam”, não chegara converter-se em agressão, porque essa era a intenção deles. Cessara depois que Lázaro Pinheiro, surpreendera Zuma sozinha na Vila, durante o dia, quando fora com a mãe, fazerem umas compras. Convidara para uma conversa particular, lhe revelara tudo que há muito tempo sentia por ela. Zuma muito comedida, discreta, e respeitosa lhe dissera:

— Sinto muito Lázaro, como você deve saber, tenho namorado, nós amamos de verdade, inclusive há algum tempo frequenta nossa casa, com a permissão de meus pais, assim que tivermos condições, pretendemos nos casar.

— Mas você é uma moça muita bonita, trabalhadeira, e honesta, merece casar-se com um rapaz que também lhe ama muito, e possa lhe oferecer uma vida melhor.

— Acontece que Joel é o amor de minha vida, nos apaixonamos no momento que nos conhecemos, estou acostumada com a pobreza, e não me preocupo com isso, só pretendo ser feliz ao lado dele, isso me basta.

— Apesar de gostar de você, percebo que é muito idiota, se interessar por um sujeito como aquele, devem se merecerem.

— É isso mesmo. Passe bem, e por favor, não me procure mais.

Passados uns dias Zuma revelara a Joel, o que Lázaro havia lhe falado, e o que respondera a ele. Então deduzira,

sem dizer nada à namorada, que fora ele quem mandara, talvez até tenha pagado para que os rapazes o afrontassem. Como agira de maneira inteligente, por ter índole pacífica, não caíra na armadilha. A verdade que depois desse fora que Zuma lhe dera, Lázaro passara odiá-los, e não mais os importunaram.

Pessoas preconceituosas da Vila, principalmente senhoras respeitáveis, vez ou outra, abordavam Dona Zulmira, e a questionavam sobre o namoro da filha, com um reles empregado rural, que ninguém conhecia. Dona Zulmira que desde o início, aprovara o namoro da filha, por simpatizar-se com Joel, muito discretamente, sempre tinha uma resposta convincente, que desestimulava a abelhuda intrometer-se na vida alheia. Não obstante Sr. Olegário raramente ir à Vila, nunca fora questionado, por quem quer que seja, sobre esse assunto.

Faz-se oportuno nos localizarmos na escala do tempo. Como dissemos, Joel saíra da casa paterna, no início do mês de maio, caminhara durante dois meses, chegara em terras do Estado de Minas Gerais, em Vila Esperança, no início do mês de julho, estávamos agora no final do ano, mais precisamente na última semana do mês de dezembro. Lembramos que na primeira vez que estivera na casa de Sr. Olegário, fora convidado pelos irmãos de Zuma, nessa oportunidade almoçara lá. Desde então não mais fora convidado para esse mister. Agora por ocasião do Natal, fora convidado pela namorada, que fosse lá almoçar novamente. Sr. Vicente e Dona Salete, lamentaram o fato de Joel não ficar para almoçar com eles. Mas o con-

vite de Zuma era uma ordem, que não poderia deixar de ser atendido, pedira a charrete de Sr. Vicente emprestada, levaria as duas maiores melancias que sua roça havia produzido, para mostrar à família da namorada, o produto de seu trabalho, como havia prometido aos irmãos de Zuma.

Caso Joel fosse caminhando pelos atalhos, à beira do rio, a distância seria seis quilômetros, pela estrada de charrete, o cavalo teria que andar dezesseis quilômetros, por isso saíra logo pela manhã, para não forçar o animal. Antes das dez horas havia chegado à casa de Sr. Olegário. Depois de cumprimentar a todos, convidara os que viessem até a charrete, para mostrá-los sua surpresa. Todos ficaram encantados, e admirados com o tamanho e a beleza das duas melancias, Sr. Olegário dissera que em toda sua vida, não teria visto nada semelhante. Joel conduzira a charrete até próximo à área dos fundos da casa, para facilitar a retirada das melancias da charrete, fora necessário ele e Olegário para carregá-las para dentro da varanda. Depois coubera a Joel explicar a todos, o método e a técnica que utilizara para produzir exemplares tão exóticos. Acabaram concluindo que o segredo, seria justamente a qualidade da terra, onde plantara.

Sr. Olegário lamentara que em sua chácara, seus filhos nunca conseguiram produzir melancias de qualidade, por essa razão naquele ano decidiram plantarem somente mudas de abacaxis. Joel justificara, que talvez tenha conseguido produzir melancias, grandes e bonitas, devido sua roça ser nova, e estar localizada próximo ao

rio, onde a terra era mais fértil, e úmida. Olegário Filho, comentara que o pai utilizara a área de terra mais fértil da chácara deles, para construir a casa e o quintal. O pai ouvira o comentário do filho, mas nada dissera. Falara para que todos ouvissem que seu desejo, seria vendê-la e se mudarem para um outro lugar. A verdade é que Sr. Olegário, não dizia, mas mantinha em seu coração um grande ressentimento, morar ao lado da enorme propriedade que no passado pertencera ao pai, e depois a herdara, com mais de uma mil cabeças de gado de qualidade, e assistir todos os dias os filhos pelejarem naquela tira de terras, para depois de um ano, se tudo corresse bem, colheriam alguns abacaxis, e ainda teria que levá-los à Vila para vendê-los. O maior sofrimento para um pai, é assistir aos filhos sofrerem, e intimamente sentir-se culpado.

Mas era dia de Natal, logo se iniciaria um novo ano. Dona Zulmira e Zuma, demonstravam estarem felizes, ocupadas com os preparativos do almoço especial. Enquanto Sr. Olegário, Joel, e os dois rapazinhos, foram sentarem nos bancos de madeira, para conversarem, que ficavam sob a enorme mangueira, que já havia se despojado de todos seus frutos, e se preparava para no próximo ano, repetir sua pródiga produção.

Quando todos estavam à mesa para almoçar, Joel se levantara e fizera uma breve prece de agradecimento ao Criador, pela graça dos alimentos que estavam sobre aquela mesa, sem se esquecer de homenagear o aniversariante do dia, Jesus Cristo, com a Oração do Pai Nosso. O almoço simples, mas muito delicioso, fora acompanhado

com a melancia produzida na roça de Joel, que estava tão deliciosa quanto ao almoço preparado por Dona Zulmira e a filha. Como o dia de Natal caíra em uma quarta-feira, depois do almoço Joel se despedira de todos, justificando que teria que ir embora, mas no domingo voltaria no horário de costume. Todos o agradeceram pelas melancias. Zuma o acompanhara até a charrete, que o esperava na sombra de uma árvore, à frente da casa.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 05/11/2023.



# Ano Novo, Vida Nova

**N**AQUELA ÚLTIMA SEMANA DO ano, Joel conversara com os proprietários dos mercados da Vila, e conseguira vender todas suas melancias. E foram muito apreciadas pelos consumidores, e todos perguntavam de onde procediam melancias tão grandes, bonitas e saborosas. Os comerciantes informavam que eram produzidas ali bem próximo, na chácara de Sr. Vicente, mas fora seu empregado Joel, quem as havia plantado, e colhido. Encerrada à colheita Joel avisara aos vizinhos que fossem buscar as melancias melhores que haviam sobrado, depois pegara as remanescentes e levara de charrete, mais de uma centena delas, e distribuído para pessoas carentes da periferia. E muitas pessoas passaram conhecê-lo, e todos o agrade-

ciam, pelo fato de que isso nunca havia acontecido antes na localidade. Sem contar as que levava para que Sr. Vicente alimentasse aos porcos, e às galinhas.

Passado o primeiro dia do ano, Sr. Vicente na presença da esposa, chamou Joel para conversarem, e lhe fizera uma proposta, nesses termos:

— Joel estivera conversando com minha esposa Salete, decidimos lhe fazer uma proposta, dependendo do que nos disser, tomaremos nossa decisão. Como já deve ter percebido, muito pouco tenho trabalhado ultimamente, quando forço um pouco no trabalho, fico praticamente entrevado. Há muito tempo venho economizando, algum dinheiro, com a venda de verduras, e alguns capados gordos. Estivera fazendo uns cálculos, se vender minhas poucas vacas de leite, e meus porcos, com o dinheiro que tenho guardado, será o suficiente para comprar uma boa casa na Vila, estamos pensando nos mudar, e deixá-lo aqui na chácara, para explorá-la da maneira que achar mais rentável, poderá plantar o que quiser, você pagará um valor que considerar justo, da forma que lhe for mais conveniente.

— E se caso não aceitar vossa proposta?

— Estivemos pensando nessa possibilidade, não pretendemos colocar outra pessoa para morar aqui, infelizmente não me restará outra saída, terei que vendê-la, nosso vizinho várias vezes, demonstrara interesse em comprá-la.

— Das duas possibilidades, qual delas o Senhor preferiria?

— Vender a chácara que ganhei de meu avô, seria à última coisa que faria, só a venderia, para não ver abandonada, mas em suas mãos, será como se estivesse em minhas mãos.

— Se é assim, ficarei aqui, e a chácara continuará em suas mãos. E a terá de volta, assim que desejar. Gostaria nesse caso, com o dinheiro que conseguira com a venda das melancias, comprar seu cavalo e sua charrete?

— Na verdade estava pensando em deixá-los para lhe servir.

— Não, prefiro comprá-los e pagá-los.

— Então será como achar melhor. Mas não aceitamos que recuse como presente, todas nossas galinhas.

— Mas com uma condição, sempre que necessitarem de ovos e frangos, é só avisarem, que os levarei, são muitas as galinhas existentes aqui na chácara.

Joel abraçara Sr. Vicente e Dona Salete, e dissera: — Não sei se mereço toda essa vossa confiança, somente um bom pai faria isso a um filho. E só um mal filho não retribuiria a esse pai tanta ajuda.

Então ficara acordado que a partir daquele momento, Joel ficaria responsável pela condução e administração da chácara. Em poucos dias Sr. Vicente havia vendido as suas vacas e seus porcos. Com ajuda de Joel, vistoriaram alguns imóveis residenciais, que se encontravam à venda na Vila, e adquiriram uma boa casa, muito bem localizada, que estava desocupada. Dona Salete renunciara a parte dos móveis existentes na casa da chácara, levaram apenas aqueles que lhes interessaram, ele fizera com os

utensílios de cozinha, em poucos dias haviam se mudado para a casa na Vila, deixando Joel sozinho na chácara. Como tudo ocorrera muito rapidamente, e discretamente, aos poucos as pessoas ficariam sabendo do acontecido. Quando Joel revelara a Zuma, e a sua família, já estavam sabendo parcialmente do ocorrido. Sr. Olegário interessara saber em detalhes, como e por que, tudo acontecera. Coubera a Joel explicar a todos da família, as razões, e os porquês que Sr. Vicente e Dona Salete, deliberaram mudarem-se para Vila subitamente, mas tudo isso já vinha sendo programado por eles há algum tempo. Mas para ele fora uma surpresa, ainda não saberia ao certo, o que pretendia fazer de início na chácara, mas a experiência com melancias fora muito bem-sucedida.

À princípio Joel decidira apenas dobrar o tamanho de sua roça, à medida que fosse se capitalizando aumentaria a área, e pretendia diversificar sua produção, com culturas de ciclo rápido, como a melancia, e que pudessem ser comercializados ali mesmo na Vila. A preocupação de Sr. Olegário consistia, na possibilidade de Joel convidar Zuma para ir morar com ele. Mas para surpresa dele e de Dona Zulmira, depois de ter conversado com a namorada, decidira ter uma conversa com eles a esse respeito, e dissera:

— Sr. Olegário, estivera pensando que esse meu primeiro ano, conduzindo sozinho a chácara de Sr. Vicente, será bastante difícil para mim, mas conversando com Zuma, disse a ela, se no decorrer desse ano for bem-sucedido, nas plantações que pretendo realizar, se vocês

estiverem de acordo, pretendemos nos casar no final desse ano, mesmo que seja, um casamento simples e discreto, que não exija muitos gastos.

Sr. Olegário pensara e dissera: — Em sua primeira experiência com melancias, demonstrara ter sorte, e eficiência, acreditamos que será bem-sucedido esse ano também, se for essa vossa vontade, e a situação permitir, terão todo nosso apoio, e poderão se casar. Acreditamos que seus pais, iriam gostar saber essas coisas.

— Obrigado a vocês, por nos apoiar, pretendo mandar em breve uma carta aos meus pais, e aos meus irmãos, contando todas essas novidades.

Dona Zulmira, dissera: — Seus pais certamente vão querer vir conhecer Zuma.

— Espero que sim. Talvez quando casarmos.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 07/11/2023.





# Um Projeto Despretensioso

**N**A PRIMEIRA VISITA QUE JOEL FIZERA à nova casa de Sr. Vicente e Dona Salete, depois de muito conversarem, tivera conhecimento de um fato que ocorrera, digno de nota. Padre Mário, teria ido fazer uma visita de cortesia à casa deles, mas com um propósito bem específico. Que ficara sabendo que o casal, juntamente com ele teriam o hábito de estudar os Livros Espíritas, e viera aconselhá-los que parassem com aquela prática, que considerava inadequada para um frequentador de sua Igreja, condenável para ele. Sr. Vicente teria tentado convencê-lo, que os Livros Espíritas, só continha bons ensinamentos, sobre à vida física, e da vida Espiritual, que os padres deveriam estudá-los antes de condená-los. O que teria ofendido profundamente

o pároco, que levantara e foram embora, se benzendo. Por essa atitude preconceituosa do vigário, ambos decidiram desligarem-se definitivamente da Igreja Católica, e se tornarem exclusivamente espíritas, a exemplo dele. E cobraram de Joel, a necessidade de recomeçarem os estudos, interrompidos pelo fato de terem se mudado. Então ficara combinado que todos os sábados à tarde, Joel viria para jantar, e depois à noite estudarem, e fazerem as orações costumeiras. Talvez seria oportuno registrar, que nem todos os padres procedem dessa maneira, em relação aos estudiosos, e seguidores da Doutrina Espírita. Não pelo fato de terem se dado ao trabalho de conhecerem o conteúdo dos Livros Espíritas, mas terem o bom senso de respeitarem o livre arbítrio das pessoas.

Chegando em casa, Joel começara pensar sobre o episódio ocorrido na casa de Sr. Vicente, com o padre Mário, tivera uma ideia despreziosa. Iria pedir ao amigo, que fizesse uma pesquisa discreta, entre os moradores de Vila Esperança, caso encontrasse até três pessoas simpatizantes da Doutrina Espírita, pediria para convidá-los participarem dos estudos nas noites de sábado, em sua casa. Caso encontrasse um contingente maior, estudariam a possibilidade de abrirem uma Casa Espírita. Quanto às despesas para manter o Centro, tinha algumas ideias que poderiam solucionar o problema, sem onerar os frequentadores.

No sábado na casa de Sr. Vicente, Joel o revelara a ideia que tivera. O amigo lhe dissera que já havia pensado nessa possibilidade. Não obstante o Estado de Minas Gerais, ter sido berço de um dos maiores expoentes, e

divulgadores da Doutrina Espírita, em todos os tempos, “Francisco Cândido Xavier”, tornara-se referência do Espiritismo no Brasil, e talvez no mundo, nada mais pertinente que a humilde Vila Esperança, tivesse seus adeptos organizados sob confraria. Por conhecer quase todos os habitantes da pequena cidade, Sr. Vicente assegurara que não seria necessário fazer tal pesquisa, poderiam ir diretamente às ações. Se Joel estava otimista, depois dessa conversa com o amigo, se convencera de vez.

No domingo quando Joel fora à casa da namorada, não conseguira deixar de comentar com Zuma, seu entusiasmo sobre a possibilidade de abrirem uma Casa Espírita na Vila, assim que Sr. Olegário tomara conhecimento, acompanhado da esposa viera conversar com Joel sobre o assunto, depois da série de sonhos que tivera, e da aparição da mãe, lhe dizendo todas aquelas coisas, que condiziam com os acontecidos, começara considerar, que o assunto era mais sério do que antes imaginara.

Joel explicara que seria basicamente, um local onde os simpatizantes da Doutrina pudessem se reunir uma vez por semana, de preferência à noite quando as pessoas estivessem livres de compromissos, para estudar, trocar ideias, comentarem assuntos pertinentes, e principalmente fazer orações, para pessoas necessitadas, por motivos de doença, problemas familiares, vícios, e para os Espíritos, parentes e amigos. Sr. Olegário, até pensara falar que estivera na casa de Mãe Jacira, quando passara por aqueles transtornos, que ela havia consultado seu guia, “Preto Velho”, que lhe dissera algumas coisas sobre seus pais, que

estariam tentando através dos sonhos, lhe dizer qualquer coisa, muito semelhante com o que ouvira de Joel, naquele domingo em sua casa. Como não falara nada à época à Dona Zulmira, que fora até sua casa, se absteve de falar sobre esse assunto. Dissera apenas:

— Se o Vicente não fizesse parte do grupo, gostaria participar dessas reuniões, tenho muita vontade entender, o que nos acontece depois que morremos.

Era uma excelente oportunidade para Joel, dizer-lhe algo que sempre desejara, não hesitara e dissera: — Sr. Olegário segundo a Doutrina Espírita, e os Evangelhos de Jesus Cristo, “Devemos nos reconciliarmos com nossos inimigos, enquanto estivermos no caminho” O ideal seria não termos inimigos, pelo que sei Sr. Vicente, não tem o Senhor como inimigo, e sim como o tio, que gostaria ter, e nunca tivera, porque o que acontecera entre vocês fora uma coisa tão sem importância, que posso lhe garantir que ele não guarda nenhum ressentimento do Senhor. Existe uma outra razão tão importante quanto à primeira. Como dissera Jesus: “Os sãos não necessitam de médicos, e sim os doentes”. E quem de nós não temos nossas enfermidades ocultas, que necessitam serem medicadas, A Doutrina Espírita é o melhor Hospital, para essas pessoas, que desejam se curar.

— Mas ele nunca viera falar comigo, para dizer, que é isso que sente.

— Porque ele não o tem como inimigo, ele está bem consigo mesmo, e as pessoas são orgulhosas, essa é uma excelente oportunidade para acabar com esse mal-enten-

dido. Se conhecêssemos os ensinamentos de Jesus, e os seguissem, nossa vida seria bem melhor. E todos os ensinamentos dos Espíritos, estão pautados nos ensinamentos de Jesus Cristo.

Sr. Olegário abaixara a cabeça, e dissera: — Minha situação é muito complicada, cometi muitos erros em minha vida.

— Todos nós cometemos erros em nossas vidas, uns com mais gravidade, outros menos, mas todos somos devedores, por isso nossa vida é complicada. Pense no caso, logo estaremos de portas abertas para receber o Senhor, toda sua família, e todos aqueles que queiram estudarem e aprenderem, juntamente conosco em nossa futura Casa Espírita.

Não obstante depois de quatro meses de estudos, os três terem estudado, e debatido as cem primeiras perguntas e respostas, de O Livro dos Espíritos, paralelamente Joel havia avançado, e estudado mais de seiscentas perguntas e respostas da mesma obra. Faz-se oportuno dizer, que O Livro dos Espíritos, possui mil e dezenove perguntas e respostas, e contempla um universo de assuntos, que quem tiver a felicidade de conhecer, e assimilar esses conteúdos, certamente terá outro entendimento sobre a vida física e Espiritual, e a condição que nos encontramos.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 08/11/2023.





# Deus Ajuda, Àqueles que se Ajudam

**D**EPOIS DE OUVIR DE SR. OLEGÁRIO dizer, que daria todo seu apoio para casar-se com Zuma, no final do ano, Joel tivera uma conversa a esse respeito com ela, e sentira que o desejo de se casar era recíproco, principalmente depois que ele passara morar sozinho na chácara de Sr. Vicente. Tudo conspirava que daria certo, principalmente se dependesse de seu esforço, Zuma poderia começar preparar seu enxoval, essa tarefa também seria um desafio para ela, devido às dificuldades financeiras que estariam passando. Mas se não conseguisse, esse detalhe não constituiria nenhum impedimento. Sobre a possibilidade de ela começar frequentar a futura Casa Espírita, dependeria

do pai, caso ele decidisse ir, ela também iria. No quesito religião Zuma era um tanto desligada, acompanhava a mãe à missa, como obrigação, não como devoção. Talvez depois que viesse se casar com Joel, por influência do marido mudaria. Por sua vez Joel passara se interessar por religião, mais especificamente pelo Espiritismo, por influência de Sr. Vicente e Dona Salete, quando trouxeram os Livros Espíritos, e começaram estudá-los.

Como dizíamos Joel havia também despertado para necessidade do trabalho, quando dissera ao Sr. Olegário, que não pretendia ser pobre para sempre, inconscientemente assumira um compromisso, progredir não seria algo fácil de se conseguir. Mas desde então, o desenrolar dos acontecimentos, mostrara a ele, que apesar de difícil, não era assim tão impossível, e o Sr. Vicente, fora a pessoa que proporcionara os meios para ajudá-lo, competia a ele fazer sua parte, mais uma vez assumira inconscientemente o compromisso de não o decepcionar.

Com a ausência de Sr. Vicente, e livre das obrigações de empregado, Joel levantava todos os dias bem cedo, pegava o caminho da roça, e quando ia para roça, ia mesmo para trabalhar, em pouco tempo a área de sua roça se expandira, e começara produzir, e passara levar seus produtos, duas vezes por semana pela manhã, em sua charrete para serem vendidos nos mercados. Todos os sábados à tarde como havia combinado, ia jantar na casa do amigo, Sr. Vicente, à noite por uma hora se dedicavam, aos estudos, e as orações. No domingo à tarde invariavelmente cumpria seu compromisso, visitar à namorada na

casa dos pais. Às vezes ia caminhando pelas margens do rio, outras vezes pela estrada, com sua charrete abarrotada de produtos de sua roça, para facilitar a vida da família de Zuma. Não obstante os meninos trabalharem todos os dias, em sua roça, inclusive Dona Zulmira e Zuma, iam sempre ajudá-los, não conseguiam produzir quase nada, nenhum excedente que pudesse ser vendido, devido à aridez das terras do Sr. Olegário, pelo fato da roça se localizar no espigão seco, muito distante do rio.

Estávamos no mês de abril, somente agora havia aparecido o imóvel, adequado para abrir a tão esperada Casa Espírita, era um salão de alvenaria pequeno, bem localizado, suficiente para se colocar uma mesa na parte frontal, e vinte cadeiras simples na parte restante. Por ora Sr. Vicente ficara responsável pelo aluguel, que não era muito expressivo. Joel assumiria compromisso de conduzir os estudos, Sr. Vicente e Dona Salete, assumira a responsabilidade, de fazerem as preces iniciais, e de encerramento, até surgirem outros voluntários. Escolheram às noites de sábado, para realizarem os encontros, por ser mais conveniente para todos. Logo de início não mais que dez pessoas, começaram participar dos estudos. Joel como condutor dos estudos, com a anuência de Sr. Vicente, decidira recomençar do início, ou seja, da primeira pergunta de O Livro dos Espíritos, para que a compreensão não ficasse prejudicada.

Não obstante Sr. Olegário desejar participar das reuniões, o fato de lá estarem presentes seu sobrinho Sr. Vicente, e a esposa Dona Salete, representavam um obstá-

culo que o desencorajava superar. Apesar das observações elencadas por Joel, a consciência culpada recomendara adiar o enfrentamento.

À mesma dificuldade possuía Joel, fazia alguns meses que havia prometido ao futuro sogro, que escreveria aos pais, e aos irmãos, os informando dos acontecimentos. Até aquele momento não tivera coragem para fazê-lo. O pior, desde que saíra de casa há quase um ano, não se dera ao trabalho, ou melhor, à consideração, de escrever uma única pequena carta, para informá-los, que estava vivo, que conseguira sobreviver, que descobrira que o trabalho, não só significava uma necessidade do ser humano. Entendera por si, e através dos estudos, que o trabalho constituía uma das Leis Divinas, que além de proporcionar os meios de sobrevivência, dignifica a pessoa humana, desenvolve sua inteligência, e torna a pessoa útil, à sociedade, e à nação. Talvez não tenha feito ainda, para que todos continuassem pensando que era o mesmo vagabundo que conheceram, e teriam que verem, para crerem.

Como dissera Sr. Olegário, Joel tinha sorte com as plantas. Diria que sua sorte precedia de seu esforço, e da dedicação com que cuidava de sua roça, aliada à qualidade do solo, propício para se cultivar esse tipo de cultura. Outra pessoa teria se dedicado às culturas convencionais, como: Milho, arroz, feijão. Joel optara por plantas de ciclo relativamente rápido, que pudessem ser comercializadas, quase que diretamente aos consumidores, pois essa era sua intenção, por ora contava com a parceria de um comerciante, bem tradicional da

Vila, dono de um mercadinho, que se chamava Sr. Bertoldo, muito simpático e honesto, com seus fornecedores, e fregueses.

Devido às dificuldades em que viviam os dois filhos de Sr. Olegário, trabalhavam sem obterem quase nada. Joel os convidaram para que viessem trabalhar com ele, à princípio o pai não aceitara a ideia. Depois de ouvir a proposta de Joel, acabara concordando, com algumas condições. À saída dos dois meninos da casa paterna, diminuiria sensivelmente às despesas, passariam morar na chácara às expensas de Joel, e cada um receberia seu salário. E o trabalho não era tão desgastante, como na chácara do pai. Trabalhavam durante toda semana, aos sábados depois de almoçarem, estariam liberados, se desejassem poderiam ir visitar aos pais, ou se preferissem ficar, poderiam à noite, acompanharem Joel até a Vila, conforme compromisso que assumira com Sr. Vicente, quando abriram à Casa Espírita.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 12/11/2023.





# O Salvador da Família Freitas

**N**A VERDADE, OS IRMÃOS DE ZUMA, não sentiram nem um pouco saírem da casa dos pais, suportar Sr. Olegário não era nada fácil, sempre reclamando, insatisfeito com todos, e com o mundo. Como se alguém fosse culpado, pelos erros que cometera no passado, o fato de ter se tornado reconhecidamente por todos, um homem, ou melhor, um velho pobre e fracassado, lhe imputava um sentimento de culpa, que inconscientemente descarregava sobre a esposa e aos filhos. Que impotentes, por falta de opção, o suportavam. Dona Zulmira era uma mulher extremamente resignada, reconhecia que era o preço que teria de pagar, por uma sua decisão irrefletida, que tomara no passado, seu maior sofrimento não era por si, mas por não poder proporcio-

nar, meios para que os filhos vivessem em ambiente mais próspero e harmonioso, devido a prepotência exagerada que o pai exercia sobre ela e aos filhos.

No primeiro final de semana que Olegário e Otogamiz, foram passar na casa dos pais, Dona Zulmira percebera que os filhos estavam felizes. Pensara consigo mesmo: “Acho que Deus, ouvira minhas preces, e mandara Joel, para libertar meus filhos, do julgo tirânico do pai”. Quanto a mim, nunca pedi nada, nem desejo nada. Só quero que meus filhos sejam felizes.

Naquele domingo Joel fora visitar à namorada, e lá permanecera toda tarde, Sr. Olegário percebera a felicidade dos filhos, quando se despediram para retornar com Joel, nem pareciam que estavam indo para o trabalho, nos dias seguintes. Pensara dizer qualquer coisa à esposa, como percebera que também estava feliz, sem um motivo aparente, decidira nada dizer. Sentara-se no banco de madeira, sob à mangueira, e ficara pensando: “Esse Joel tem poderes no mínimo suspeitos, conseguira fazer a cabeça de minha filha, que até então, não se interessara por ninguém, agora se apropria dos meus filhos para ajudá-lo, fazendo deles seus empregados, minha esposa desde o princípio cismara protegê-lo, tudo com meu consentimento, como se estivesse tudo certo, e direito, aceitando tudo sem reação, frequenta uma Casa Espírita, com meu sobrinho bastardo. Isso só pode ser coisa mandada, para acabar de vez comigo”.

O desconhecimento e a consciência pesada, aliada à maus pensamentos, facilita a criação desses fantasmas,

começa-se ver inimigos por todos os lados, e a ameaça de perigos em tudo. Sr. Olegário, carregava consigo a lembrança de um passado comprometedor, tornara-se uma pessoa frágil, medrosa, sobre certas coisas, ao mesmo tempo agressivo, autoritário, com aqueles que dele dependiam, uma pessoa difícil de se conviver, perdera há muito a paz de Espírito, e nada lhe aprazia. Quando dissera a Joel, que gostaria saber o que nos aconteceria depois da morte. Deixara transparecer, a grandiosidade do conflito íntimo de que era portador. Como dissera certa vez Sr. Vicente, que o tio havia prejudicado diretamente, muitas pessoas no passado, que até então, as leis terrenas nunca o alcançaram para puni-lo, tinha consciência disso, por isso instintivamente, temia o que poderia lhe acontecer no futuro.

Mesmo àqueles que não possuem passado tão comprometedor, temem pelo que possa lhes acontecer depois da morte, isso é muito próprio da criatura humana. Quando nos apropriamos de fé inabalável, No Criador, e em Suas Leis, administramos com mais serenidade essas preocupações, por entendermos que nos acontecerá, somente aquilo que merecemos. À mesma Lei que tem o poder de nos punir, possui os recursos de nos proteger, ou não estaríamos vivendo nesse mundo, como réprobos que reconhecidamente somos.

Aos poucos a situação econômica de Joel, progredia lentamente, mas satisfatoriamente, como entregava seus produtos duas vezes por semana, no mercado de Sr. Bertoldo, fora aconselhado por Sr. Vicente, abrir uma

conta bancária, questão de comodidade, e segurança. Sr. Vicente sentia enorme satisfação, acompanhar o desempenho de seu protegido, muito embora, como sabemos, nenhum laço de parentesco existia entre eles, inerente a essa existência, algo muito consistente os ligavam, sem dúvida, como que uma identificação Espiritual, de natureza que não nos é possível compreender exatamente, mas comum acontecer.

Numa quarta-feira Dona Zulmira, acompanhada da filha foram até à Vila, de charrete, como às vezes faziam, quando necessário. Depois de realizarem os compromissos previstos, como estava ainda cedo, resolveram ir até a chácara onde agora moravam Joel, Olegário, e Otogamiz, que ficava apenas cinco quilômetros da Vila, como já descrevemos o itinerário. A chácara de Sr. Vicente, era praticamente quadrada, e localizava-se às margens do pequeno rio, a casa modesta, mas aconchegante, cercada de muitas plantas, no fundo o pomar, com diversas árvores frutíferas, que às vezes, os frutos maduros se perdiam, e a horta que sempre cultivaram. No terreiro próximo à casa, o paiol de milho, e os chiqueiros, agora desabitados, do lado o pequeno curral de tábuas, também desativado. Do lado de cima do quintal da casal, distendia a área toda cultivada, com enorme variedades de plantações.

Os três ao vê-las chegar de surpresa, as receberam muito bem, Joel perguntara à Dona Zulmira, se já conhecia aquele local, ela pensara, e limitara-se dizer: — Logo depois quando fui morar com Olegário, estivemos aqui por uns dias.

Sem saber ela, que Joel conhecia muito bem à história toda, depois pedira a Olegário que conduzisse a charrete da mãe até a roça, e os cinco lá se foram, e se ocuparam em fazer generosa colheita, de tudo aquilo que fosse possível, para abastecerem à despensa da casa delas por uma semana. Zuma acostumada trabalhar na roça ao lado dos irmãos, ficara encantada com tudo, principalmente com o desenvolvimento das plantas. Dissera brincando à mãe: — Se papai consentisse, gostaria muito vir trabalhar aqui também.

Dona Zulmira nada dissera, depois voltaram ao pomar, e colheram centenas de frutas, completando assim, todos os espaços disponíveis da charrete, foram até à casa, tomaram um bom gole de água, depois deram uma rápida vistoriada em tudo, conversaram mais um pouco, e se despediram. Joel abraçado à namorada a conduzira até a charrete, e lhe dissera ao ouvido: — Não vejo a hora, de ter você morando aqui comigo.

Zuma sorrindo, lhe sussurrara de volta: — Se dependesse de minha vontade, nem voltaria com mamãe.

O sol estava quase se pondo, quando as duas chegaram de volta em casa. Não seria necessário dizer, que Sr. Olegário as esperavam impaciente, e nervoso. Pensara em repetir o sermão de sempre, quando vira a charrete abarrotada de frutas, e produtos da roça de Joel, se absteve de repreendê-las, pegara logo duas laranjas e fora descascá-las. Então ouvira a bronca da esposa, que lhe dissera: — Olegário, antes de chupar essas laranjas, venha nos ajudar, descarregar todas

essas coisas, depois preciso tomar um bom banho, e preparar a janta.

Não lhe restando outra saída, colocara as laranjas sobre a mesa, e fora ajudá-las descarregar todos àqueles alimentos, se fossem adquiridos no mercado, consumiria quase que todo seu salário de aposentado. Depois que terminara a tarefa, apossara-se de mais algumas poncãs e mexericas, e fora degustar sossegado, sentado no banco de madeira sob a mangueira do quintal. Então pensara consigo mesmo, “Esse Joel, pode ter lá seus poderes estranhos, mas nos tem ajudado muito, e é trabalhador”.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 14/11/2023.



# Bom Sinal de Vida

**F**AZ-SE OPORTUNO DESLOCARMOS rapidamente, para a pequena Vila Santa Isabel, onde Joel nascera e crescera, e dele poucos se lembravam. Excetos seus pais, e seus irmãos, que lá continuavam morando, e da mesma maneira, lutando para terem uma vida digna. Quando dele se lembravam, e comentavam, suas opiniões eram unânimes, em acreditarem que estaria vivo, divergiam porém quanto ao que lhe teria acontecido, alguns consideravam que seria mais um mendigo, vivendo da comoção alheia, pelas ruas de uma grande cidade, outros que poderia estar preso em alguma cadeia pública, por ter praticado algum delito leve, por que no íntimo, todos sabiam que não era uma pessoa de má índole, nem possuir vícios comprometedores, seu de-

feito maior, sempre fora, e ninguém acreditava que um dia mudaria, por ser declaradamente, inimigo ferrenho do trabalho, isso desde tenra idade, seria capaz de fazer qualquer coisa, para não trabalhar.

Estávamos exatamente no mês de maio, portanto um ano depois que ele havia abandonado à casa paterna. O agente dos Correios, pela primeira vez, aparecera na porta da casa de Sr. Ângelo Romero, para entregar uma correspondência, Dona Severina estava sozinha em casa, ao receber a carta, perguntara ao funcionário dos Correios, da parte de quem, seria aquela carta. O rapaz pegando de volta a carta, leu o nome do remetente, e dissera: — O nome do remetente desta carta, é Joel Romero.

— É nosso filho, muito obrigado.

Dona Severina como não sabia ler, guardara a carta, ficara tão emocionada, que fora até as casas dos três filhos casados, que não ficava distante, e avisara a todos que recebera uma carta de Joel, como o marido e o casal de gêmeos estavam trabalhando, na colheita de café, os convidaram para que viessem à noite em sua casa, para saberem às notícias sobre Joel. Quando à tarde, Sr. Ângelo Romero chegara com os filhos do trabalho, ficaram sabendo da carta, assim que às famílias dos filhos chegaram, Dona Severina buscara a carta e entregara à filha mais velha, Angelina. Que emocionada abrisse com cuidado o envelope, e lera em voz alta, bem cadenciada, a carta que Joel demorara alguns dias escrevendo e reescrevendo, quando considerara que era exatamente aquilo que pretendia dizer, passara tudo à limpo, datara, e assinara, e

colocara nos Correios. Reproduzimos na íntegra o conteúdo da missiva.

Vila Esperança – MG, 05 de maio, .....

Aos meus queridos pais, e irmãos.

Depois de um ano que deixara vocês, e saíra pelo mundo, procurando um lugar onde me sentisse bem, depois de andar por dois meses, seguindo por uma estrada sem fim, sempre na mesma direção, passando todo tipo de dificuldades, sentira que meus pés, não conseguiriam levar-me para mais longe. Chegara nessa pequena Vila, que se chama, Vila Esperança, em terras do Estado de Minas Gerais. Logo que aqui chegara, conheceria uma moça, um ano mais jovem que eu, seu nome, Zuma de Freitas, mora com seus pais, e dois irmãos, mais jovens que ela, em uma chácara, próxima à Vila. Percebera desde que a vi, que seria ela a pessoa de minha vida, mas para que isso fosse possível, teria que interromper minha caminhada, mudar meu modo de ser, e viver. Tivera a felicidade de conhecer um Senhor, Sr. Vicente Augusto de Freitas, que por coincidência viria saber depois, seria primo primeiro de Zuma, esse Senhor sem conhecer— me, convidara-me para trabalhar com ele, em sua chácara, então passara trabalhar todos os dias ao seu lado, e aproximar-me de Zuma, que da mesma forma, por alguma razão, também gostara de mim.

Não vou mentir que sentira vossa falta, sei que com toda razão, nunca gostaram muito de mim, para ser sincero, também não me sentia bem ao vosso lado, como se algo me dissesse, que não era ali meu lugar. Mas hoje

tenho minha vida, e sinto que encontrei o lugar que procurava. Acabara me tornando uma pessoa como vocês, trabalho todos os dias, e já conseguira alguma coisa de meu, hoje tenho minha roça, onde planto melancias, abacaxis, bananas, entre outros, em parceria com o proprietário dessa chácara, que me proporciona um bom ganho todos os meses, que fora possível até agora, guardar algum dinheiro. Passara morar sozinho nessa chácara, já conversara com minha namorada Zuma, e seus pais, se tudo continuar bem, como está indo, pretendemos nos casar no final deste ano. Sei que terão dificuldade em acreditar em todas essas coisas, para isso terão que ver com os próprios olhos. Assim que marcarmos a data do casamento, escreverei outra carta com antecedência, para se possível comparecerem em nosso casamento, será um casamento bem simples, mas gostaríamos que viessem, ficaríamos muito felizes se comparecessem.

Outro fato que dificilmente acreditarão, que me acontecera, agora também me tornara uma pessoa temente a Deus, há mais de nove meses, venho estudando a Doutrina Espírita, e há pouco tempo conseguimos abrir aqui na Vila, uma pequena Casa Espírita. Se me perguntarem como isso fora possível, não saberia dizer exatamente por que, mais uma razão para virem até aqui confirmarem.

A família de Zuma, apesar de possuírem uma pequena chácara, também são pobres como a nossa, seu pai Sr. Olegário, já tem mais de setenta anos, apesar de ser um mineiro bem sistemático, declarou que gostaria muito

conhecê-los, caso isso vir acontecer, penso que não seja necessário, falarem sobre meu passado de moleque preguiçoso, e desobediente. A mãe de Zuma, Dona Zulmira, é bem mais jovem que o marido, e apoiara muito nosso namoro desde o começo. E Zuma é a moça mais bonita, simples, e gentil, que conhecera em toda minha vida, e me dissera que gostaria muito conhecê-los.

Um abraço a todos, agora vocês têm meu endereço, caso desejarem escrever-me.

Joel Romero

Fora necessário que Angelina, lesse a carta novamente, para que todos se convencessem, que todas aquelas informações, faziam parte da nova vida de Joel. E da forma como revelara, todos acabaram acreditando, que estaria sendo verdadeiro, não teria motivos para inventar aquela história. Como os pais concluíram quando ele fora embora: “Têm males que vêm para o bem”. Somente um grande amor, ou uma grande paixão, têm o poder de mudar a cabeça de uma pessoa renitente, então esse amor, passa ser o pilar de sustentação dessa mudança, e necessariamente tem que ser duradoura e verdadeira, caso em algum momento, acontecer desse pilar, vir ser abalado, por um motivo sério, corre-se o risco, de todo castelo desmoronar-se, aí não saberíamos prever o que poderia suceder. Mas como sabemos, o amor de Joel e Zuma, demonstrara até agora, ser verdadeiro, e bastante sólido.

Quando Angelina terminara de ler à carta do irmão, pela segunda vez, tinha à voz embargada e trêmula,

e os olhos umedecidos, Sr. Ângelo e Dona Severina, não resistiram a emoção e choravam de felicidade, aquelas informações sobre Joel, não poderiam ser melhores. Nada como um grande amor, para dar sentido na vida de uma pessoa desorientada. E pelas informações, Joel não teria encontrado somente um grande amor, mas também encontrara a Deus, e passara estudar a Doutrina Espírita, para um pai e uma mãe, essas notícias lhes devolviam, a paz de Espírito, que o filho havia levado quando foram embora, da maneira como fora. Agora fariam tudo que fosse possível, para revê-lo, e abraçá-lo novamente, esquecer esse longo ano de ausência de informações.

Angelina e Abigail as duas irmãs mais velhas de Joel, combinaram que no domingo, se reuniriam e escreveriam uma carta ao irmão, revelando, a enorme felicidade que sua carta proporcionara à família, principalmente aos pais. Escreveriam que a euforia fora tão intensa, que os integrantes da família, deliberaram que envidariam todos os esforços, para comparecerem todos em seu casamento. Que na próxima carta, mandasse o roteiro da melhor maneira para se chegar, em Vila Esperança. Que a intenção deles, seria fretar um ônibus pequeno, para levar toda a família. Que todos estavam com muita saudade dele, que ao contrário do que dissera, em sua carta, todos o amavam muito, e estariam pedindo a Deus, que ele fosse muito feliz.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 16/11/2023.



# O Grande Significado de um Gesto

**P**ASSADOS MENOS DE UM MÊS QUE Joel despachara sua correspondência, fora interceptado na rua, por um funcionário dos Correios, e lhe dissera, que havia chegado uma carta endereçada em seu nome, para que fosse retirá-la na agência dos Correios. Imediatamente Joel fora até lá, e a retirara, depois de certificar-se que era de sua família, deixara para ler quando chegasse de volta a sua casa.

Assim que ficara sozinho na privacidade de seu quarto, Joel abriu a correspondência, e lera a singela missiva, que dizia:

Vila Santa Isabel - SP, 20 de maio de ...

## *Querido Joel*

Depois de reunirmos na noite do dia, que sua carta chegara, todos de nossa família, na casa de nossos pais, para tomarmos conhecimento do conteúdo de sua correspondência, não seria necessário dizer o quanto significara para todos nós. Muitas vezes quando reunidos, falávamos sobre você, e cada um possuía opinião própria, do que poderia ter lhe acontecido. Depois de sua carta, todos compartilhamos do que realmente lhe acontecera, e não poderia ter sido coisa melhor. Encontrar o amor de sua vida, encontrar a Deus, e entender, e aceitar, que o trabalho faz parte da vida de todos os seres, indistintamente. Se observarmos a natureza, todos trabalham, dos mais simples insetos, como as formigas, as abelhas, todas as espécies de passarinhos, animais, e todos os homens de bem. Nunca o entendemos, por que agia daquela forma, mas isso não tem mais importância, o importante que agora é um trabalhador, assim como seus pais, e seus irmãos, e isso nos orgulha muito.

Não sabemos se alguma vez chegara chorar de felicidade e alegria, depois de ouvirmos suas notícias, todos choramos, principalmente quando vimos papai e mamãe, chorarem pelo que estavam sentindo. Saber que você estava vivo, e bem. Comentamos que apesar de você e Zuma, serem ainda muito jovens, aprovamos vossa decisão, também nos casamos muito jovens, e não nos arrependemos do que fizemos. Estamos nos organizando, e não se surpreenda, se no dia de seu casamento, todos nós aparecermos por aí. É verdade que nunca demonstramos a você, um gesto de carinho e

amor, somente quando fora embora percebemos que sempre o amamos muito. Se não for pedir demais, continue nos escrevendo, você não pode imaginar a felicidade que uma carta sua, é capaz de nos proporcionar. Quando nos escrever, descreva a melhor maneira de se chegar até a Vila Esperança.

Na noite que li sua carta na casa de nossos pais, eu e Abigail, nos comprometemos perante todos, que escreveríamos juntas essa cartinha. E todos pediram que enviássemos a você, seus beijos e abraços, de muita saudade. E ora acrescentamos aos deles, também os nossos. Nunca se esqueça, que todos o amamos muito. Que Deus lhe abençoe.

*Angelina e Abigail, suas queridas irmãs.*

Depois que lera pela terceira vez, a carta escrita por Angelina e Abigail, Joel debruçara em sua cama, e chorara como nunca fizera em toda sua vida, mas era de felicidade, uma maneira estranha de expressar que estava muito feliz, mas aquele desabafo, em forma de choro, lhe deixara incrível sensação de bem-estar, decidira que mostraria a carta a Zuma, somente a ela. Por ser ela, a pessoa que o ajudara ser, o que agora era.

De vez em quando Sr. Vicente aparecia na chácara, para dar um passeio, e espairecer, aproveitavam essas visitas, sentavam-se nos bancos de madeira, sob a árvore do quintal, ele e Joel como nos velhos tempos, conversavam sobre vários assuntos, e quando ia embora sempre

levava alguma coisa, providenciada por Joel, algumas verduras colhidas na horta, algumas dúzias de ovos, frutas maduras, e às vezes até um frango, para o almoço de domingo. À medida que as plantas se desenvolviam, a produção de sua roça, aumentava em quantidade e variedade, conseqüentemente seu faturamento mensal, cujo um percentual era repassado ao proprietário, fora a maneira mais conveniente que encontraram, para que nenhuma das partes fosse prejudicada.

Conforme o tempo passava Olegário e Otogamiz, mais se adequavam à condição de funcionários de Joel, e seus salários também oscilavam de acordo com o faturamento mensal da produção, o inconveniente que o pai, por sua vez, exigira que uma parcela de seus salários fosse repassada à mãe, à título de contribuição, o que fora muito bem aceito pelos meninos. Que agora possuíam seu próprio dinheiro, para comprarem aquilo que desejassem.

Diríamos que com o produto da segunda safra de melancias, todos os envolvidos foram regamente recompensados, o mais beneficiado sem dúvida fora Joel, que depois de pagar a todos seus credores, possuía uma soma considerável, depositada em caderneta de poupança no Banco, e fazia planos para o casamento no final do ano, que não estava agora muito distante.

Não obstante Sr. Olegário não ter mais nenhuma crise, como àquelas que necessitara ser internado, vez ou outra, tinha sonhos perturbadores, nessas ocasiões, refugiava-se deprimido, à beira do rio, para que não o vissem chorando. Então quando Joel aparecia, recorria

a ele para ajudá-lo interpretá-los, e superar o mal-estar. A recomendação de Joel era sempre a mesma, procurar a Deus, e fazer preces aos Espíritos necessitados, reconciliar com os inimigos, fazer o bem às pessoa necessitadas, essas práticas aparentemente simples, e sem importância, nos protege, e fortalece nossa fé.

Em meados do mês de outubro, em um sábado que Olegário e Otogamiz, decidiram que não iriam visitar os pais, para irem à noite com Joel à Vila, na Casa Espírita. Sem que ninguém esperasse, para surpresa de todos, antes do horário previsto para iniciar os estudos, parara próximo à Casa Espírita, uma charrete com três pessoas, Joel reconheceu que se tratava de Sr. Olegário, Dona Zulmira e Zuma, fora ao encontro deles, ficara sabendo que na noite anterior o futuro sogro tivera um sonho bastante perturbador, e passara todo o sábado muito deprimido, por sugestão da esposa, conseguira convencê-lo virem até à Casa Espírita, para ouvir os ensinamentos, e quem sabe receber um passe magnético, tomar água fluidificada, como aconselhara Joel.

Joel muito receptivo os convidaram para assistirem, e participarem da reunião, quando adentraram à Casa, foram todos cumprimentados por todos os presentes, à moda da região, principalmente por Sr. Vicente e Dona Salete, que os receberam muito emocionados e comovidos. Como era praxe todos os sábados, Sr. Vicente proferir à prece de abertura, abriera um precedente, com humildade, fizera discreta referência às presenças de seus cinco parentes, o casal de tios, e os três primos, enfatizando as dificuldades que as pessoas indistinta-

mente, ainda encontram para superar desentendimentos, e ressentimentos do passado, que se analisados à luz dos Evangelhos, foram ocorrências insignificantes, que ocorrem na vida das pessoas, mas com pouco esforço, e boa vontade, são perfeitamente superáveis, e esquecidas. Corroborando com o que recomendara Jesus Cristo, para que nos reconciliássemos com nossos supostos inimigos, por que na verdade somos todos irmãos, e todos passíveis de erros e acertos. E o perdão das ofensas de ambas as partes, significava humildade, e grandeza de Espírito.

Depois da reunião Joel, pedira à Dona Sebastiana, a única pessoa habilitada do grupo para o mister, que aplicasse um passe magnético em Sr. Olegário, a seguir fora servido água fluidificada a todos os presentes. Da mesma forma como era praxe, Dona Salete, fizera a prece de encerramento, enfatizando que a Doutrina Espírita não operava milagres imediatos, mas com fé, perseverança, merecimento, surgiriam os entendimentos, e com eles nossas mudanças, e aos poucos os resultados. Portando nossa transformação íntima, através da conscientização, operaria a solução de nossos incômodos. Convidando a todos que retornassem no próximo sábado, para continuarem estudando, e se apropriando dos esclarecimentos. Era basicamente essa a rotina, o que acontecia todos os sábados naquela singela Casa de estudos e orações.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 19/11/2023.



# O Noivado de Joel e Zuma

**N**O DOMINGO QUANDO JOEL FORA à casa de Sr. Olegário, segundo informações de Dona Zulmira, o marido teria gostado dos assuntos, e dos comentários realizados durante o estudo, na noite anterior, na Casa Espírita, teria tido uma boa-noite de sono, e nenhum sonho perturbador. Antes que Joel fosse embora, fora abordado por ele, que o questionara, que os métodos de estudos da Casa Espírita, eram bem diferentes dos utilizados por Mãe Jacira. Então revelara a Joel a visita que fizera na época à casa da médium.

Então Joel lhe explicara em poucas palavras, com os poucos conhecimentos que detinha, que apesar de serem igualmente Doutrinas Espíritas, se utilizavam de

métodos, completamente diferentes. Enquanto Mãe Jacira, através de sua mediunidade, se utilizava de um guia para transmitir as informações ao paciente, do que estaria lhe acontecendo. Na Casa Espírita, os pacientes, ou os frequentadores, através dos estudos, e das orientações recebidas, hauriam dos ensinamentos dos Espíritos, contidos nos Livros da Codificação, os conhecimentos necessários, para gradativamente, deixarem de práticas inconvenientes, contrárias às Leis Divinas, através dessa conscientização, promoviam em si, mudanças na maneira de pensar, e agir, conhecidas como reforma íntima. A própria pessoa através desses esclarecimentos adquiriria os meios de se auto proteger de complicações. A maioria de nossos problemas, somos nós mesmos que os provocamos, os contraímos, e não conseguimos nos libertar sozinhos, quase sempre necessitamos de ajuda, principalmente orientações.

Durante o caminho de volta, Joel refletira na conversa que tivera com Sr. Olegário, poderia ter dito mais coisas, mas os esclarecimentos dos Espíritos devem serem procurados, e assimilados, pela pessoa interessada, à medida de sua capacidade de aceitação, às vezes uma frase mal colocada poderá inibir, ou mesmo afugentar um Espírito despreparado. Os ensinamentos da Doutrina Espírita, não tem preocupação em agradar, quem quer que seja, mas esclarecer, a Lei é a mesma para todos, o réprobo perceberá, que obrigatoriamente colherá aquilo que semeara. Por isso reconhecerá a necessidade da mudança, e à medida do possível, amenizar os males perpetrados.

Como aquele teria sido um ótimo ano para Joel, não via necessidade de protelar seu casamento com Zuma, decidira que no próximo domingo falaria com Sr. Olegário e Dona Zulmira, sobre o assunto, e marcariam a data. Com a namorada já estaria tudo acertado, principalmente depois que conhecera à chácara, onde iria morar, que era sem dúvida, bem mais confortável, e melhor do que onde morava com os pais. Como Zuma fora informada que o pedido de casamento ocorreria no próximo domingo, convidara o namorado, para que viesse para o almoço, e nesse espaço de tempo, falaria com os pais, que de certa maneira, já esperavam por esse acontecimento.

Durante à semana Joel providenciara o par de alianças de ouro, com seus nomes grafados, que depois de marcarem a data, no domingo, passariam usá-las oficialmente, na condição de noivos. Quanto ao casamento no religioso, seria decidido no domingo, caso os pais de Zuma fizessem questão, Joel não se oporia, porque toda sua família também era católica. Outro detalhe a ser discutido, o número de convidados, e o local da confraternização, basicamente seriam esses, os entendimentos a serem definidos.

No domingo pela manhã Joel encilhara o cavalo à charrete, enquanto Olegário e Otogamiz, foram colherem alguns produtos da roça, para reforçar a despensa da casa dos pais, Joel pegara dois frangos graúdos no terreiro, colocaram tudo no compartimento da charrete, vestiram suas roupas de passeio, se aboletaram, e pegaram a estrada, em direção à Vila, depois uma outra que os levariam

até a chácara de Sr. Olegário. Não eram dez horas da manhã, quando chegaram, Dona Zulmira já havia sacrificado um frango de sua criação, Joel desatara os que trouxera, e concedeu-lhes liberdade novamente. Apesar de todos saberem o motivo daquela visita matutina, nada fora comentado, o assunto seria tratado depois do almoço.

Zuma estava especialmente vestida para o evento, usava o vestido longo e florido, que Joel lhe presenteara, quando completara dezessete anos, que a deixara ainda mais bonita, sempre muito feliz, e sorridente. O clima não poderia ser melhor, todos demonstravam estarem emocionados, mas felizes. Sr. Olegário perguntara a Joel, como tinha ocorrido a reunião na Casa Espírita, na noite passada. Joel justificara dizendo, que todos perceberam, e comentaram a ausência dele com sua família. Sr. Olegário dissera, que gostariam ter ido, mas todos os sábados, por enquanto não seria possível.

O almoço simples, mas muito caprichado, e delicioso, ocorrera normalmente. Dona Zulmira sentara ao lado do marido, Zuma agora menos receosa, quanto ao pai, sentara-se ao lado do namorado, e os meninos, cada um numa das pontas da espaçosa mesa. Terminado o almoço, Dona Zulmira apressou-se tirar todos os pratos e as panelas da mesa, e voltara se sentar ao lado do marido. Joel entendera que o momento era aquele, começara dizendo:

— Sr. Olegário e Dona Zulmira, como prometera a vocês, caso eu tivesse condições, e se vocês estivessem de acordo, nesse final de ano, pretendíamos nos casar. Como já estamos no final de outubro, pensamos que para esse

ano não seja possível, mas até o mês de janeiro, temos prazo suficiente para organizar tudo. Queremos ouvir vossa opinião?

Sr. Olegário dera seu parecer: — Acredito que até o mês de janeiro, temos prazo suficiente para organizar tudo, como já dissemos, não temos condições de proporcionar uma grande comemoração, mas faremos uma confraternização bem singela.

— Escrevera uma carta para minha família em Santa Isabel, informando que pretendíamos nos casar até o final do ano. Ficaram tão felizes, que prometeram vir todos para o casamento, e para conhecê-los. Só falta agora informar-lhes a data correta. Ao todo são dez pessoas, todos adultos, de minha parte, daqui pretendo convidar somente Sr. Vicente e Dona Salete.

— Nossa família também é pequena, convidaríamos apenas alguns amigos mais chegados, no máximo vinte pessoas, podemos fazer uma singela comemoração depois do casamento, pode ser realizada aqui em nossa casa mesmo, faríamos um jantar especial, para nossas famílias e nossos amigos.

Zuma levantou-se, foi até a parede retirara o calendário, em forma de folhinha, e entregara a Joel. Que dissera:

— Podem escolherem vocês mesmos, qualquer sábado do mês de janeiro, para mim estará ótimo.

Zuma observando o calendário, olhara para os pais, e dissera: — Posso escolher o dia?

Todos concordaram, ela dissera: — Dia dezoito de janeiro (sábado).

Joel tomando a palavra, explicara: — Conversando com Zuma, percebera que gostaria muito casar-se no religioso, vestida de noiva, receber as bênçãos do padre, na presença dos pais, padrinhos, e convidados, como também acredito ser esse o desejo de toda minha família, que é toda católica, só para que saibam. Os Espíritas não consideram o casamento na Igreja, uma necessidade, mas também nada proíbem, se o padre Mário aceitar, casar-me com Zuma, em sua Igreja, para mim não tem nenhum problema.

Dona Zulmira, dissera: — Pode deixar, eu me entendo com padre Mário, se ele recusar casar vocês, lhe direi, que deixaremos de ser católicos, iremos todos para Casa Espírita.

Joel retirando do bolso uma pequena caixinha, entregara a Zuma, agora sua noiva. Ela já imaginando do que se tratava, a abriu, e mostrou aos pais, pegando a maior delas, onde estava grafado seu nome, colocara no dedo anelar da mão direita de Joel, ato contínuo ele pegara a outra que continha seu nome, colocara no mesmo dedo da mão de Zuma. A seguir foram cumprimentados por todos, Sr. Olegário e Dona Zulmira, demonstravam estarem também muito felizes.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 20/11/2023.



# Encontro de Famílias

**D**E POSSE DA DATA PREVISTA PARA realização do casamento, competia agora a Joel, informar sua família, e mandar o melhor roteiro para se chegar à Vila Esperança, sugerindo que viessem com certa antecedência, que na chácara onde morava, havia alojamento para todos, demonstrando gratidão, se oferecera para pagar metade do custo do transporte. Ao tempo que convidava as duas irmãs, com seus cônjuges para serem seus padrinhos, no religioso, isso se o padre local, não se recusasse em casá-los, pelo fato dele ser espírita.

Joel utilizara algumas horas de seu descanso noturno, para escrever uma carta bem elaborada, municinando

seus familiares, de todas as informações consideradas necessárias, para que a viagem deles, ocorresse sem maiores problemas. Assim decorreria o mês de dezembro, que por si, já é bastante comemorativo, e festivo. Joel e Zuma, sempre acompanhada da mãe, e às vezes também do pai, se desdobraram em providências. Faltando apenas uma semana, para o evento, apenas o vestido de Zuma, que Joel fizera questão de presenteá-la, carecia de alguns pequenos ajustes, mas sem risco de comprometimento. Joel se dera ao luxo de comprar um terno, afinal era a ocasião mais importante de toda sua vida, e ele gostava de estar sempre bem trajado, na presença de Zuma.

Padre Mário que conhecia muito bem Dona Zulmira, não colocara nenhum empecilho para realizar o casamento, somente às exigências de praxe. Nem fora necessário que ela, fizesse uso de seus argumentos para convencê-lo.

Enquanto há centenas de quilômetros, numa pequena cidadezinha do interior do Estado de São Paulo, chamada Vila Santa Isabel, a família Romero, mesmo informada tempestivamente, ainda tratava das últimas providências. Sr. Ângelo Romero, descartara a possibilidade de Joel, pagar pela metade da viagem. Estava decidido que o fretamento do pequeno ônibus, seria dividido em cinco partes iguais, e ele pagaria duas das partes, e não se falaria mais no assunto, e todos concordaram.

Na madrugada de sexta-feira, saíra de Vila Santa Isabel, o micro-ônibus com a família Romero, com destino

a Minas Gerais, mais precisamente para Vila Esperança, onde há um ano e meio chegara Joel Romero, um jovem forasteiro, que nada possuía. Região onde meio século atrás, a família Freitas, predominava absolutos, por possuírem uma enorme fazenda, com muitas cabeças de gado, muitos empregados, e muito dinheiro. Que não admitia a possibilidade, de um jovem pobre, sem expressão, entrar para família, através da via do casamento. Agora os tempos são outros, toda aquela riqueza ainda existia, mas estava em outras mãos. Os remanescentes da família Freitas, agora quase nenhuma riqueza material possuíam, por essa razão não oferecera muita resistência para que o jovem forasteiro, através do casamento entrasse para família. São esses paradoxos, que nos leva compreender, ou melhor, que a Doutrina Espírita, deseja que compreendamos, que à prova da riqueza talvez seja mais difícil de superar, sem nos comprometermos.

Eram quatro horas da tarde, quando o transporte trazendo a família Romero, chegara à Vila Esperança, Sr. Vicente atendendo um pedido de Joel os esperavam, depois de cumprimentar a todos, explicara como se fazia para se chegar à chácara, que ficava apenas cinco quilômetros da Vila, Joel estava lá os esperando. Em poucos minutos o micro-ônibus, deixara à Vila, e chegara ao quintal da casa da chácara. Assim que o motorista desligara o motor, abrira à porta, o pessoal começara descer, e abraçar Joel, num misto de felicidade e lágrimas. Joel havia mudado seu jeito de rapazote, que tinha quando saíra de casa, estava bem mais encor-

pado, e adultos, com jeito de homem. Seus pais não acreditaram quando o viram, mais sorridente, queimado pelo sol, havia se transformado.

Joel dissera a todos, que tomassem um bom banho, descansassem um pouco, depois todos iriam conhecer Zuma, e sua família. Dona Zulmira havia convidado para que todos fossem jantar em sua casa. Faz-se oportuno identificar todos os componentes da família Romero: Sr. Ângelo e Dona Severina, Cícero a esposa Alice, e o filhinho Márcio, Angelina e o marido Josué, Abigail e o esposo Valter, e o casal de gêmeos Sérgio e Sarita, agora com dezesseis anos. E o motorista Sr. Donato.

Como já fizemos entender, o local da chácara de Sr. Vicente, era bem aprazível, um lugar fresco às margens do pequeno rio, casa simples, mas confortável, muitas plantas e frutas no quintal, sombras para conversar, e descansar.

Depois do banho e do descanso para aliviar o cansaço, de mais de dez horas de viagem, Joel fechara à casa e todos entraram no ônibus, e saíram em direção à casa de Zuma. Naquela tarde de sexta-feira, de final de primavera, o pequeno ônibus aportara pelo lado da frente, no quintal da singela residência de Sr. Olegário, que também se localizava às margens do mesmo rio. Assim que o motorista Sr. Donato, desligara o motor, e abrira a porta, Joel descera e fora cumprimentar à noiva e sua família, em seguida passara apresentar seus familiares, às cinco pessoas que constituiriam sua nova futura família. Zuma ao lado do noivo, demonstrando estar muito feliz, cum-

primentera a todos com seu sorriso nos lábios, e muito gentilmente.

Somente nesse momento a família Romero, entendeu à razão da mudança perpetrada em Joel, Zuma era uma pessoa muito especial, muito bonita, simpática, simples e amável. Na cidadezinha onde moravam, Santa Isabel, não existia nenhuma moça que possuísse seus encantos, e seus atributos. Quem poderia imaginar, explicar, e entender, como um matuto como Joel, que abandonara sua família para não trabalhar, percorrera caminhando toda aquela distância, para vir conhecer, e conquistar uma moça tão prendada como Zuma? Como já dissemos, era uma moça simples, sem muita instrução, trabalhava na roça com os irmãos, mas em toda Vila Esperança, também não existia nenhuma moça tão bonita, que possuísse seus predicados.

Desde o princípio propositadamente permitimos transparecer, as razões por que ocorrera esse amor recíproco entre Joel e Zuma. Mas todas aquelas pessoas ignoravam, e nem imaginavam que a felicidade daqueles dois seres, fora cerceada brutalmente, impedida injustificadamente, numa existência anterior, motivada pela intolerância, prepotência, e desconhecimento de pessoas, que se julgavam superiores, só pelo fato de serem usufrutuários de riquezas materiais, culminando em comprometimento de Espíritos que faliram perante a difícil prova das riquezas materiais. Apesar do tempo decorrido, isso ainda acontece com frequência, e está muito presente em nossa sociedade. Por essa razão, fora necessário que nosso algoz, motivado por forças que desconhecemos, se

despojasse de todos seus bens, da forma como acontecera, para que fosse consumado o que nunca poderia ter sido cerceado. Alguém poderia imaginar que essa união seria possível agora, caso Sr. Olegário, tivesse em seu poder toda herança que recebera?

Para o incrédulo a possibilidade de acontecimentos como esses serem possíveis, são pouco prováveis, ou improváveis. Em nossa humilde concepção, como seguidores, e estudiosos da Doutrina Espírita, o fato de Sr. Olegário tornar-se um homem pobre, da maneira como ocorrera, não fora um castigo Divino. Fora uma espécie de autopunição, que inconscientemente cometera, em plena existência, pelos crimes que praticara, pela forma ilícita como se apropriara de tudo, dos meios que se utilizara para obtê-la, e da forma egoísta utilizada para usufruí-la, em detrimento a esposa, e aos seus filhos, seus verdadeiros credores, que tardiamente compareceriam para receberem seus haveres. E agora um grande sentimento de culpa, e impotência fustigava sua consciência pesarosa, da dívida que em vez de amenizá-la, ou saneá-la. Fora potencialmente agravada.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 22/11/2023.



# O Casamento de Joel e Zuma

**D**EPOIS DAS APRESENTAÇÕES E cumprimentos, as mulheres seguiram Dona Zulmira e Zuma, para à cozinha da casa, onde o jantar estava em pleno andamento, e aproveitariam para colocarem os assuntos em dia. Os homens quiseram aproveitarem o restante da luz do sol, para conhecerem o rio, que passava no fundo do quintal, que era bem mais encorpado, que no fundo do quintal da chácara de Sr. Vicente, há seis quilômetros acima, onde Joel morava. Ninguém perguntara nada, mas perceberam o estranho corte das terras de Sr. Olegário, estreito e longo. Voltaram e se sentaram todos, nos bancos de madeira, sob à mangueira. Sr. Olegário perguntara ao pai de Joel, Sr. Ângelo:

— Joel me dissera que trabalhava com o Senhor, em lavouras de café, lá onde moram, ainda continuam trabalhando nesses serviços?

— Continuamos sim, moramos numa região cafeeira.

— O Senhor não me parece ser paulista?

— Eu e minha esposa somos cearenses, da região do sertão do Cariri, apenas meu filho mais velho, o Cícero nascera por lá, meus outros cinco filhos são paulistas, nasceram na mesma Vila, onde moramos até hoje.

— O que dera em Joel para abandonar à família, e sair pelo mundo?

Sr. Ângelo, olhara para o filho, dera um sorriso, e disse: — Acho que Joel tem Espírito cigano, queria conhecer o mundo, viera parar aqui em Minas Gerais, e penso que gostara daqui. Ou encontrara aqui o que procurava.

— Joel aprendera plantar melancias com o Senhor?

— Não, na verdade nunca plantamos melancias, como lavoura.

— Sabiam que Joel, hoje é o produtor de melancias, mais considerado, aqui de Vila Esperança?

— Não sabia. E melancias dá dinheiro?

— Joel já colhera duas ótimas safras, teria ganhado um bom dinheiro com melancias.

Joel estava sentado ao lado do pai, dissera: — Se Deus me abençoar, esse ano pretendo ganhar muito dinheiro, não só com melancias, mas também com abacaxis, e bananas.

Seu pai dissera: — Deus sempre abençoa aquele que trabalha honestamente.

Sr. Olegário perguntara também, em que se ocupavam seus genros, e seus dois filhos, o mais velho e o mais jovem?

Sr. Ângelo respondera, e perguntara: — Josué é pedreiro, trabalha em construções e reformas de casas. Valter é operador de máquinas, trabalha numa empresa do ramo. Cícero é mecânico, trabalha em uma oficina. Sérgio trabalha comigo na lavoura de café. E seus meninos já trabalham?

— Meus filhos trabalham desde os dez anos, agora estão trabalhando com Joel, estão aprendendo cultivar melancias, abacaxis, bananas, batatas, mandiocas, abóboras, e uma variedade de produtos. Penso que esses tipos de lavouras sejam mais lucrativos, que às lavouras tradicionais.

A conversa entre os homens continuava animada, falando sobre trabalhos e lavouras. Quando Dona Zulmira aparecera, e dissera que o jantar estava pronto. Que viessem todos se servirem, e se acomodarem nas mesas. Sr. Olegário na qualidade de dono da casa, levantara-se e reforçara o convite da esposa, se dirigira a um tanque de água, onde lavara, e enxugara as mãos, o que fora imitado pelos demais. Duas mesas grandes foram unidas em suas extremidades, depois de se servirem nas panelas sobre o fogão, costume muito comum nas fazendas, todos se acomodaram, e degustaram o excelente jantar providenciado por Dona Zulmira, com a ajuda de Zuma.

Depois do jantar numa reunião improvisada, foram repassados os compromissos, e os respectivos horários pre-

vistos, para comparecerem no dia seguinte, de manhã seria realizado o casamento no civil, no Cartório local, com um número reduzido de participantes, à tarde a cerimônia religiosa na Igreja, com a presença dos pais, padrinhos, e todos os convidados, ao anoitecer a confraternização na casa do pai da noiva, onde seriam construídas pela manhã, tendas de lonas, mesas e bancos, para que fosse servido o jantar para todos os presentes. Depois da confraternização, Sr. Donato levaria os familiares de Joel, para a chácara de Sr. Vicente onde todos pernoitariam. Joel se dera ao luxo, de reservar um apartamento, em um hotel de uma cidade vizinha, onde iriam passar à noite de núpcias, tudo previamente organizado. Tudo muito singelo e discreto, porque o número de convidados, incluindo os familiares dos noivos, não excederia quarenta pessoas.

No domingo os recém-casados, com suas famílias passariam o dia na casa de Sr. Olegário, e na segunda-feira pela manhã, a família de Joel retornaria, para Vila Santa Isabel, no Estado de São Paulo. E Zuma se mudaria definitivamente para casa onde Joel morava, com seus dois irmãos, Olegário e Otogamiz.

Faz-se oportuno revelar que em todas as etapas do evento, tudo ocorrera na mais perfeita harmonia, sem o menor incidente. Motivados pelas peculiaridades da cerimônia religiosa, compete-nos de conformidade com nossa limitada capacidade de observação, descrever como tudo ocorrera:

No horário previsto para a cerimônia religiosa, Joel vestido à caráter, muito elegante com seu terno escuro,

esperava de pé, em frente ao púlpito. Os quatro casais de padrinhos, igualmente elegantes trajados, também esperavam, porém sentados, no banco da frente, logo atrás os familiares dos nubentes, mais atrás os poucos convidados, e muitos curiosos moradores locais, que não perderiam a oportunidade, de verem moça mais linda da Vila, vestida de noiva. Assim que padre Mário adentrara, fez soar à música eletrônica, Zuma com seu lindo vestido de noivas, de braços com o pai, surgiram na porta da frente da Igreja, cadenciados pelo som da música empolgante, caminharam lentamente, através do espaço central reservado, em direção ao altar, onde o noivo emocionado os esperavam. Assim que se aproximavam, Joel fora ao encontro, cumprimentara ao pai, e recebera dele os braços da filha. Zuma que era naturalmente linda, vestida e maquiada como estava, extrapolara em muito, o que considerávamos beleza feminina. Sua simplicidade, aliada ao seu sorriso meigo, e seu olhar expressivo, a tornava ainda mais bonita, e demonstrava estar muito feliz. Padre Mário fora bem objetivo, e sucinto em sua função, não fizera nenhuma alusão à opção religiosa de Joel, apesar de ter enfatizado à importância, dos casais frequentarem à Igreja juntos, tinha certeza de que logo a esposa debandaria com o marido para a Casa Espírita. Sr. Vicente e Dona Salete, assistiram ao casamento sentados, onde se encontravam os demais convidados. Depois de terminada a cerimônia, os recém-casados, foram cumprimentados por todos, assim que saíram da Igreja.

Sr. Vicente num gesto de superação, fora acompanhado da esposa, pela primeira vez, à chácara na casa do tio, participarem da confraternização, e foram muito bem recebidos por eles, principalmente por Zuma, e Dona Zulmira. A ida de Sr. Olegário com a esposa, e a filha à Casa Espírita, agora a vinda de Sr. Vicente com a esposa, à casa do tio, participarem da confraternização, era um sinalizador promissor, que todos aqueles ressentimentos do passado, seriam finalmente superados.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 23/11/2023.



# Joel, o Intermediário

**D**EPOIS DE PASSAREM UM DOMINGO muito divertido, na casa de Sr. Olegário, Joel e Zuma, acompanhados de sua família resolveram, vir para a chácara de Sr. Vicente, Joel gostaria muito mostrar sua roça para sua família, e poder conversar mais particularmente com seus pais, e irmãos. Se despediram dos pais de Zuma, e antes do entardecer, estavam passeando pelas plantações da roça de Joel. A família Romero estava admirada com a beleza de tudo, por se tratar de uma época bastante chuvosa, as plantações muito bem cuidadas, prometiam ótima produção, como já dissemos, a qualidade do solo da chácara de Sr. Vicente, era apropriada para essa atividade. Realmente Joel havia se transformado em um

trabalhador eficiente. Agora com a presença de Zuma ao seu lado, tudo haveria de ser mais fácil.

Quando Joel lembrara ao pai, que pagaria metade das despesas da viagem, Sr. Ângelo se recusara aceitar, dizendo a ele, que não precisaria se preocupar, que estava tudo acertado com Sr. Donato, que era o proprietário do ônibus. Que fizesse uso desse dinheiro, para saldar outras necessidades. Num clima de cordialidades, conversaram à tarde toda, sentados sob a árvore do quintal, as mulheres previdentes, trouxeram o jantar da casa de Dona Zulmira, cabendo a elas, só o trabalho de o esquentar. Na hora de dormir, Joel fora com a esposa, para seu antigo quarto que ficava do lado externo da casa. Enquanto seus familiares se ajeitaram na casa, como fizeram na noite anterior. Sr. Ângelo dissera ao filho, que pretendiam sair bem cedo, como fizeram quando vieram, para viajarem tranquilos, e chegarem em casa com a luz do dia.

Antes que o dia amanhecesse a família Romero estava de pé, prontos para fazerem a viagem de volta. Todos se despediram de Joel e Zuma, e pediram que assim que pudessem irem visitá-los. E dessa forma haviam realizado a tão sonhada viagem, para reverem Joel, conhecerem Zuma, e sua família, e participarem do casamento deles, que apesar de ter sido tudo muito simples e discreto, transcorreram na mais perfeita normalidade. A impressão que tiveram dos pais de Zuma, fora muito positiva, em todos os momentos, foram muito receptivos e atenciosos, exatamente como dissera Joel, que eram pessoas pobres, e simples como eles mesmos.

Há algum tempo Joel pretendia sugerir algo ao Sr. Olegário, agora na condição de genro, sentia que havia chegado o momento. A chácara de Sr. Olegário muito pouco, ou quase nada produzia, com o casamento da filha, e os filhos trabalhando para ele, ficariam os dois morando sozinhos, o sogro há muito tempo não mais trabalhava. Joel antes conversara sobre o assunto, com a esposa, e os dois cunhados, que apesar de serem muito jovens, eram muito espertos, e tinham discernimentos próprios, e ao ouvirem Joel, consideraram sua sugestão muito boa, mas não saberiam dizer como o pai reagiria.

No primeiro domingo depois do casamento, Joel e Zuma foram visitá-los, e reunidos resolvera expor ao sogro seu pensamento, dissera:

— Sr. Olegário estivemos pensando, e decidimos sugerir que pensassem na possibilidade de venderem a chácara, e comprarem uma boa casa na Vila, e se mudarem, continuarem morando aqui sozinhos, talvez não seria mais interessante, poderiam ter uma vida mais confortável, e entretida lá na Vila.

— Acontece Joel que já tentei vender essa chácara, várias vezes e nunca consegui, por ser uma tira de terras, imprópria para se criar gado, devido à distância da água, e muito árida para agricultura, como você deve ter percebido, tanto que desistimos de continuar plantando. Até os abacaxis produzidos aqui, tínhamos dificuldades vendê-los, por não possuírem o padrão de qualidade, exigido pelos comerciantes. Ninguém interessa investir

numa área de terras como essa, já pensamos nessa possibilidade, mas infelizmente não fora possível.

— Para uma pessoa de fora talvez não seja interessante, mas se oferecêssemos ao vizinho, Sr. Vidigal Azevedo, penso que para ele seja um bom negócio, apenas retirar a cerca, e anexar tudo.

— Acontece que sou brigado com esse senhor, e nem nos falamos mais.

— O Senhor permitiria que eu falasse com ele, e intermediasse a negociação, o senhor apenas definiria o preço da propriedade, e a forma de pagamento, não seria necessário nem se falarem, o que acha da ideia?

— Acho que não vai querer pagar meu preço, e da forma como quero.

— Vamos tentar, caso ele não aceitar, pensaremos noutra possibilidade.

— Quanto terei que pagá-lo por isso?

— A mim nenhum centavo, estaria apenas ajudando resolver o problema. Segundo Zuma, vocês moram aqui isolados, distante de tudo. Se mudassem para Vila, poderíamos visitá-los sempre.

— Se quiser tentar, o preço da chácara é (cento e oitenta mil reais). O pagamento é assim que assinarmos à transferência. Em trinta dias comprometo-me desocupar o imóvel, e nos mudaremos.

— Posso ir falar com ele?

— Se você quiser tentar, tem minha palavra. Às vezes ele possa fazer, uma contraproposta.

Na segunda-feira Joel encontrara o fazendeiro vizinho do sogro, que se chamava Sr. Vidigal Azevedo, na Vila, fora até ele, o cumprimentara com respeito, e chamara para uma conversa particular, oferecera a chácara do sogro para venda. Quando perguntara, quanto Sr. Olegário estaria pedindo pelo imóvel, dissera que seu preço era (duzentos mil reais), pensando que receberia uma contraproposta. Sr. Vidigal dissera apenas que iria pensar, e à tarde iria em sua casa, na chácara de Sr. Vicente, e lhe daria sua resposta. Joel chegara em casa, e nada dissera sobre o assunto à esposa, nem aos cunhados, almoçara e fora trabalhar. A briga de Sr. Vidigal, com Sr. Olegário, se dera várias vezes, pelo mesmo motivo, às cercas que pertenciam ao Sr. Olegário não eram boas, e o gado dele entrara em suas terras várias vezes, ele reclamava ao vizinho, Sr. Vidigal dizia para que ele simplesmente arrumasse suas cercas, como sua parte eram mais de dois quilômetros e meio de cercas danificadas, Sr. Olegário nunca conseguira resolver o problema, e a desavença permanecia.

À tarde quando Joel chegara da roça, logo recebera a visita do fazendeiro, que viera em sua camioneta, o cumprimentara com respeito, e fora logo ao assunto, em poucas palavras dera seu parecer, sobre a proposta que recebera, dissera apenas:

— Fale para seu sogro, Sr. Olegário que aceito sua proposta, mandarei redigir um contrato, no escritório de Sr. Lucas, ele e a esposa passam lá amanhã, peçam que o leiam, se estiverem de acordo, é só assinarem, depois levarei ao Cartório para providenciar a transferência, assim

que comprovarem que se encontra livre e desembaraçado, de qualquer impedimento, estiver tudo assinado, efetuei o pagamento integral, depois lhe recompensarei pelo seu trabalho. E parabéns pelo seu casamento, com a filha dele, desejo que sejam muito felizes.

— Muito obrigado, amanhã pela manhã irei até sua casa e o avisarei.

— Uma boa noite, a todos vocês.

No dia seguinte pela manhã, Joel saíra bem cedo de casa, margeando o rio, caminhando a pé, chegara à casa do sogro, ao nascer do sol, Dona Zulmira coava o café na cozinha, Sr. Olegário tratava os porcos e as galinhas no quintal, quando ouvira o latir dos cachorros, e vira Joel chegar pelos fundos da casa. Joel o cumprimentara com um largo sorriso, e lhe dissera:

— Bom dia Sr. Olegário, vim avisá-los que o sítio do Senhor fora vendido.

— Assim tão rápido? Vamos tomar um café lá dentro, e me diga como fora.

Dona Zulmira até se assustara, ao ver o genro chegar assim tão cedo em sua casa, perguntara: — Bom dia Joel, acontecera alguma coisa, para vir assim tão cedo?

— Bom dia Dona Zulmira, acontecera sim, vim avisá-los que vosso sítio fora vendido. Ontem pela manhã, estava no mercado de Sr. Bertoldo entregando meus produtos, vira Sr. Vidigal conversando na rua, com uns senhores, fora até lá e dissera que queria lhe falar em particular, assim que se afastara do grupo, lhe fizera a proposta de venda do sítio. Na hora me dissera apenas que

iria pensar, à tarde iria até onde moramos para dar sua resposta. Chegando em casa, não quisera dizer nada a Zuma, nem aos meninos, almocei e fui para o trabalho, quando chegamos à tarde da roça, vimos chegar à camioneta dele. Fora ao seu encontro e me dissera, que aceitava a proposta. Que agora de manhã iria ao escritório, mandaria Sr. Lucas, redigir o contrato de compra e venda, para vocês irem até lá depois, pedirem que o lessem, se estivessem de acordo, o assinarem, ele o levaria ao Cartório de Registro de Imóveis, e daria entrada na transferência, assim que os papéis fossem assinados no Cartório, efetuaria o pagamento integral.

Sr. Olegário servira o café ao genro, e dissera: — Se é como está dizendo, você poderia nos acompanhar até o escritório, para ajudarmos interpretar se está tudo de conformidade com o que dissera a ele?

— Perfeitamente Sr. Olegário. Dissera a Zuma, antes de sair de casa, que fizesse o almoço, que depois de assinarem o contrato, no escritório, os levariam para almoçarem conosco, em nossa casa. Ela ficara muito feliz, e dissera que ficariam nos aguardando. A respeito do valor do sítio, pensando que Sr. Vidigal, faria sua contraproposta, dissera a ele que o valor do sítio, era (duzentos mil reais), pensando que ofereceria o que o Senhor pedira, como não dissera nada, o sítio fora vendido por esse valor, que deverá constar no contrato.

Sr. Olegário ficara tão surpreso, que dissera sem raciocinar: — Se tudo der certo, essa diferença faço questão em presenteá-lo.

— Deus vai abençoar, e tudo dará certo, mas isso Sr. Olegário, não posso aceitar, estivera pensando, que em vez de comprar apenas uma boa casa, vamos trabalhar, pesquisar bastante, e comprar duas boas casas, poderá alugar uma delas, e ter uma renda mensal.

— Você acha que isso seria possível?

— Acredito que sim, é só não nos precipitarmos, pesquisar bastante, encontrar os imóveis adequados, e fazer a proposta, sempre existem aqueles que têm urgência, e necessitam vender.

Conversaram mais um pouco, depois Joel fora buscar o cavalo no pasto, o encilhara à charrete, assim que o sogro e a sogra, trocaram suas roupas, e fecharam às portas da casa, indicando que estavam preparados para irem. Os três se ajeitaram na charrete desconfortável, e saíram em direção à Vila, cujo percurso não se fazia com menos de uma hora. Quando chegaram ao escritório, o proprietário os recebeu, dizendo que já havia redigido o contrato, e o comprador inclusive já havia até assinado. Entraram em uma sala privativa, sentaram-se em cadeiras, Sr. Lucas de posse de duas laudas, começara ler em voz alta, bem cadenciada. E o teor das cláusulas do contrato, refletia exatamente, às condições estipuladas por Sr. Olegário, qualificado simplesmente como vendedor. E o Sr. Vidi-gal Azevedo, qualificado simplesmente como comprador, se comprometia pagar pelo imóvel, assim que a transferência fosse autorizada em Cartório, em espécie ou em cheque visado, conforme o vendedor exigisse, a importância de (duzentos mil reais).

Sr. Olegário olhara para o genro, e pelo gesto que fizera, deixara entender, que fora exatamente naqueles termos o que havia dito ao comprador. Sr. Olegário levantara-se e fora até à mesa de Sr. Lucas, e assinara onde constava seu nome, depois Dona Zulmira fizera o mesmo, assinando onde constava seu nome, na qualidade de cônjuge. Até Joel assinara na condição de uma das testemunhas. Sr. Lucas esclarecera que Sr. Vidigal, levaria o contrato naquele mesmo dia, até o Cartório de Registro, se não existisse nenhum impedimento legal, daria entrada na transferência, assim que tudo fosse realizado, entrariam em contato, talvez nem fosse necessário irem até o Cartório, para assinar. Às vezes o próprio Cartório, levava o Livro até a casa dos vendedores, para o acolhimento das assinaturas.

Não obstante Sr. Olegário não ter compreendido essa parte, nada dissera, simplesmente concordara. Depois de receberem uma cópia do contrato, se despediram do proprietário do Escritório, e saíram felizes em direção onde estava a charrete. Depois de quase vinte anos, Sr. Olegário retornaria à chácara do sobrinho, Sr. Vicente, mas esse fora um fato tão deprimente que acontecera em sua vida, que nem seria bom lembrar.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 25/11/2023.





# Só Boas Notícias

**Q**UANDO CHEGARAM À CHÁCARA, Zuma ainda envolvida com o almoço, seria no máximo dez horas da manhã, depois de cumprimentarem se, tomando à benção dos pais, Dona Zulmira propôs ajudá-la, ela abraçando à mãe, a conduzira para dentro da casa, Joel convidara ao sogro para conhecer sua roça, onde os filhos Olegário e Otogamiz, estavam trabalhando, acompanhados de mais dois diaristas, ao verem o cunhado acompanhado do pai, foram cumprimentá-lo, tomando sua benção. Nessa ocasião a área da chácara ocupada com as plantações, aproximava-se da metade. Além dos dois cunhados, Joel se utilizava da ajuda de alguns vizinhos, na qualidade de diarista, pois o trabalho aumentava na proporção que a roça crescia em tamanho.

Joel comentara com o sogro, que estaria pensando à curto prazo, primeiro, adquirir um pequeno trator agrícola, para ajudá-los na conservação das lavouras, e para transportes dos produtos ao mercado. Segundo instalar energia elétrica na chácara. Sr. Olegário considerara duas excelentes ideias, até então não imaginava que aquelas terras do sobrinho, possuísem fertilidade, tão apropriadas para esses tipos de culturas. Joel dissera a ele, que Sr. Vicente sempre utilizara aquela área como pastagens, mas sua experiência fora tão positiva, que hoje com a metade da área da chácara, já obtinha renda dez vezes superior, que toda área produzia anteriormente. Que sua intenção era produzir cada vez mais, economizar, porque sabia que no futuro, Sr. Vicente já havia avençado que acabaria vendendo, e sua intenção era comprá-la. Sr. Olegário entendeu que o genro não estava sonhando alto, nem dizendo besteiras, que sua pretensão era perfeitamente viável, e possível. Joel era jovem, trabalhador, e pensava positivamente no futuro, um excelente exemplo para seus dois filhos, que necessitavam aprenderem trabalhar, da maneira correta.

Depois de percorrerem quase toda área cultivada, Joel convidara o sogro, e aos cunhados para voltarem para casa, que certamente o almoço já estaria pronto. Quanto mais Sr. Olegário conhecia o genro, e suas intenções, mais o admirava, e se orgulhava dele, como era exímio observador, percebera que não era do tipo aproveitador, e o mais importante, que a filha estava muito feliz ao seu lado, e isso era o que importava. E Joel estava disposto fazer tudo

ao seu alcance para não decepcionar, nem a ele, nem à sogra, Dona Zulmira sempre demonstrara acreditar nele, e dar todo seu apoio, para fortalecer seu relacionamento com Zuma. Essa sem dúvida é a melhor maneira de se relacionar, cada qual fazendo à parte que lhe compete.

O almoço ocorrera tudo dentro da normalidade, assim que almoçaram, Sr. Olegário convocara a esposa a pegarem a estrada, voltarem para casa, afinal era uma terça-feira, dia normal de trabalho, e ele pretendia refugiar-se à beira do rio, para concatenar os últimos acontecimentos, a verdade que há muito tempo, esperava que isso acontecesse, morar naquele lugar, agora sem a presença dos filhos, seria ainda pior, vender a chácara por aquele valor, fora uma realização que não esperava. E tudo haveria de correr bem, assim que tivesse o dinheiro em mãos, tentariam realizar o que Joel sugerira, comprar duas casas, em vez de uma, alugaria uma delas, e obteria uma renda adicional. Afinal o que poderia mais esperar da vida? Quando se fosse, a esposa não ficaria totalmente desamparada, os filhos não eram preguiçosos, certamente aprenderiam se virarem sozinhos, assim como já estavam se virando. Eram com esses pensamentos que Sr. Olegário, voltava calado para casa, sentado no banco da charrete ao lado da esposa, comandando o cavalo manso, que ia com seu passo monótono, sem muita pressa para chegar.

Passado uma semana Sr. Olegário receberia a presença do Cartorário em sua casa, havia levado com ele, O Livro de Registros de transferências de imóveis, para se

rem assinados, por ele e a esposa. Sr. Olegário perguntara se havia trazido o dinheiro, ou o cheque visado, como o comprador prometera que faria, Sr. Candinho dissera que certamente depois Sr. Vidigal viria pagá-lo, o Cartorário ouvira do vendedor o seguinte: — Volte lá, fale para Sr. Vidigal, que só assinaremos depois de recebermos, o pagamento.

Não restara uma alternativa ao Sr. Candinho, a não ser, ir atrás do comprador, e trazer o cheque visado, em nome de Olegário de Freitas. Para quem não sabe, cheque visado, é um cheque emitido pelo Banco, em nome do favorecido, com todas as garantias, que não será devolvido. Pois o Banco já retirara previamente, o respectivo valor da conta de seu cliente, e depositara numa conta exclusiva para uso do Banco. Mediante o recebimento do cheque visado, Sr. Olegário e Dona Zulmira, assinaram no Livro satisfeitos. Não queremos fazer entender, que os mineiros sejam pessoas desconfiadas, diríamos zelosos.

Como era ainda pela manhã, almoçaram depois encilharam o cavalo à charrete, e foram para a chácara onde moravam o genro e à filha, Disseram a Joel que já estavam de posse do cheque, produto da venda da chácara, que gostaria que ele os acompanhasse para ver algumas casas que se encontravam a venda na Vila. Joel encilhara seu cavalo a sua charrete, convidara Zuma, para que os acompanhassem. Lá se foram as duas charretes, com os dois casais, em direção à Vila. Como Sr. Olegário, possuía uma conta bancária, primeiramente depositaram o valor do cheque em sua conta. Agora era procurar com toda

calma, o imóvel, ou os imóveis que atendessem suas necessidades.

Joel encontrando Sr. Vicente, dissera a ele a razão de sua ida à Vila, naquelas horas, e soubera através dele, de uma excelente residência que se encontrava a venda, próxima a sua casa. Encontrando os sogros, e a esposa, decidiram verificarem a informação do amigo. Realmente se tratava de uma excelente residência, muito bem construída, e localizada, mas o preço comprometia mais da metade do valor da venda da chácara. O proprietário pretendia vendê-la, para se mudar com a família para o sítio que havia adquirido recentemente. Joel instruíra Sr. Olegário, oferecer exatamente metade do valor que possuía, e dizer que não tinham pressa, continuariam olhando outros imóveis. Como Dona Zulmira e Zuma, se apaixonaram pela residência, decidiram voltarem para suas casas, e aguardarem os acontecimentos. No dia seguinte o proprietário do imóvel, procurara Sr. Olegário, para dizer que aceitava sua proposta, que no máximo em quinze dias. O imóvel estaria desocupado.

No prazo prometido o proprietário havia desocupado o imóvel, nesse espaço de tempo, Sr. Olegário vendera as poucas coisas que possuía na chácara, como os porcos, as galinhas, a vaca de leite, o cavalo e a charrete, se mudaram para a casa que comprara. A partir de então, passara frequentar na companhia de Dona Zulmira, todos os sábados à noite, às reuniões na Casa Espírita. Faz-se oportuno dizer que depois do casamento, Zuma e seus dois irmãos passaram frequentar à Casa Espírita, juntamente

com Joel regularmente, como também fora restabelecida as amizades de Sr. Olegário, e do sobrinho Sr. Vicente, que agora conversavam normalmente.

O tempo passara célere, havia se passado um ano que Joel e Zuma haviam se casados. Lá na pequena Vila Santa Isabel, Dona Severina varria entretida, a calçada de sua casa, vira o carteiro passar na rua próxima, ficara pensando, nunca mais recebera uma só carta do filho ausente, assim que entrara para dentro, alguém batera palmas em sua porta, saíra e reconhecera o funcionário dos Correios, com uma correspondência para lhe entregar. Antes de receber a carta, perguntara o nome do remetente, ele lhe dissera, Joel Romero, ela sorriu de alegria, e imediatamente fora nas casas dos filhos casados, avisá-los.

À tarde quando Sr. Ângelo e Sérgio chegaram do trabalho, ouviram falar sobre a carta, o filho pedira para ler, Dona Severina se negara entregar, dissera que somente depois que todos chegassem. Como das vezes anteriores, Angelina que estava grávida de quatro meses do primeiro filho, fora quem lera emocionada. Joel elencara uma série de boas notícias, que acontecera naquele ano. Começando por informar, que lá nas Minas Gerais, na pequena Vila Esperança, tudo estava caminhando muito bem. Primeiro: A mudança de Sr. Olegário e Dona Zulmira, para a casa adquirida na Vila, com a venda da chácara. Segundo: A excelente terceira colheita de melancias que fizera, que conseguira superar as duas primeiras. Terceiro: A compra à vista, que fizera do pequeno trator novo, com os implementos, e a carreta, que facilitaram

muito suas vidas. Quarta: Que agora a chácara possuía energia elétrica, que à noite tinham lâmpadas acesas para iluminar tudo, bomba no poço, geladeira, freezer, televisão, chuveiro elétrico, entre outros. Quinto: Que Zuma estava em seu quarto mês de gestação. Sexto: Se antes já eram felizes, a felicidade deles em apenas um ano havia se multiplicado muitas vezes. Sétimo: Que à Casa Espírita se tornara pequena, para comportar o número de seus frequentadores, nas noites de sábado. Oitavo: Que se comprometiam, depois do nascimento do filho, ou da filha, lá pelo meio do ano, acompanhados dos sogros, iriam visitá-los.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 27/11/2023.





# Epílogo

**S**E ANALISARMOS ÀS CONQUISTAS DE Joel nesse seu primeiro ano ao lado de Zuma, poderíamos considerá-las singelas, o mais importante não era o progresso material conseguido, mas o fato de estarem muito felizes. Com seu jeito matuto de ser, sua índole pacífica, cada vez mais conseguia unir às pessoas, e desfazer desentendimentos do passado, que só atrapalhavam à vida desses envolvidos. Joel em pouco tempo se tornara uma referência local, na produção de alimentos, supridor dos mercados locais, com produtos de excelente qualidade.

Sr. Olegário conseguira adquirir um outro imóvel residencial, um pouco inferior ao que passara morar, que lhe proporcionava uma pequena renda mensal. Depois que passara frequentar à Casa Espírita, apesar de não ser

um estudioso, como eram Joel e Sr. Vicente, devido suas limitações em leitura e entendimento, para quem o conheceu, como a esposa e os filhos, percebiam que havia mudado muito, para melhor. Suas crises não desapareceram completamente, mas aprendera administrá-la sem se perturbar como acontecia antes. Isso não significa que tenha resgatado seus equívocos do passado, mas o fato de deixar de contrair outros, era sem dúvida um sinalizador bastante promissor.

Dona Zulmira que sempre foi muito resignada, havia se adaptado muito bem morando agora na Vila, tornara-se ao lado de Dona Salete, grandes colaboradoras da causa Espírita, com seus modos humildes, influenciavam positivamente Zuma, que aos poucos também passara se interessar mais pela Doutrina Espírita.

Olegário Filho e Otogamiz, cada vez mais tornavam-se imprescindíveis para os planos de Joel, sem eles as coisas não seriam como eram. Joel e os dois cunhados, além de combinarem muito bem, tinham um projeto para um futuro de médio prazo. Adquirirem um mercado na Vila, para comercializarem seus próprios produtos, caso isso não fosse possível, pensavam na possibilidade de adquirir um bom terreno, estrategicamente localizado, construir um prédio, e abrir um supermercado, que atenderia suas pretensões, e sem dúvida, impactaria aos comerciantes locais. Mas seria muito bom para população local.

O relacionamento e a parceria de Sr. Vicente com Joel eram tão satisfatórios, que numa conversa informar, dissera que não mais pretendiam vender a chácara. Como

não tinham herdeiros, ele e Dona Salete haviam deliberado que a doariam a ele, com reserva de usufruto vitalício. Imediatamente Joel dissera que não aceitava essa doação, que quando juntasse dinheiro suficiente, preferia comprá-la. Sr. Vicente dissera, que não iria discutir sobre esse assunto, que já haviam decidido, e ponto final. Joel muito discreto, nada dissera a ninguém sobre o que ouvira do amigo, nem mesmo à esposa, mas pelo que o conhecia, ele estava sendo sincero, com essa demonstração de carinho e consideração, mais Joel os estimavam.

Passadas algumas semanas Joel recebera uma carta de Angelina, que lhe dissera de sua gravidez, e da felicidade que à série de suas boas notícias proporcionaram à família. Que talvez sua visita a eles, deveria ser adiada, por alguns meses. Sarita sua irmã caçula, e o namorado Adélio, pretendiam se casar no mês de setembro, ou em outubro, e faziam questão de tê-los como padrinhos, para que aguardassem novas notícias.

Antonio Martines Brentan  
São Sebastião do Pontal - MG, 28/11/2023.

*Fim*





